FUNDADOR — JOAQUIM MANSO SÁBADO, 14 DE MARÇO DE 1959 ANO 39.º — NÚMERO 13 025

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MÁRIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155 REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SÁ
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

O Exército americano está apto

a servir-se das armas nucleares

logo que Eisenhower dê o seu consentimento

— declarou o general Maxwell Taylor

WASHINGTON, 14 — «No caso de guerra com a União Soviética, por causa de Berlim, só as tropas americanas, francesas e inglesas entrariam inicialmente na batalha do lado ocidental» — declarou o general Maxwell Taylor, chefe do Estado-Maior do Exército americano, numa reunião ultra-secreta da subcomissão senatorial sobre o estado de preparação militar dos Estados Unidos.

Extractos das declarações do general, feitas na passada quarta-feira, foram ontem conhecidos por intermédio do senador democrático Lyndon Johnson, presidente da subcomissão.

Interrogado sobre a situação militar, tal como se apresenta para as nações ocidentais, na Alemanha e em Berlim, o general, que comandou as tropas americanas, na antiga capital alemã de 1949 a 1950, declarou poderem as tropas soviéticas apoderar-se de Berlim e da Alemanha-Oeste, imediatamente, se recebessem uma ordem para um ataque de surpresa, mas acrescentou que as forças americanas estavam prontas a bater-se, agora ou em qualquer outro momento, numa guerra limitada, desde que se possa dispor de transportes aéreos e navais. Disse, depois, estar o Exército americano pronto a servir-se em qualquer momento de armas nucleares, se isso trouxesse vantagens para o Ocidente e se o presidente Eisenhower desse, é claro, o necessário consentimento.

Falando da ponte aérea de 1948-1949, revelou que os chefes militares americanos consideram hoje que essa ponte foi um erro e que os Americanos deveriam ter tentado forçar o bloqueio soviético, por meio de comboios militares, para conhecerem as verdadeiras intenções russas. E acrescentou: «Não saberemos nunca até onde a U. R. S. S. teria ido para manter o bloqueio pela força. Com a ponte aérea, os Estados Unidos cederam frente a um desafio que não passava talvez de um «bluff».

O senador Johnson perguntou qual seria a atitude dos Estados Unidos se os Alemães de Leste tentassem bloquear pela força os comboios americanos para Berlim, depois de 27 de Maio. O general respondeu que não deviam os Estados Unidos deixar-se impor um

(Continua na última página)

A princesa Margarida, ao deixar Londres, numa viagem recente

A princesa Margarida

não obstante a simpatia que irradia limita o círculo dos seus íntimos à alta aristocracia

LONDRES, 14 — Apesar da afável simplicidade da princesa Margarida, são raras as pessoas que entram no círculo da sua intimidade sem pertencerem á aristocracia. Um dos motivos deste facto é que a princesa, pelas circunstancias que a rodeiam, tem muito poucas oportunidades de conhecer elementos de outras classes.

Além disso, apesar da sua acolhedora gentileza, a irmão da rainha Isabel desencoraja por natureza todas as formas de familiaridade, mesmo junto de amigos há muito conhecidos: só ao fim de muito tempo pode esperar-se chegar a conhecer a «verdadeira» princesa Margarida.

Junto dos Norte-Americanos—como Danny Kay e Sharman Douglas, filha de um antigo embaixador dos Estados Unidos em Londres — cos-

(Continua na 4.ª página)

Diario de Lisbôa
publica hoje
32 páginas
nas quais se inclui
MAGAZINE
2.ª TIRAGEM

O malogro

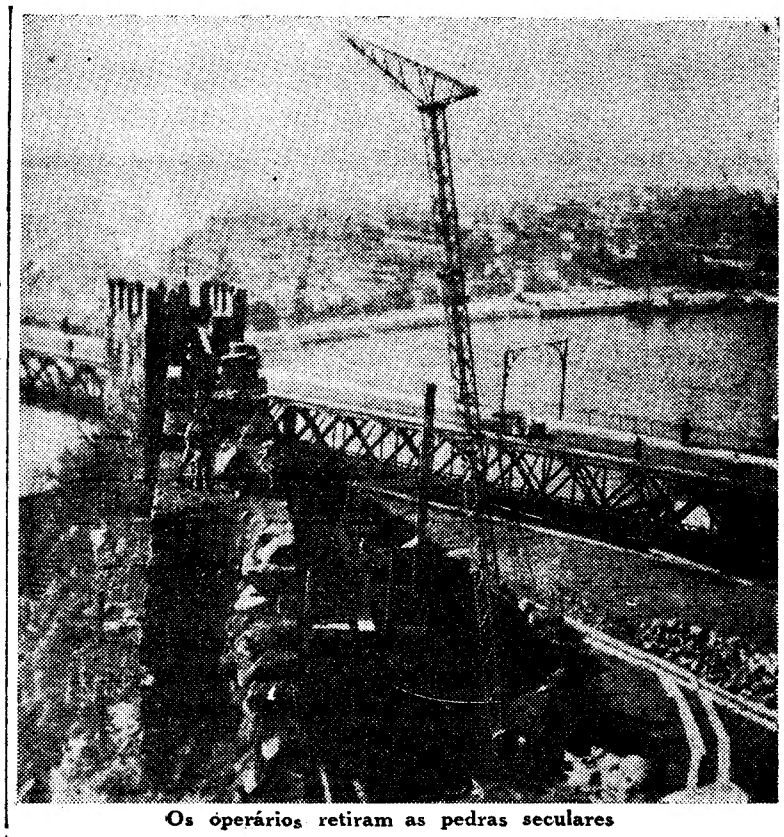
das negociações diplomáticas germano-jugoslavas

BONN, 14 — O ministro dos Negócios Estrangeiros, von Brentano, confirma que se malograram os contactos entre Bonn e Belgrado, com vista ao restabelecimento das relações diplomáticas, interrompidas no Outono de 1956 quando a Jugoslávia reconheceu o Governo da R. D. A. De origem oficial, não se explicam os motivos do malogro dos contactos germano-jugoslavos. — (France Presse).

Nota do dia

Impunidade

No seguimento de uma campanha de segurança no transito, as autoridades francesas conferiram a determinados condutores de reconhecida integridade moral e competência técnica poderes de fiscalização iguais aos da própria Polícia em casos em que aquela não está presente. A decisão pode não ser simpática, mas tem-se revelado eficaz em muitas emergências, visto não poder colocar-se um polícia ao lado de cada transgressor, como não pode postar-se de antemão um bombeiro ao lado de cada incêndio. E a verdade é que ninguém melhor do que um condutor está em condições de avaliar os riscos de uma manobra perigosa ou as perturbações causadas ao transito por uma falta cometida na estrada ou na via publica por outro condutor. E como ele próprio não gostaria de ser injustamente chamado á responsabilidade, não é de admitir que acusasse os seus pares de animo leve e sem motivo justificado. Quer-nos parecer que esta medida poderia contribuir, até certo ponto, para aumentar a segurança no transito (assim o pensaram as autoridades francesas) suprindo a ausência dos polícias, que não podem estar em toda a parte, e dando a certos condutores irresponsáveis a consciência dos perigos que correm e das sanções em que incorrem, quando estão convencidos de que a falta que cometeram não foi vista por um agente da Polícia — e sentem que se encontram a coberto da impunidade.



Os operários retiram as pedras seculares

A muralha fernandina

cenário da tragédia dos Guindais parece que não ameaçava ruína

PORTO, 14. — Muito se tem dito e escrito, ultimamente, sobre a vetusta muralha fernandina, pequeno pano ameado, reliquia de alguns séculos, da qual, há dias, ruiu quase pelo centro uma pequena parte do lado exposto ao Nascente, isto é, sobre a alcantilada escarpa dos Guindais, pois do lado oposto, dada a firmeza da sua base, esta sobranceira ás escadas do Codeçal, só á custa de grande esforço do pessoal trabalhador das Obras Publicas tem sido possível desmontá-la, como se sabe, para facilitar, sem perigo, o trabalho da remoção dos escombros provocados pelo trágico desmoronamento ocorrido no passado dia 5.

Diga-se, a talhe de foice, que este mês de Março é, de certo modo, fatídico para a gente do Porto. Foi em Março que se deu a catástrofe da Ponte das Barcas, quando das invasões napoleónicas, em Março, deu-se, á entrada da barra do Douro, o naufrágio do vapor «Porto», em que morreram numerosas pessoas das mais distintas famílias desta cidade; foi em Março o pavoroso incêndio do Teatro Baquet, calculando-se que, embora nunca se soubesse ao certo qual o seu numero, tivesse havido umas quatrocentas vítimas; ainda em Março, deu-se em Miragaia uma terrível explosão de bombas, que vitimou numerosas pessoas; e agora, para finalizar esta longa série de fatalidades, houve a tragédia dos Guindais, que levou á morte oito vítimas da fatalidade do destino, sem contar com a triste sorte dos sobreviventes, que tudo perderam.

*

A tragédia dos Guindais suscitou imprecações á velha e secular reliquia, a qual, imponente na sua força, resistiu sempre á acção corrosiva dos tempos, ás oscilações baro-

(Continua na página central)

Fotografia do Sol

a 200 kms. da Terra

POLÍGNO DE TIRO DE WHITE SANDS, 14 — Um foguetão «Aerobee H-1» da Marinha americana foi ontem lançado a mais de 200 quilómetros de altitude, a fim de fotografar o Sol, sem qualquer intromissão da atmosfera.

As fotografias feitas durante a experiência serão examinadas pelo Laboratório de Pesquisas da Marinha. — (F. P.).

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

Uma doença que tende a desaparecer (1)

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

A HISTÓRIA da sífilis é muito velha. Os séculos somaram-se e ruíram-lhe a idade. Quantos? Oito séculos antes de Cristo já andava pelo Mundo a fazer das suas, a marcar a presença nos ossos rilhados pelo tempo (Douglas Guthrie «A history of medicine». Londres, 1958, e F. S. Bondenheimer, «History of Biology». Londres, 1958).

Tem, porém, uma data célebre (1905), quando Schaudin e Hofman assinalaram, pela primeira vez, o agente destruidor, infectante, o «Treponema Pallidum». Passado um ano

(Continua na 6.ª página)

Visado pela Comissão de Censura

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

A passagem de modelos
para a Primavera e Verão de Carmen Garcia

Noticiámos anteontem, com o relevo que o acontecimento merecia, a passagem de modelos de alta costura de D. Carmen Garcia, que como sempre sucede, constituiu um assinalado êxito pela beleza e inéditismo dos modelos apresentados.

Todavia, em consequência de um lapso que, por certo, por todos os leitores foi notado, o título da notícia não correspondia ao texto, pois que, como é óbvio, os modelos apresentados são para a Primavera e Verão.

«Ou sim, ou não!»

CONCURSO

Ou Sim, ou Não!

Nome .....

.....

Morada .....

.....

Telef. .....

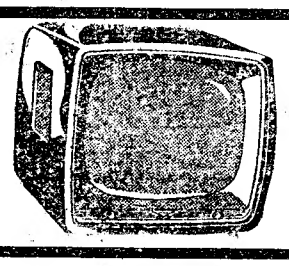
IMPORTANTE: — Serão eliminados os boletins que não forem cortados pela linha ponteada, que não venham escritos em letra bem legível, ou se apresentem colados em bilhetes postais, papeis ou cartões.

Juntamente com os principais jornais diários do País, voltamos hoje a publicar o boletim de inscrição do já popular concurso «Ou sim, ou não!», promovido pela Radiotelevisão Portuguesa. Este boletim será publicado diáriamente, até ao próximo dia 22.

Como os leitores do «Diário de Lisboa» já sabem, para concorrer a «Ou sim, ou não!» bastará enviar á R. T. P., devidamente preenchido, o referido boletim. Os concorrentes terão, ainda, de observar as seguintes regras: os boletins devem ser recortados a direito, pela linha limite que os contorna; indicarem o nome e a morada dos concorrentes, de forma bem legível e de modo a não suscitarem qualquer duvida acerca da identificação dos mesmos concorrentes; e não se apresentarem marcados ou colados em bilhetes postais, papéis ou cartões.

A não observancia de qualquer destas normas determinará a anulação dos respectivos boletins, que devem ser encerrados em sobrescritos e dirigidos a: Concurso «Ou sim, ou não!», R. T. P. — Radiotelevisão Portuguesa, S. A. R. L. — Rua de S. Domingos, á Lapa, 26. Lisboa-3.

Cada sobrescrito pode incluir vários boletins, até mesmo boletins de vários concorrentes.



KÖRTING 43 cm.
ESC. 6.250$00
POR MÊS 286$50
O MELHOR TELEVISOR
R. T. P. — PORTO — LISBOA
KORTING — P. D. JOÃO I, 39 PORTO

Veja a Televisão
Mas defenda os seus olhos.
Com os óculos próprios de protecção.
Exclusivo de:
GIL — OCULISTA
138, Rua da Prata, 140
LISBOA Telefones: 25881-22829

Vendas a prestações de tecidos de novidade para Senhora e para Homem.
TECIDOS ALVINIZ
16, Largo do Carmo

ACABA DE APARECER
O LIVRO
A CIDADE LONGÍNQUA
DE
A. PINHEIRO GUIMARÃES

EM 3 LINHAS

Foi criada uma comissão interministerial permanente para promover a coordenação das actividades dos departamentos dos Ministérios da Educação e da Saude, que se ocupem de problemas relativos a sectores semelhantes.

///

A Camara Municipal do Porto receberá uma comparticipação de 1.173.332$00, para a construção do grupo de moradias populares de Agra do Ameal, naquela cidade, e outra de 1.566.665$00, para a construção do bairro junto á Rua do Dr. Manuel Laranjeira.

///

Na vaga deixada pelo sr. dr. Rui de Azevedo Guimarães, foi nomeado para o cargo de secretário-geral do Estado da India o sr. dr. Gustavo Neto de Miranda.

///

O «Diário do Governo »publicou as listas de antiguidades do pessoal do Serviço Meteorológico Nacional e dos funcionários dos quadros da Direcção-Geral de Assistência e da Inspecção de Assistência Social.

///

O engenheiro Duarte Abecasis foi nomeado delegado do Governo junto da Companhia Nacional de Electricidade.

///

O primeiro-tenente Nuno Henrique do Vale e Almeida foi nomeado comandante do navio hidrográfico «Carvalho Araujo».

///

Para comandar o caça-minas «Salvador Correia» foi nomeado o primeiro-tenente José Emílio Estiveira Cabido de Ataíde.

///

Foram aprovados o quadro e os vencimentos do pessoal assalariado do Colégio Militar.

///

São de 2.000 e 340 contos, respectivamente, os orçamentos, para 1959, das missões hidrográfica do arquipélago de Cabo Verde e de estudos dos movimentos associativos em Africa.

///

O eng. Luís de Castro Ferreira de Carvalho passa a chefiar, por conveniência de serviço, a Repartição de Conservação da Direcção dos Serviços Fluviais.

///

O dr. Luis Cirne de Castro foi exonerado, a seu pedido, de delegado do Comissariado do Desemprego no distrito de Viseu.

///

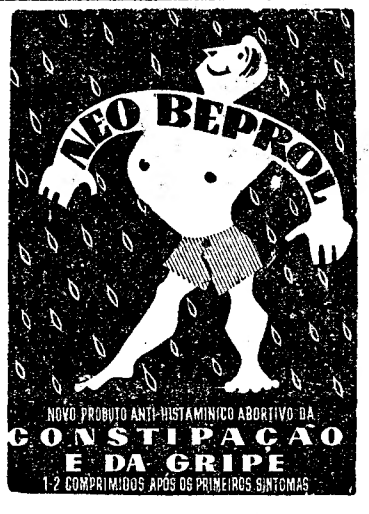
Foi publicada a lista de classificação dos 714 candidatos ao concurso para guardas florestais de 3.ª classe.

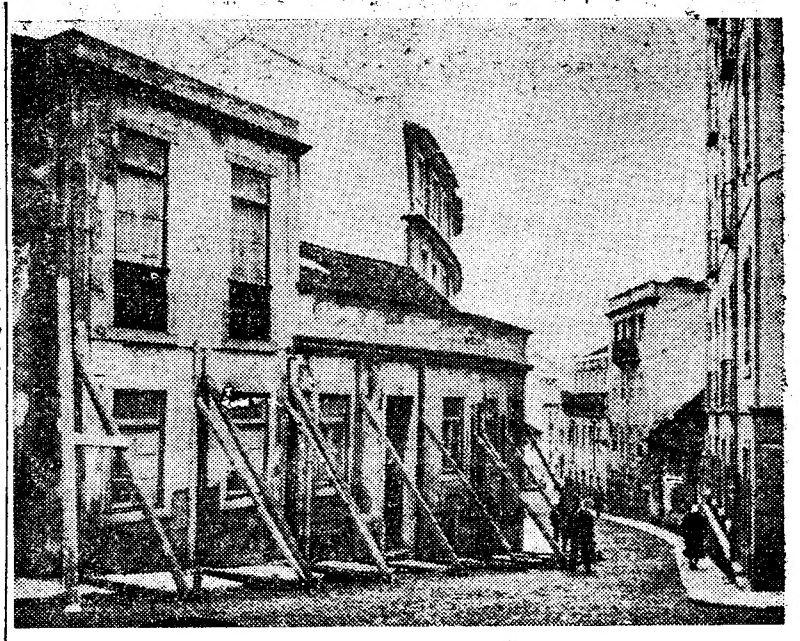
///

O dr. João Francisco de Almeida Policarpo foi designado para participar nos trabalhos do Conselho Superior de Previdência Social.

O CASO DA MULHER
que caiu ao Tejo

A Polícia Marítima — que não procedeu a investigações sobre o caso daquela mulher que caiu ao Tejo, com dois filhos, um dos quais morreu, enviando logo o processo para a Polícia Judiciária — está, no entanto, a proceder a diligências no sentido de saber quais as condições de perigo em que esteve o marítimo Laurentino Marcelo Ribeiro, na ocasião em que a salvou e a um dos filhos, bem como as pessoas que o auxiliaram, a fim de enviar o respectivo relatório ao Instituto de Socorros a Náufragos, para que este conceda os galardões que achar merecidos.





Na Travessa de São Plácido, á Estrela, há cerca de dois anos que está vedado, num quarteirão, o transito de automóveis, devido ao escoramento de dois prédios que ameaçam ruir. Quando se tomam providências definitivas sobre o caso?

ALMOÇO
nas Necessidades
aos representantes da Imprensa estrangeira

O ministro dos Negócios Estrangeiros ofereceu hoje, no Palácio Nacional das Necessidades, um almoço aos representantes da Imprensa estrangeira, em retribuição do almoço que estes lhe ofereceram há tempos.

Ao almoço presidiu o sr. dr. Marcelo Matias e assistiram cerca de vinte e seis convivas, entre os quais os srs. drs. Pinto Mesquita e Freitas da Cruz.

Tropas açorianas
para a India

Amanhã, á tarde, é esperado no Tejo, e atracará ao Entreposto de Santos, o paquete que traz a bordo uma formação militar de Ponta Delgada que vem reunir-se ao contingente de tropas que seguem em breve para a India.

VIDA SOCIAL

MARIA ANA

Regressou do estrangeiro e está de novo na sua casa de costura, na Rua António Maria Cardoso, á disposição das suas estimadas clientes.

feiras da EUROPA
PRIMAVERA DE 1959
BRUXELAS
LEIPZIG
NUREMBERG
COLONIA
OFFENBACH
FRANCFORT
HANNOVER
VISITE AS FEIRAS DA EUROPA UTILIZANDO AS LINHAS DA
SABENA
LINHAS AÉREAS BELGAS
CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

De ontem para hoje

COOPERAÇAO LUSO-ESPANHOLA

SEIS sessões de trabalhos durou a V Reunião do Acordo de Sanidade Veterinária Luso-Espanhol. A ultima foi a de ontem (seguida de um banquete presidido pelo secretário da Agricultura) para elaboração da agenda, resoluções e recomendações destinadas á reunião de Madrid (1960). Tal como foi reconhecido no decorrer da sessão, os trabalhos foram profícuos e compreensivamente encarados todos os problemas, os comuns e os específicos a cada um. E', na verdade, um caminho salutar, este da comunidade técnica, entre dois países de características afins. O solo, o clima, a qualidade dos produtos da terra, tudo são pontos de união, para unidade dos problemas da faina, em especial da agrícola. Os males que atacam os nossos gados, os nossos animais de capoeira e a nossa caça, são em regra os que assolam a terra espanhola. Daí, todas as vantagens, sempre dignas de encarecer, em impulsionar a política de uma franca, atenta e leal cooperação. Foi este espírito, aliás, o que sempre pontificou, nas sessões da V Reunião do Acordo de Sanidade Veterinária Luso-Espanhol.

FEIXE DE NOTÍCIAS

O nosso distinto colaborador, prof. dr. Adriano Moreira, que é director do Instituto Superior de Estudos Ultramarinos, foi ao Instituto de Altos Estudos Militares, para falar de a Africa e o Ultramar português na conjuntura política actual. Das notícias publicadas nos jornais da manhã não transpiram pontos de vista nem se dão elementos que levem a avaliar qual foi o quadro traçado e analisado. Mas o simples enunciado dos problemas postos perante aqueles que têm do Ultramar conhecimento vivo e actual, ajudará á compreensão da profundidade e extensão do tema.

*** Foi uma luta terrível, aquela em que se envolveram. Porquê? Para quê? No lugar da Cerca (Torres Vedras) ficou o sinal da luta, sobre a terra sopeada. Era o cadáver de Daniel dos Santos Casimiro (45 anos, casado), morto por asfixia, ás mãos de António Paulo dos Santos. Em consequência: cinco órfãos e um homem na cadeia.**

*** Era já madrugada. Perto de Contumil (linhas do Minho e Douro) chocaram um comboio misto (procedia de Barca de Alva) e uma pequena composição em manobras. Ficou ferido um condutor (Manuel Morais Barreto, de Miranda do Corvo) e muito danificadas as duas locomotivas. Valeu no caso a pouca velocidade em que seguia a locomotiva em manobras.**

*** Morreram, vitimas do fogo, Joana Rita (77 anos, Freixial do Campo) uma pobre ceguinha e paralítica que estava só, quando a casa se incendiou; e por estar perto da lareira, Maria Julia (5 anos, filha de Manuel J. Redondo; Fornos, Freixo de Espada-á-Cinta) porque as chamas se lhe pegaram ás roupas. Noutro incêndio ocorrido em Bensafrim, perderam-se duas muares e um jumento, muitas alfaias agrícolas e outros lavoures de Vicente dos Reis.**

JORNAL PEQUENO

O Presidente da Republica recebeu o comodoro Eduardo Scarlatti. No seu livro de cumprimentos, inscreveram-se o dr. Luís Francisco Lopes Navarro, procurador-geral da Republica; eng. Carlos Krus Abecasis e dr. Baltasar Rebelo de Sousa, respectivamente, subsecretários de Estado do Fomento Ultramarino e da Educação; dr. Francisco Gonçalves Cavaleiro de Ferreira, director-geral dos Combustíveis; tenente-coronel N. C. Fraser e eng. Humberto Luís Baraona de Lemos. * Está constituida uma comissão organizadora do Grémio Nacional do Comércio de Batata que se avistou com o director-geral do Trabalho e Corporações a quem entregou a documentação justificativa da criação do Grémio e necessária á sua fundação. * Na praia de S. Tomé, morreu afogado, por não saber nadar, Bento Pais Romano, de 25 anos, natural de Santo Aleixo (Moura). * Em Santana (Cartaxo) Francisco Botas (18 anos, filho de Maria de Jesus) subiu a um salgueiro debruçado na margem do Tejo, para cortar ramos. Desequilibrou-se, caiu ao rio e morreu.

COMBATA A INDIGESTÃO

Tenha algumas Rennie na algibeira ou na sua malinha de mão... e, esteja onde estiver, ao primeiro sintoma chupe uma Rennie. O seu estômago normalizar-se-á ràpidamente.

As Rennie actuam com rapidez e suavidade por serem chupadas e a própria saliva dissolve os anti-ácidos levando-os ao estômago. Não são necessários doses maciças, para regularizar as secreções gástricas.

Se as Rennie não lhe derem alívios consulte o seu médico.

As Rennie são embrulhadas separadamente para se transportarem na algibeira. Não é preciso colher nem água.

PASTILHAS

RENNIE

Pacotes de 25 e 100 pastilhas a Esc.: 6$50 e 17$50

INSTITUTO ESPANHOL

XXI CURSO DE ESTUDOS ESPANHOIS

O Instituto Espanhol organizará durante os dias 7 de Abril a 14 de Junho, o seu Curso Anual de Estudos Espanhois divididos em dois ciclos de trabalhos sobre o ensino do idioma espanhol e conferências sobre temas culturais espanhois.

Informações e matrícula na sede do Instituto, Rua Actor Tasso, 27, todos os dias uteis, das 10 ás 13 horas.

NOVAS FREGUESIAS DE LISBOA

MÁRTIRES

(Sede da Junta—R. do Ferragial de Baixo, 5-r/c-E.º)

Partindo do cruzamento das ruas de Vítor Cordon e António Maria Cardoso, segue, para Norte, pelo eixo desta rua, até ao Largo do Chiado, inflecte para Leste e continua pelo eixo da Rua de Garrett; desce pelo eixo da Rua Nova do Almada até ao Largo de São Julião; segue, pelo meio deste largo, em direcção á Praça do Município; atravessa, em diagonal, esta praça na direcção de Sudoeste; prossegue para Oeste, pelo eixo da Rua do Arsenal, até ao seu cruzamento com a Travessa do Cotovelo; continua para Norte, pelo eixo desta travessa, e segue, na mesma direcção, pelo eixo da Calçada do Ferragial, até á Rua de Vítor Cordon; inflecte para Oeste, seguindo, pelo eixo desta rua, até ao ponto de partida.

Tágide

O grande sucesso do ano!

The Modern Jazz Dancers

Os famosos bailarinos do «rock and roll» que Ed. Sullivan contratou na Tágide a peso de oiro para actuarem na T. V. e em Las Vegas

Laura Benelli
The Pall Mall's
Helena Tavares
Ivone e Clara

Conjunto **Tágide** com **Fernando Albuquerque, Alex Willams — Laura Villa — Tobias Valido — Rodrigues e Mamede**

Conjunto **Palm Beach** com **Fernando Potier — Maria Candal — Ferrão e Quiroz**

MAIORES DE 17 ANOS

Palm Beach

FEIRA DE SEVILHA

(17 a 25 de Abril de 1959)

Excursão em autopullman, visitando-se CORDOVA (Italica e S. Juan de Aznalfarache) e ARACENA (grutas). Preço Esc. 2.000$. Peça programa á SOC. DE TURISMO SANTA MARIA
RUA ÁUREA, 292
Telefs. 21905 e 28686
LISBOA
Também reservamos só alojamentos

Homenagem à memória de Gago Coutinho na Escola Veiga Beirão

Promovida pela direcção da Escola Comercial Veiga Beirão, em colaboração com o Centro Escolar n.º 19 da Mocidade Portuguesa, instalado naquele estabelecimento de ensino técnico, o mais antigo da especialidade existente na capital, ali se realizou hoje, de manhã, uma homenagem á memória do glorioso almirante Gago Coutinho. A cerimónia efectuou-se no amplo ginásio com a presença de 60 professores, cerca de 800 alunos e muitos encarregados de educação.

Presidiu o director da Escola, sr. dr. Alvaro Reis Gomes, que explicou quais os motivos de ordem pedagógica que o levaram a promover esta sessão de homenagem á imorredoura memória do sábio almirante, cuja existência admirável descreveu, desde a infancia modesta, em que logo evidenciou o seu amor ao estudo e as suas qualidades de carácter, até á sua acção notabilíssima como geógrafo, pioneiro da aviação transatlantica e investigador dos Descobrimentos portugueses.

Assinalou a sua ansia de saber, o espírito empreendedor e de sacrifício de que era dotado, e o estofo de herói que o levaram a rasgar novos horizontes á navegação aérea com o auxílio de um novo sextante da sua invenção, mais tarde adoptado pelos principais países do Mundo.

O sr. dr. Reis Gomes evocou as jornadas gloriosas de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, em 1921 e 1922, nas primeiras travessias aéreas Lisboa-Madeira e Lisboa-Brasil, acompanhadas por uma extraordinária vibração popular e pôs em realce a inteira devoção á Pátria do famoso cientista e marinheiro, apontando-o como modelo ás novas gerações e louvando a Pátria que tal filho teve.

O sr. dr. Reis Gomes no uso da palavra

Seguiram-se recitativos por alunos, entre os quais o da poesia «Gago Coutinho», escrita expressamente pelo professor da Escola dr. Marcos Viana, e a exibição de um filme alusivo á primeira travessia do Atlantico Sul e ainda do documentário retrospectivo do acolhimento dispensado no Brasil aos dois pioneiros do ar quando da gloriosa jornada.

DESAPARECIDO

PORTO, 14 *(Pelo telefone)*.—No posto da P. S. P. de Espinho apresentou-se a senhora Beatriz Gago, natural e residente em Silvade (Espinho), para comunicar o desaparecimento de seu filho Manuel André Lima Trana, de 18 anos.

CASINO

HOJE

mais um magnífico programa de «MUSIC-HALL»
com
a vedeta da canção francesa

LISETTE JAMBEL

e

LUCE com DANIEL RÉMY

o famoso ventriloquo do filme «Lili», considerado o melhor do Mundo

*

Exibição dos musicos brasileiros JADIR DE CASTRO (bateria) e EDISON MARINHO (pianista), apresentados pela «PANAIR»

*

(Adultos — Maiores 17 anos)

AMANHÃ: «Matinée» com todas as atracções. Chá completo, 25$00

STUDIO 4

ESTORIL

Margarida de Inglaterra

selecciona as suas relações

(Continuação da 1.ª página)

tuma mostrar-se mais á vontade do que junto de Ingleses, fatalmente intimidados pela sua alta hierarquia.

Os artistas — ainda como Danny Kay, como a actriz Joyce Grenfell e como a escultora italiana Fiore de Henriquez — manifestam pela princesa uma preferência muito marcada e Margarida parece comprazer-se junto deles. Mas, ainda assim, não se incluem no círculo dos amigos íntimos. Pode dizer-se, aliás, que os amigos da princesa são sempre «velhos amigos» — isto é: pessoas que a conhecem desde a sua infancia.

Formam esse círculo da intimidade de Margarida, em primeiro lugar, os filhos dos amigos de seus pais, membros da corte inglesa durante o reinado de Jorge VI. Quando a rainha Isabel e a princesa Margarida eram pequenas, costumavam brincar com um grupo de crianças que, para o efeito, frequentavam o palácio de Buckingham. Nenhuma delas frequentou a escola, como frequenta agora o príncipe Carlos.

Alguns desses antigos companheiros de brinquedos — como o marquês de Blandford, o duque de Bakiet, lorde Hambledon e lorde Rochester — casaram-se já e, continuando muito embora a ser amigos certos da princesa, frequentam menos Clarence House.

Outros, que continuam solteiros, formam o círculo que rodeia habitualmente Margarida como Billy Wallace, lorde Wilton e o rev. Simon Phipps, seu primo por afinidade e seu conselheiro — afirma-se — em assuntos de carácter religioso, que a princesa encara com a mais grave seriedade.

Aliás, o profundo sentimento religioso da princesa é bem conhecido na Inglaterra e esse sentimento torna a sua princesa mais querida e mais respeitada ainda pelo povo britanico.

Há um assunto que assume proporções do maior interesse aqui: se a princesa virá ou não a casar-se. De momento, nenhuma indicação existe sobre as conjecturas que a esse respeito se repetem de quando em quando e que apaixonam a opinião publica.

Se a princesa decidir casar-se, e quando o decidir, todos esperam que faça a sua escolha na Inglaterra, entre os jovens aristocratas britanicos.

Não há um Inglês que não deseje que a sua gentil princesa viva para sempre neste país, ainda que se lhe deparem muitas oportunidades de casar em qualquer outra casa real. — (A. N. I.).

NOVO MODELO

de automóvel «Fiat»

A «Fiat» apresentou, no Salão de Genebra, um novo modelo de automóvel — o «Fiat 1.800», um carro de 6 cilindros que ocupará o lugar dos carros de 4 cilindros «Fiat 1.400» e «Fiat 1.900», cuja produção vai acabar.

Este novo modelo é fabricado com motores de 1765 c. c. e 2.100 c. c. de cilindrada, cuja eficiência mecanica foi experimentada pela «Fiat» durante vários meses. O motor foi concebido para fornecer uma potência elevada nos regimes de máxima velocidade. O «chassis» traz a novidade da suspensão anterior a barras de torsão e os melhoramentos introduzidos no interior deste novo veículo fazem dele um automóvel agradável, sob o ponto de vista estético e de comodidade prática.

O «Fiat 1.800» será brevemente apresentado em Itália e, depois, em todos os países do Mundo.

PORTUGAL

numa reunião

para livre cambismo

BRUXELAS, 14.—Portugal far-se-á representar na reunião que se realiza em Oslo, no próximo dia 17, entre delegados ministeriais da Inglaterra, da Suíça, da Austria, da Suécia, da Noruega e da Dinamarca, para estudo da criação de uma zona de livre cambismo entre esses países — anuncia hoje o diário belga «Libre Belgique», citando «fontes fidedignas».

Acrescenta que a reunião foi organizada em vista do malogro das tentativas anteriormente feitas no sentido de harmonizar o projecto da zona livre, proposto pelos membros da O. E. C. E. estranhos á «Pequena Europa», com o tratado do Euromercado.—(A. N. I.).

Menor atropelado

na estrada

FORNOS DE ALGODRES, 14. — Quando atravessava a estrada, junto á farmácia Lucas de Carvalho Manuel Domingues de Almeida, de 5 anos, filho de António Domingues de Almeida e Albertina Faia Nunes, desta vila, surgiu a furgoneta «C C-19-45», conduzida pelo seu proprietário, sr. José Pereira de Matos da freguesia de Orgens do concelho de Viseu, que atropelou o garoto, o qual ficou ferido e com uma perna fracturada. Transportado, no mesmo veículo, ao hospital da Misericórdia, ficou ali internado.

Consta que o motorista não teve culpa do desastre.

O subsecretário

da Educação

visitou Coimbra

COIMBRA, 14. — (Pelo telefone). — O sr. dr. Baltasar Rebelo de Sousa veio hoje a esta cidade para visitar alguns estabelecimentos de ensino oficiais.

De manhã, o subsecretário de Estado da Educação Nacional esteve na Escola do Magistério Primário e na Escola Comercial e Industrial de Brotero. Depois, visitou a Escola de Regentes Agrícolas, onde almoçou com os professores e alunos.

UM DESASTRE

no novo Hospital de São João no Porto

PORTO, 14 — (Pelo telefone) — No Hospital de São João, que está a ser construído, ocorreu um desastre com o elevador, que ia superlotado, com dezanove alunas do curso auxiliar de enfermagem da respectiva escola que ali funciona. Devido ao peso excessivo, partiu-se o cabo na altura do 3.º andar, e o elevador foi despenhar-se no solo, ficando feridas ligeiramente 17 raparigas. Duas porém sofreram fracturas graves e tiveram de ser operadas de urgência na Casa de Saude da Boa Vista, onde estão internadas São: Ana Joaquina, de 24 anos, de Amarante; e Fernanda do Nascimento Parente, de 21, de Viana do Castelo. As restantes depois de tratadas recolheram ao Lar da Escola de São João.

VIDA RELIGIOSA

Procissão do Senhor dos Passos

Realiza-se amanhã, pelas 16 horas, em Santa Engrácia a habitual procissão do Senhor dos Passos, com o seguinte itinerário: Calçada dos Barbadinhos, Rua da Cruz a St.ª Apolónia, Rua do Vale de Santo António, onde se procederá ao encontro, Rua de Sapadores, Rua Afonso Domingues, Rua Washington, Rua Fernão de Magalhães, novamente Calçada dos Barbadinhos até á igreja paroquial. Depois, haverá sermão pelo reverendo José Maria de Freitas.

MELHORAMENTOS

no Hospital de Évora

ÉVORA, 14 — Foi orçada em 780 contos a construção do bloco de cozinhas do Hospital da Misericórdia de Évora cabendo uma parte dos encargos ao Ministério das Obras Publicas e outra ao Ministério da Saúde e Assistência.

O primeiro ministério destinou já a verba de 50 contos e o segundo 150. As obras devem principiar brevemente.

Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

A actriz Cremilda Torres fundou, em Luanda, um agrupamento de amadores de Teatro, que já levou á cena, no Nacional Cine-Teatro, a comédia «Danubio Azul».

— Para desempenhar a nova revista, que vai entrar em ensaios no Teatro A B C, está indicada a artista Maria de Fátima Bravo.

— Inesperadamente, e por motivo de saude, chegou ontem o tenor Tomé de Barros Queirós, que estava a actuar em Paris, para onde tenciona voltar no dia 27, continuando a cumprir um contrato que só termina em Outubro.

Visita à fábrica

da Vista Alegre

ILHAVO, 14. — (Pelo telefone). — Visitou hoje a fábrica de porcelanas da Vista Alegre, o ex-rei de Itália, Humberto de Saboia, que vinha acompanhado dos duques de Bragança.

Foram recebidos pelos administradores daquele estabelecimento fabril, srs. Luís de Azevedo Coutinho, Alvaro Ferreira Pinto e Francisco Ferreira Pinto e pelo director sr. Eduardo Corte Real. Os visitantes almoçaram no palácio da fábrica e foram-lhes oferecidas lindas jarras como recordação.

Um almoço oferecido

por Ivon Curi

Na próxima terça-feira, o grande artista brasileiro Ivon Curi — que tantos êxitos alcançou, ultimamente, no São Luís e no Alvalade, de Lisboa, e no Teatro São João, do Porto — oferece, na Adegá Machado, um almoço em honra dos representantes da Imprensa, da Rádio e da Televisão, em sinal de agradecimento pelo acolhimento que lhe fizeram em Portugal.

TERMINOU HOJE

o ciclo de palestras do I.N.E.F.

Terminou hoje, no anfiteatro do Instituto Nacional de Educação Física, o ciclo de palestras sobre «A arte e a juventude», organizada pelo mesmo estabelecimento de ensino para valorização intelectual dos seus alunos.

A ultima palestra foi proferida pela poetisa sr.ª D. Sofia de Melo Breyner Andresen, que se referiu aos vários aspectos e tendências da poesia. O seu interessante trabalho foi muito apreciado pela assistência, que incluiu o director e o subdirector do I. N. E. F., respectivamente, srs. dr. Andresen Leitão e prof. José de Sousa Esteves, professores, diplomados e alunos, e que, no final, estabeleceu animado e construtivo debate com aquela poetisa.

— Uma companhia brasileira de comédias entrou em negociações para se apresentar em Lisboa e Porto. Do elenco fazem parte dois artistas já conhecidos do nosso publico, pois fizeram parte da companhia de Eva Todor.

— As operetas «O conde de Luxemburgo» e «Viuva Alegre», fazem parte do repertório da companhia espanhola de operetas e zarzuelas que, no dia 28, se estreia no Coliseu.

— O actor Octávio de Matos, ainda se encontra em Luanda, onde vai realizar um espectáculo de despedida, pois tenciona seguir em digressão para S. Tomé.

— O actor Delorges Caminha, que faz parte da companhia «Artistas Unidos», do Teatro Copacabana do Rio de Janeiro, é um dos principais intépretes do novo original de Pedro Bloch, «Brasileiros em Nova York».

— Amanhã, no Teatro Avenida, de Coimbra, o Teatro dos Estudantes da Universidade daquela cidade, leva á cena a «Antigona», de Sofocles.

Em S. Carlos

repete-se amanhã a ópera «Turandot»

O êxito alcançado com a primeira récita da ópera «Turandot», do compositor italiano G. Puccini, vai repetir-se amanhã, na tarde cultural do S. Carlos. Do elenco fazem parte a grande cantora Inge Borkh, tenor Franco Corelli, Nicoletta Panni, Alessandro Maddalena, Loretta di Lelio, Carlo Meliciani, Mazini Sperti, Franco Ricciardi e os aplaudidos artistas portugueses Fernanda Machado, Armando Guerreiro e Luís França.

Primeiras exibições

«Jerusalém Libertada»

No Avis, estreou-se ontem o filme italiano «Jerusalém Libertada», em supercinescope e ferraniacolor, com a bela Sylva Koscina, a insí-

(Continua na página seguinte)

AURELIA RIOS
EM BAILADOS DE ESTILO CLASSICO
MARGARITA RUIZ
EM MARAVILHOSAS CANÇÕES
PAQUITA FORTES
EM ADMIRAVEIS BAILADOS
TRIO MADRID
EM VIBRANTES DANÇAS E CANÇÕES TIPICAS
No Salão Tipico: CEIAS—FADOS e GUITARRADAS com MANOLLILO DE BERBES em NOTAVEIS CANTARES FLAMENCOS

OS EXITOS DE MAIOR SENSAÇÃO ACTUAL
RITZ CLUB
EMPRESA RITZ CLUBE
ADULTOS (Maiores de 17 anos)

LES VILLALTA
NO SEU TRIUNFAL REPORTÓRIO
LILLONGO
ESBELTA VEDETA FRÍVOLA
e ainda, todo o elenco de ouro do «RITZ» com
VILACA E SUA ORQUESTRA
2.ª FEIRA: NOITE DE BRADO
EXTRAORDINÁRIO ELENCO
INTEIRAMENTE NOVO

DISCOS
DISCOS
DISCOS
DISCOS
DAS MELHORES MARCAS AS MAIS RECENTES NOVIDADES
Standard Electrica
RUA AUGUSTA
19
(JUNTO AO ARCO)

TEATRO MONUMENTAL
T. 55133
UM ÊXITO para RIR!
Original de André Roussin
Eles, Elas... e os meninos
com IRENE * PAULA * SANTANA * MACIEIRA * SCHULZE
Esp. Vasco Morgado Ed. (Adultos M/17 anos)
DULCE
PENAMOR

TAMBÉM OS BONECOS FALAM
O GUARDA-CHUVA E A POMBA
O RELÓGIO MÁGICO
O ARCO DO TRIUNFO
Para maiores de 4 anos
TEATRO DO GERIBALTO

GENTE MIUDA!
O vosso espectáculo HOJE e AMANHÃ á tarde ás 18.30 h.
Maiores de 4 anos
— Preços —
3.º Balcão frente 5$00
2.º Balcão a ... 10$00
Plateia a ..... 15$00

HOJE e AMANHÃ no MONTIJO
LAURA ALVES em
A RAINHA DO FERRO-VELHO
2.ª-FEIRA na SOC. UNIÃO DEMOCRATICA BARREIRENSE
DIA 17: VILA FRANCA DE XIRA
DIA 18: SINTRA
DIAS 19 E 20: SANTARÉM
DIAS 21 E 22: EVORA
(Adultos — Maiores de 17 anos)

ENCOSTA A CABECINHA E CHORA...

AMANHÃ
ESP.ª A TARDE ÀS 16 HORAS

A ALEGRE REVISTA DO
MARIA VITORIA
Emp.ª «E. Salvador e R. Martins, Ld.ª»
ADULTOS — M/17 ANOS
É UM ÊXITO MEMORÁVEL DE
SALVADOR
E DE TODA A SUA GRANDE COMPANHIA
DUAS SESSÕES ÀS 20.30 E 22.45

Teatros e Cinemas

(Continuação da página anterior)

nuante Gianna Maria Canale e um numeroso grupo de actores em que se salientam Francisco Rabal, Rick Battaglia e Philipps Hersent. Livia Contardi também se evidencia neste filme movimentado, que nos relata episódios movimentados da luta sustentada pelos cruzados contra os infieis e é fértil em duelos e combates entre massas de guerreiros.

O cerco e a tomada de Jerusalém são recheados de golpes de audácia em que os guerreiros de ambos os lados demonstram a sua destreza e valentia. Um amor impossível, que nasce entre um chefe dos cruzados e uma princesa muçulmana, também guerreira intrépida, contribui para o agrado com que o publico assiste ao desenrolar da acção.

A realização é de C. L. Bragaglia, o argumento de Sandro Continenza, e a fotografia de Rodolfo Lombardi.

Completam o programa um jornal de actualidades e o curioso documentário colorido e em cinemascópio «Fogo sobre a água». — *Visor 55.*

«Os violentos», no Condes

A seguir a «As diabólicas» o Condes apresenta «Os violentos». Para os apreciadores do género não se podia arranjar melhor, tanto mais que o segundo destes filmes, estreado ontem, é quase uma obra-prima do cinema de terrorismo e violência. Um diligente e arguto inspector policial, após peripécias sem conta, descobre um esperto criminoso — e o espectador vai descobrindo os processos usados por um grupo de contrabandistas na sua actividade criminosa.

«Os violentos» foi realizado por Henry Calef com todos os requisitos dos filmes similares.

Completam o programa um documentário sobre a Grécia e uma rapsódia de canções populares mexicanas. — *Visor 100.*

Coliseu

UM SENSACIONAL PROGRAMA DE CINEMA

Hoje, no Coliseu, estreia do grande filme em vistavision e tecnicolor «Dia de Furia» e ainda a super-produção em cinemascope «Homens Violentos» com Glenn Ford. Amanhã, espectáculo à tarde

O Coliseu apresenta hoje, no seu gigantesco ecran panoramico, um sensacional programa duplo de cinema. Em estreia, o maravilhoso filme de emoção em vistavision e tecnicolor «Dia de Furia» verdadeiro «Best seller» do cinema americano com Dale Robertson, Mara Corday e Jock Mahoney e ainda a superprodução gigante «Homens violentos» uma história cheia de emocionantes lances de audácia, em cinemascópio, com Glenn Ford, Barbara Stanwick e Edward G. Robinson. Amanhã, espectáculo á tarde e á noite.

AVENIDA

Telef. 27273
HOJE, ÀS 21.45 HORAS
P. MAIORES DE 12 ANOS
A Companhia do Teatro de Sempre
apresenta a comédia
DE HENRIQUE SANTOS

UM MARIDO EM RODAGEM

com **Samuel Dinis — Carmen Dolores — Rogério Paulo — Madalena Sotto — Adelina Campos — Constança Navarro e Fernanda Alves**

Rogério Paulo
Amanhã esp. á tarde ás 16 h.

LUSO

T. da Queimada, 8-A — Tel. 32880
Maiores 17 anos
Hoje (até de madrugada) cantam: *Alice Magina — Joaquim Silveirinha — Maria A. Proença — Manuel Dias — Maria Vicente* e o A's do Riso, *António dos Santos.* Acompanhamentos por *António Couto e Amadeu Rami.* — 30 de Março: — «Soirée» Extraordinária — **Amanhã — Grandiosa «Matinée»**

BUGIO

Telefone 643198
RESTAURANTE E SNACK-BAR
Pastelaria — Salão de Chá — Bilhares — Salão para banquetes, casamentos, baptizados, festas, etc.
Largo 5 de Outubro
STO. AMARO DE OEIRAS

"TAVERNA SEVILHANA"

BOITE DE NUIT

Apresenta o seu novo conjunto e Helena Maria em canções de grande sucesso.

ADULTOS (M/17 ANOS)

PENSÃO MONUMENTAL

COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

TEATRO NACIONAL DE DONA MARIA II

4.º MÊS
TODAS AS NOITES, AS 21 e 45 (12 ANOS)
ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES
O PROCESSO DE JESUS
AOS SÁBADOS, A'S 16 HORAS, TARDES POPULARES
A PREÇOS REDUZIDOS

TRINDADE

HOJE às 21,45 — UMA GRANDE CRIAÇÃO DE EUNICE MUÑOZ

Os pássaros de asas cortadas

AMANHÃ «MATINÉE» ÀS 16 HORAS (M/17 ANOS) (M/17 ANOS)

Parapoga

O MAIS SELECTO PONTO DE REUNIÃO

SÁBADOS e DOMINGOS
«Matinées» das 18 ás 20 horas
com todo o elenco de atracções

TELEF. 23584
Empresa MANUEL ZEFERINO
(ADULTOS M/ DE 17 ANOS)

SEMPRE ENCHENTES E OS MAIORES ÊXITOS!

O ESCULTURAL "BALLET"
ALECOS ALVAREZ
Uma audaciosa «novidade» sobre o folclore grego

MARIO DE LA VEGA
y su «BALLET» ESPAÑOL

A famosa vedeta ESPERANZA ROY em admiráveis bailados

Musica constante por SÉRGIO E SUA ORQUESTRA

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ — TEL. 27173
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos) em 2.ª semana
Uma história de amor de apaixonante interesse
GATA EM TELHADO DE ZINCO QUENTE
com **Elizabeth Taylor, Paul Newman e Burl Ives em Metrocolor**
Rigoroso exclusivo de temporada

EDEN — TEL. 20768
15.30 - 18.30 e 21.30
3.ª e última semana
do filme português colorido em Scope
A COSTUREIRINHA DA SÉ
com **Maria de Fátima Bravo, Alma Flora, Luisa Durão, Maria Olguim, Emílio Correia e Costinha.** (M/12 anos)

CONDES — TEL. 22523
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
do empolgante filme em Dyaliscope
OS VIOLENTOS
com **Paul Meurisse, Françoise Fabian e Fernand Ledaux**

ODEON — Telefone 26283
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
Uma empolgante história de amor e violência
FURIA DE AMBIÇÕES
(LA SFIDA)
Grande prémio da Bienal de Veneza, com **Rosanna Schiaffino e José Suarez.**

CINEMA IDEAL
A's 21 (M/12 anos)
O COBARDE
Diabruras de Jane

RESTELO — Telefone 610375
21,15 (M/17 anos)
Cinemascope
TRÊS ENCONTROS COM O DESTINO
c/ **Robert Wagner**

TERRASSE — TEL. 20017
Às 21 (M/17 anos)
O SEGREDO DO CULPADO
O ORFÃO PERDIDO

ÍRIS — TEL. 48560
21 h. (M/17 anos)
A SEDE DO MAL
Cinemascope
ELE E AS MULHERES

CASINO ESTORIL
21.30 (M/17 anos)
NORMAN NA TROPA
c/ Norman Wisdon

TIVOLI — TEL. 50595
A's 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite (M/17 anos)
A história de um homem que tinha 17 filhos!
O ASSOMBROSO SR. PENNYPACKER
com **Clifton Webb e Dorothy McGuire**
Amanhã ás 11 h. Ses. clás. «Grandes esperanças» — (M/12 anos).

POLITEAMA — TEL. 26303
15.15, 18.15 e 21.30
2.ª Semana triunfal
Uma das maiores audácias na arte do «suspense» em Cinemascope com **Al Hedison e Patricia Owens**
A MOSCA
Uma mulher mata o marido. Não é presa nem condenada. Porquê?
(Adultos — Maiores 17 anos)

ALVALADE — Telefone 763080
15.15 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)
2.ª SEMANA
Um filme ardente baseado na célebre peça de Tenessee Williams
GATA EM TELHADO DE ZINCO QUENTE
com **Elizabeth Taylor, Paulo Newman e Burl Ives**
Rigoroso exclusivo da temporada

CAPITÓLIO — TEL. 27493
A's 21 (M/17 anos)
Cinemascope col.
MISTER CORY
c/ Tony Curtis
QUE PENA SERES VIGARISTA
com **Sophia Loren**

AÍ VEM O JERRY

IMPÉRIO — Tel. 55134/5
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
2.ª SEMANA
TYRONE POWER Marlène Dietrich Charles Laughton
no filme de maior «suspense» dos ultimos 20 anos
Testemunha de acusação
de **Billy Wilder**
Amanhã ás 11 h., Ses. clás. extraord. «Othelo» — (M/17 anos).

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 PLATEIA 54153
Às 15, 18 e 21.30 (M/17 anos)
Uma obra de choque!
Aldo Ray — Cliff Robertson — Raymond Massey
OS NUS E OS MORTOS
Devido á extensão do filme as sessões começam ás 15, 18 e 21.30.

ROMA — Telef. 727778
Às 15.30 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos)
Uma alegre canção transformou-se numa deliciosa comédia romantica
LAZZARELLA
com **Mário Giroti e Tina Pica**
Um poema de mocidade e frescura.

MONUMENTAL — TEL. 55131
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
2.ª SEMANA
Cinemascope
O mais estrondoso e triunfante êxito da comédia musical
GIGI
com **Leslie Caron, Maurice Chevalier e Louis Jourdan**
Rigoroso exclusivo de época

AVIS — Tel. 47163
15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos)
O grandioso poema épico de TORQUATO TASSO
JERUSALÉM LIBERTADA
Supercinescope com **Sylvia Koscina e Francisco Rabal**
Batalhas aguerridas e impressionantes duelos.

ROYAL — TEL. 545057
A's 21 (M/12 anos)
SISSI E O DESTINO
c/ Romy Schneider
O ANJO NEGRO
c/ Pedro Infante

DIZ O MÉDICO...

(Continuação da 1.ª página)

(1906), Wasserman (1866-1925) descobre a reacção de fixação do complemento, alicerçada na de Bordet Gengou, que passou a orientar toda a investigação clínica (serologia da lues): sífilis latente, nervosa (David Nabarro, «Congenital Syphilis». Londres, 1954). cardiovascular, óssea, congénita e ocular.

A descoberta da penicilina e demais antibióticos e o emprego, uso e abuso do primeiro, modificaram a sequência do aparecimento das manifestações iniciais e clássicas, tornando indispensável o constante recurso ao laboratório para se estabelecer com nitidez o diagnóstico de certeza, integral, da afecção.

Facto curioso, digno de registo: as lesões objectivas, apesar de raras e tresmalhadas, persistem, continuam a aparecer. No fundo, o quadro essencial não se modificou e a sintomatologia clínica determina ainda, e continuará a orientar a conduta a seguir. Só o prognóstico da enfermidade deixou de ser sombrio, de atormentar o homem, vislumbrando-se já em agregados bem organizados o próximo desaparecimento do mal.

1. O cancro aparece uma a três semanas depois do contacto infectante. Este nem sempre é visível. Quando o é, tem o aspecto de uma pápula, seguida de ulceração, circular e única, bordos duros, indolor á palpação, sempre acompanhada de adenite bilateral sem periadenite. A lesão é quase sempre genital, podendo (nalguns casos) ser extragenital (amígdala, por exemplo). Cicatriza espontaneamente depois de quatro, cinco ou seis semanas. Este «complexo ou acidente primário», insidioso ou alarmante, pode evoluir de uma maneira lenta ou ser, pelo contrário, francamente sintomático. E só as reacções serológicas (sangue ou o líquido cefalorraquidiano) desmascaram uma lues latente, podendo esta manter-se silenciosa, sem limite de tempo ou até desaparecer (Stokes, Beerman e Ingraham, «Modern Clinical Syphilology». Londres, 1958).

Na sífilis sintomática tudo se passa de uma maneira diferente. Seis a oito semanas após o aparecimento do cancro surgem, em cortejo, as lesões secundárias, que se localizam nos órgãos: pele, aparelho cardiovascular e sistema nervoso, constituindo a lues tardia sintomática.

2. Distinguem-se hoje duas formas: a recente e a tardia, sendo o limite entre uma e outra de mais ou menos dois anos. Ambas podem ser latentes ou sintomáticas. Separam, impròpriamente, a afecção, de acordo com a sintomatologia, em benigna e maligna, sendo esta última forma a que preferiria os sistemas cardiovascular e nervoso.

A sífilis congénita, pré-natal, divide-se em recente e tardia (antes e depois dos dois anos de idade) e, por sua vez, a tardia pode ser latente ou sintomática.

Não existe sífilis sem cortejo de sintomas, longe ou perto, esfumados ou acentuados, marcantes, sendo a primeira denominada «latente».

A recente, sintomática, aparece, em geral, seis semanas depois do acidente primário. Trata-se da roséola da antiga classificação (Semon e Moritz, «An Atlas of the Commoner Skin Diseases». Bristol, 1957). Consiste numa erupção de manchas rosadas, redondas ou ovais, com limites esfumados, tendo cinco a quinze milímetros de diâmetro, superfície regular e sem relevo. Aparecem e disseminam-se em grande número, no tronco e membros (extremidades), raramente escolhendo a face do doente. O número e a morfologia desses elementos são variáveis, numerosos e corados nuns enfermos, raros e pálidos noutros. Observam-se, com maior facilidade, a distância e preferìvelmente através de um vidro azul. D. Tomás de Melo Breyner, que foi professor de Dermatovenereologia na Faculdade de Medicina de Lisboa, quando ao Campo de Santana, ao lado da Morgue («Curso de Venereologia», feito no Hospital do Desterro, no 1.º Semestre de 1929 — o Curso principiou no dia 14 de Janeiro), insistia sobre este pormenor, e o «vidro azul» acompanhava-o sempre na consulta e na visita á Enfermaria.

A roséola é, com frequência, acompanhada de manifestações clínicas inerentes a uma sífilis recente: cicatriz do cancro, adenopatias, gânglios epitrocleanos bilaterais (Esaguy, 1932), placas mucosas, alopecia. Em muitos doentes, o eritema verifica-se conjuntamente com as lesões papulosas (segunda floração da antiga roséola). As reacções serológicas são sempre positivas.

Este eritema mantém-se um ou dois meses e desaparece sem deixar atrás de si vestígios nítidos ou cicatrizes, e pode reaparecer mais tarde em indivíduos que interromperam o tratamento ou foram insuficientemente atacados com drogas eficazes. Quando tal sucede, trata-se de uma autêntica recidiva. Então, os elementos são menos numerosos. maiores, circinados ou anulares, persistindo durante um período maior de tempo. Não se deve confundir com as máculas residuais da piodermite (sarna, impetigo, pediculose, e outras lesões) ou com o eritema medicamentoso, muito vulgar hoje em dia.

A persistência dos elementos em actividade, a topografia, distribuição geográfica, habitual ausência de prurido, erupção brusca e abrupta, o colóquio médico-doente, e as análises laboratoriais, auxiliam a estabelecer o diagnóstico diferencial, importante para a conduta a seguir.

As pápulas são constituídas por pequenas elevações redondas, salientes, hemisféricas, com mais ou menos um centímetro de diâmetro, persistindo á palpação, não prurigi-nosas. Com relativa frequência, encontram-se circundadas por uma vaga moldura escamosa (Biett), inconstante e incaracterística. Surgem, em vagas sucessivas, seis a oito semanas depois do acidente primário e disseminam-se caprichosamente pelo corpo, encontrando-se na face do doente e nas regiões palmo-plantares. Pouco contagiosas, desaparecem duas a seis semanas depois da primeira vaga, deixando manchas pigmentadas a assinalarem a passagem.

O quadro clínico, mercê de circunstâncias variadas, nem sempre é o mesmo, modificando-se de indivíduo para indivíduo.

Observam-se (Sequeira's, «Diseases of the Skin». Londres, 1957): sifílides pápulo-crostosas, seborreicas, pápulo-erosivas, psoriasiformes, vegetantes, atróficas, arciformes, acneiformes, e outras registadas por Darier, Sabouraud, Gougerot, Milian, Pautrier, Ravaut, Sézary, Clémont Simon, Perrin («Nouvelle Pratique Dermatologique»), e Gay Prieto («Dermatclogia». Madrid, 1957), etc., etc.

Uma característica comum as reune no mesmo quadro: pápula infiltrada, sempre infiltrada, não importando a variedade (William Montagna, «The Structure and function of Skin». New York, 1956).

A ausência de prurido, curta evolução, erupção maciça e distribuição geográfica. constituem preciosos elementos de informação e diagnóstico. As reacções serológicas são positivas. Os treponemas só excepcionalmente se encontram nas lesões abertas.

Recordamos, de passagem, que a forma bolhosa constitui uma variedade rara. Nas crianças, porém, nos primeiros dias de vida podem ser observadas e registadas sifílides bolhosas nas regiões palmares e plantares, contendo serosidade turva ou hemorrágica. Elementos pouco numerosos, sendo os maiores do tamanho de um grão ou de uma ervilha grande.

Passados dois ou três dias, as bolhas secam, formando-se uma crosta que esconde a ulceração.

O ultramicroscópio e o microscópio electrónico revelam a existência de abundantes treponemas, com seus movimentos significativos.

Trata-se de uma lues pré-natal, activa e altamente contagiosa. As análises são positivas na mãe e no filho.

A. d'E.

ntensifica-se

a fiscalização sobre os preços das hortaliças

Os serviços de fiscalização da Inspecção dos Géneros Alimentícios mantêm atenta vigilancia sobre os preços dos produtos hortícolas, não só em Lisboa como nos principais centros populacionais. Estão em curso averiguações quanto aos lucros de alguns vendedores e foi já ultimado um processo contra uma retalhista do Marcado 31 de Janeiro, que pretendia vender um molho de dez rabanetes por 4$00, preço que, entretanto, baixou para 3$50 Apurou-se que adquirira sete molhos grandes, de 80 rabanetes, a 5$00, cada molho, os quais, desdobrados, davam 56 pequenos molhos, de 10 rabanetes, que vendia a 3$50. O lucro subia assim a quase 460 por cento.

*

Foram processados: no Porto, uma firma comercial, por especulação na venda de um misturador eléctrico; em Coimbra, uma farmácia de Santa Clara, por venda de um medicamento por preço exagerado; um estabelecimento de lanifícios, que tinha em exposição um tecido cujo fabrico não correspondia á designação etiquetada; um outro, que também expunha peças de vestuário sem indicação exacta das fibras utilizadas na sua composição; dois retalhistas e um «café», por estarem a vender fiambre avulso e a granel a preços abusivos; um retalhista de mercearia, de Penela, que tinha á venda cartuchos de açucar e arroz com peso inferior ao indicado nas embalagens; e um industrial, de Paço de Arcos, que facturou dois armários-vitrinas por preço que uma peritagem efectuada classificou superior ao normal.

*

Nos ultimos dias têm sido ouvidos, nos referidos Serviços, vários inquilinos, construtores civis e proprietários, no sentido de se apurar o que há relativamente a presumíveis recebimentos, por parte dos ultimos, de várias importancias como condição de aluguer de casas de renda limitada.

Estrangulou a mulher

e pôs termo à vida nos calabouços da Policia a quem se entregara

EVORA, 14. — (Pelo telefone). — A cidade emocionou-se, esta manhã, com uma triste ocorrência, que provocou a morte de um casal. O ajudante de notário, sr. José Manuel do Nascimento, de 31 anos, natural de Portel, casado e residente no bairro de Nossa Senhora do Carmo, suspeitava da infidelidade de sua mulher, a sr.ª D. Cristina Rosa Almonsa, de 29 anos, natural de Portel. Na ultima terça-feira, á noite, o Nascimento, depois de confirmar as suas suspeitas, fez sair a mulher de casa e mandou um filho do casal, que tem 9 anos, para a casa dos avós, em Portel. Ontem, á noite, o Nascimento voltou a encontrar-se com sua mulher e, segundo declarações de várias pessoas, dirigiram-se calmamente para uns terrenos, nas traseiras da Ermida de S. Sebastião. De madrugada, o Nascimento apareceu na 2.ª esquadra de Polícia, declarando que estrangulara a sua mulher, cujo corpo foi encontrado no referido local. Mais tarde, já nos calabouços da 1.ª esquadra da P. S. P., para onde transitara, pôs termo á vida.

Os dois cadáveres ficaram depositados na casa mortuária do hospital local.

A entrega de credenciais do embaixador de Portugal em França

O presidente Charles de Gaulle, tendo á sua esquerda o ministro dos Negócios Estrangeiros da França, Couve de Murville, fotografado no Palácio do Eliseu, pouco depois de receber as credenciais apresentadas pelo embaixador de Portugal, dr. António de Faria, a quem dirigiu palavras de elogio para Portugal e para o chefe do Governo português

Dois larápios

que actuavam em plena estrada foram detidos pela P. J.

Dois «ratos» de automóveis praticaram, nos ultimos tempos, uma série de furtos, durante uma viagem que empreenderam, desde a capital do Norte até Lisboa, onde depois resolveram estabelecer o seu «quartel-general». A actividade destes larápios foi já, em parte, escalpelizada pela secção central da Polícia Judiciária, que entretanto já os remeteu para a subdirectoria do Porto, para um completo ajuste de contas, pois actuaram principalmente naquela zona.

A vida destes ratoneiros é um verdadeiro romance policial. Passeavam pelas estradas do País, num carro que lhes custou a módica quantia de 4.500$00, aproveitando para, durante o trajecto, praticarem uma série de roubos dos mais diversos apetrechos automobilisticos, que eram retirados dos carros que encontravam estacionados em cidades, vilas e aldeias.

O velho carro em que viajavam em breve se transformou num verdadeiro carro mecanico (em condições, até, de prestar assistência técnica a um automobilista com «pane» na estrada). Nem sequer, faltava gasolina, que era igualmente furtada dos carros que encontravam no caminho. Só em gasolina, devem ter furtado para cima de 1.000 litros.

A prisão dos dois larápios verificou-se no momento em que tentavam transaccionar uma valiosa máquina fotográfica, num estabelecimento da Rua dos Poiais de S. Bento. Foram-lhes apreendidas grandes quantidades de gabardinas, capas de plástico, chapeus de feltro, bolsas com ferramentas, tampões para rodas, um goniómetro, pastas de plástico, e, ainda, diversas cautelas de penhor.

Prémios da Ford

para os melhores vendedores

Vindos de Colónia, chegaram a Lisboa alguns vendedores das concessões Ford de Portugal, premiados por aquela grande organização automobilística mundial, com uma visita ás suas instalações fabris na Alemanha, por motivo da excelente comparticipação que tiveram no extraordinário numero de automóveis «Taunus» e veículos comerciais «FK», vendidos em 1958 no nosso País.

Recebidos por categorizados dirigentes daquela fábrica, os visitantes tiveram oportunidade de contactar com 180 colegas de mais doze países da Europa, com os quais apreciaram demoradamente os modernos métodos utilizados pela Ford no fabrico de automóveis.

Os vendedores vêm animados do maior desejo de superar em 1959 o seu já excelente trabalho de 1958, dado que se encontram agora ainda mais conscientes da grande categoria dos veículos que vendem.

Almoço de homenagem

ao dr. Daniel Monteiro

Um grupo de médicos de saude escolar promoveu hoje, num dos principais restaurantes da cidade, um almoço em honra do sr. dr. Daniel Monteiro, para lhe prestar homenagem pela notável obra que tem desenvolvido como director da Saude Escolar, a pretexto de perfazer 25 anos á frente daquele serviço.

Presidiu á refeição o sr. dr. Valadão Chagas director-geral dos Desportos, que cava a direita ao homenageado e sentaram-se, indistintamente, noutros lugares cerca de 70 convivas, entre os quais os três inspectores de Saude Escolar, do Norte, do Sul e de Lisboa.

Aos brindes, discursou o dr. Paiva Boleo, que, num breve improviso, fez um resumo histórico dos serviços médicos de saude escolar e do seu constante progresso, focando o que foi a notável actividade dos directores que têm dirigido os destinos daquele departamento, em especial, o dr. Costa Sacadura cuja obra está a ser continuada, afirmou, pelo dr. Daniel Monteiro, o criador de vários serviços tais como os de imunização, medicina profiláctica, oftalmologia, estomatologia, psiquiatria e ainda outros diversos centros de tratamentos.

Em seguida discursou o dr. Daniel Monteiro, para agradecer as referências que lhe foram feitas.

Por fim, falou o director-geral dos Desportos, que igualmente se referiu, em termos elogiosos á figura do homenageado e á sua obra na Direcção de Saude Escolar.

GRUPO DESPORTIVO

da General Eléctric Portuguesa

Os sócios do Grupo Desportivo da General Electric Portuguesa reuniram-se hoje num almoço de confraternização, a que assistiram também, como convidados de honra, o sr. H. Crow, administrador-geral daquela sociedade.

A' mesma hora, os associados que se encontram em serviço na filial do Porto, reuniram-se igualmente num almoço de confraternização.

O almoço, que se efectuou no Ginjal, terminou com uma saudação á antiga direcção, feita pelo actual presidente, sr. Alvaro Belo Marques.

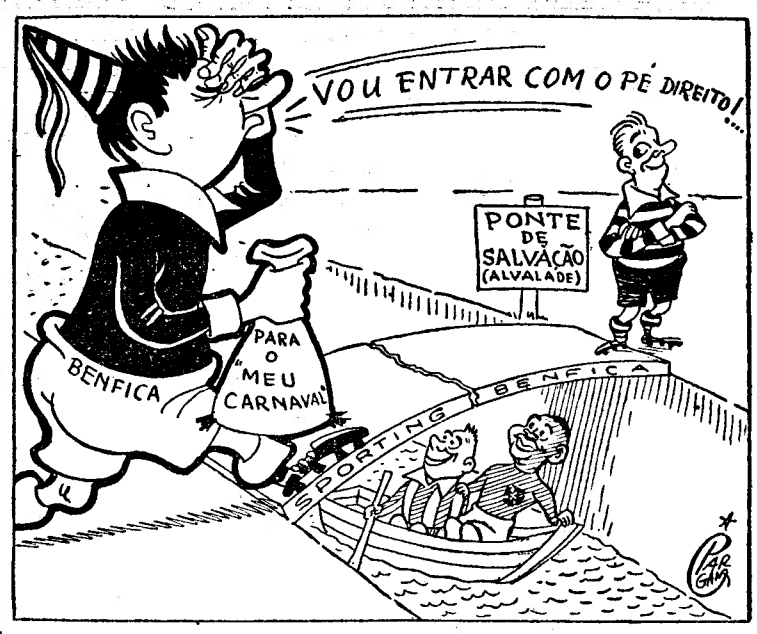
Concurso para professor

da Faculdade de Medicina de Coimbra

COIMBRA, 14 — (Pelo telefone) — Esta tarde, na Sala dos Capelos, sob a presidência do reitor da Universidade, sr. prof. dr. Maximino Correia, prestou a primeira prova do concurso para pfofessor extraordinário do 1.º grupo da Faculdade de Medicina, de Coimbra, o sr. dr. António Simões de Carvalho. Nesta prova foram apreciados os trabalhos científicos do candidato, pelos srs. professores drs. Hernani Monteiro, do Porto; e Maximino Correia.

As provas prosseguem nos dias 16, 17, 18 e 19.

DESPORTOS



O «NACIONAL» DA 1.ª DIVISÃO

Sporting e Benfica

no mais sensacional despique da jornada

com três jogos mais de especial importância

O campeonato nacional da primeira divisão de futebol está a dois passos da sua conclusão. Contudo, apenas três equipas entram amanhã para o rectangulo do jogo com expressão de tranquilas. As restantes onze têm ainda os seus problemas para resolver. Isto diz bem da importancia da jornada, que poderia, com certa propriedade, denominar-se dos «derbies», pois nada menos de quatro se desenrolarão— Sporting-Benfica, Caldas-Torriense, Vitória de Setubal-Barreirense e F. C. Porto-Sporting de Braga.

A jornada completa é a seguinte:

Sporting-Benfica
Lusitano-Belenenses
F. C. Porto-Sp Braga
Setubal-Barreirense
C. U. F.-Spt. Covilhã
V. Guimarães-Académica
Caldas-Torriense

A partida que suscita, de longe, as atenções gerais é a marcada para o Estádio «José Alvalade». Se não fora bastante a popularidade de ambos os «teams», havia, para justificar a extraordinária expectativa que se sente, a circunstancia de o despique ser, digamos, decisivo para o Benfica. E, como tantas vezes sucede, o desfecho do confronto pode muito bem ser influenciado precisamente pelo facto de enquanto os «leões» entrarem no relvado sem outras preocupações que não sejam as de averbar mais um triunfo sobre o seu eterno rival, êxito esse que teria o sabor de uma desforra, os «encarnados» precisam de triunfar para continuarem, com segurança na senda do triunfo. E', todavia, nossa persuasão, que o estado de ansiedade existente no seio do Benfica lhe proporcionará, inversamente ao que é habitual, o triunfo apetecido pelos seus milhares de adeptos.

A pensarem no despique do Lumiar actuarão o F. C. Porto e o Belenenses. Os Nortenhos, no seu ambiente, contra os Bracarenses. A vitória dos visitados, aliás, como sucedeu já no Estádio 28 de Maio, é o resultado normal do despique, pois a força actual dos homens das Antas não deixa prever qualquer hipótese de surpresa.

Já o Belenenses não tem cartada tão fácil. A sua deslocação a Evora é de molde a provocar uma desilusão aos Lisboetas, pois há que não esquecer a necessidade dos Eborenses em arrecadar dois pontos que os safe da luta pela saída dos ultimos lugares. A capacidade dos dois conjuntos é bem diversa, sem duvida, mas o factor ambiente, embora tenha já sido propício aos «azuis», não deixará de influenciar o resultado. Consequentemente e pesados os prós e os contras o «nulo» surge-nos como desfecho a vaticinar.

Em Caldas da Rainha e em Setubal jogam-se os dois outros «derbis». O reservado aos Caldenses é de vital importancia para os locais e para os Torrienses. A «lanterna-vermelha» reflectirá a sua sombra neste despique. Supomos que os visitados, até porque actuam nessa posição, lograrão surpreender os seus adversários. Já em Setubal, o desafio tem cariz diferente. Os Sadinos sómente querem derrotar, mais uma vez, o Barreirense. Este, porém, quer mais — quer desertar da zona dos aflitos. Cnsegui-lo-á? Aceitamos o seu êxito. A justificação do nosso prognóstico está exactamente na destrinça a fazer entre esses estados de espírito.

Falta referir os encontros Guimarães-Académica e C. U. F.-Covilhã. A «Briosa» tem saída dificil á segunda cidade do Minho. O seu poder é, neste momento, de ponderar, E os Vimaranenses vão exibir-se com a calma que lhes provoca a sua situação na tabela. Se os conimbricenses triunfarem, o que nos parece dificil, a sua esperança em melhores dias manter-se-á. Mas, o empate, decerto, muito possível, também não deixava de representar um desfecho apetecido...

No Barreiro, a C. U. F. receberá os «leões» da serra. Admitimos perfeitamente que, a despeito, da réplica incessante e briosa dos serranos, os donos do campo consigam a vitória que também procurarão com interesse

As equipas prováveis

SPORTING — Sá; Lino e Hilário; Julius, Morato e Mendes; Hugo, Vasques Caraballo, Travaços e Morais.

BENFICA — Costa Pereira; Serra e Angelo; Neto, Artur e Alfredo; Palmeiro, Coluna, Aguas, Salvador e Cavém.

LUSITANO — Vital; Teotónio e Paixão; Olmedo, Falé e Garcia; «Fialho», Vicente, Caraça, Flora e José Pedro.

BELENENSES — José Pereira; Pires e Paz; Carlos Silva, Figueiredo e Vicente; Dimas, Abdul, Mendes, «Matateu» e «Yauca».

Arbitro: A. Graça Narciso (Setubal).

F. C. PORTO — Acursio; Virgilio e Barbosa; Roberto, Arcanjo e Monteiro da Costa; Carlos Duarte, Hernani, Noé, Teixeira e Perdigão.

SPORTING DE BRAGA — Faria; Armando e José Maria Azevedo; Passos, Calheiros e Trenque; Velez, «Ferreirinha», Teixeira, Mendonça e José Maria Matos.

Arbitro: Alvaro Rodrigues (Coimbra).

VITORIA F. C. — Libanio; Polido e Manuel Joaquim; Alfredo, Vaz e Serra; Inácio, Miguel, Mendonça, Jacinto e Virgilio.

BARREIRENSE — Bráulio; Faneca e Abrantes; Pinto, Silvino e Arturo; Madeira, Oñoro, José Augusto, «Faia» e Godoy.

Arbitro: Eduardo Gouveia (Lisboa).

G. D. DA C. U. F. — Gama; Abalroado e Durand; Oliveira, Palma e Pimentel; Rodrigues, Carlos Alberto, Arsénio, Bispo e Uria.

SPORTING DA COVILHÃ — Rita; Helder e Couceiro; Lázinha, Cabrita e Lourenço; Gabriel, Suárez, Caldas, Corcles e Martinho.

Arbitro: Francisco Guiomar (Beja).

VITORIA S. C. — Sebastião; Daniel e Abel; Barros, Silveira e Virgilio; Bártolo, Edmur, Romeu ou Ernesto, Carlos Alberto e «Rola».

ACADEMICA — Cristóvão; Araujo e Bento; Wilson, Marta e Torres; Chipenda, Miranda, Rocha, André e Bentes.

Arbitro: João Pinto Ferreira (Porto).

CALDAS S. C. — Vitor; Amaro e Anacleto; António Pedro, Saraiva e Orlando; João, Garnacho, Mateus, Romeu e Leninc.

TORRIENSE — Montero; António Costa e Mergulho; Manuel Carlos, Forneri e António Manuel; Mário, Saldanha, Azevedo, José da Costa e Bezerra.

Arbitro: Manuel Lousada (Santarém).

O «Nacional» da 3.ª Divisão

11 encontros

para acertar o calendário

A jornada de amanhã do Campeonato Nacional da 3.ª Divisão é de bem mais fraca actividade do que normalmente se verifica. Dado o numero elevado de encontros (á volta de um terço total) que deixaram de efectuar-se no ultimo domingo, correspondentes á 8.ª jornada (1.ª da 2.ª volta) da fase inicial do campeonato.

Estão marcados os seguintes encontros:

Zona B — 3.ª Série — I. F. C. Cebolense-A. C. D. da Guarda, em Cebolais de Cima.

4.ª Série — F. C. Marrazes-A. Naval 1.º de Maio, em Leiria (Estádio Municipal); C. D. B. I. Recreio-U. R. Mirense, em Valado de Frades; C. D. Lousanense-C. F. União Coimbra, na Lousã.

Zona C — 5.ª série — Alhandra-Tramagal, em Alhandra; V. C. Lisboa-U. D. Vilafranquense, na Pichelcira.

6.ª Série — C. D. Cova da Piedade-Amora F. C., na Cova da Piedade; G. D. Sesimbra-S. L. Olivais, em Sesimbra.

Zona D — 7.ª Série — Campomaiorense-S. C. Estrela, em Campo Maior.

8.ª Série — Lusitano F. C.-Silves F. C., em Vila Real de Santo António; F. C. U. Sambrazense-S. C. Mineiro Aljustrelense, em S. Brás de Alportel.

Todos os desafios estão marcados para as 15 horas.

Várias provas de amanhã

ACTIVIDADES DA M. P.

Corta-mato, futebol, handebol de sete e voleibol são desportos que manterão em actividade os filiados da Mocidade Portuguesa, repartindo-se assim:

Corta-mato — Campeonatos distritais, para «iniciados» e juniores, respectivamente, nas distancias de 1.500 e 2.000 metros, começam no Estádio Nacional, a partir das 10.30 horas.

Futebol — Em continuação do campeonato da Ala 2, há os encontros Escola de Paiã-E. Académica e E. Valsassina-Secção Maria Pia, no Estádio Nacional, a parir das 10 horas.

Handebol de Sete — Prosseguem os campeonatos, com os seguintes encontros: Escola Marquês de Pombal B-Liceu Passos Manuel e Pupilos do Exército-Liceu Gil Vicente B, ás 9,30; Escola António Arroto-

(Continua na 11.ª página)

Instruções

sôbre o trânsito para o Estádio Alvalade

Prevendo-se, amanhã, por ocasião do jogo Sporting-Benfica, excepcional afluência de veículos, a Polícia de Segurança Publica, através dos seus serviços de transito, informa o seguinte:

Estacionamentos: Na avenida que circunda o Estádio José Alvalade, só é permitido aos carros que tiverem afixado no pára-brisas o dístico de PARQUE. Estes dísticos podem ser adquiridos na sede do Sporting, hoje das 15 ás 23 horas, e, amanhã, na agência Praça dos Restauradores. Os restantes carros podem estacionar nos seguintes arruamentos: do lado Ocidental do Campo Grande, Campo de Instrução da P. S. P., Estrada de Malpique e arruamentos de acesso ao Centro Universitário de Lisboa.

Transito para a Alameda das Linhas de Torres: Todos os automobilistas que se destinem quer ao Estádio Alvalade quer a sair da cidade, deverão apresentar-se no fim do Campo Grande (á entrada da Alameda das Linhas de Torres) ocupando com as suas viaturas as duas filas de transito da direita.

Transito a entrar ou sair da cidade: Todos os veículos que pretendam entrar ou sair da cidade pela Alameda das Linhas de Torres, entre as 13 e 30 e 15 e 30 e ás 16 e 30 e 17 e 30, poderão utilizar com apreciável benefício de tempo o itinerário pela Rotunda do Aeroporto, Estrada de Sacavém, raquete da Estrada de Sacavém, Estrada da Circunvalação, Charneca, Estrada de São Bartolomeu, Ameixoeira, Estrada do Desvio e Calçada de Carriche.

PROVAS DA F. P. F.

A «Taça de Portugal»

tem amanhã o seu começo

Mais um torneio da Federação Portuguesa de Futebol começa a disputar-se amanhã: a «Taça de Portugal» — o certame que encerrará a época de 1958/59.

Na sua primeira fase, a competição engloba 24 equipas do «Nacional da 2.ª Divisão — todas, afinal, menos as quatro que hão-de entrar nos jogos de pasagem á 1.ª Divisão.

Nesta primeira fase da «Taça», os 24 grupos são distribuidos por seis séries (de quatro), que disputarão em «poule», as duas voltas, o direito de passarem á segunda fase da prova.

São apurados os dois primeiros de cada série.

Os jogos da Zona Norte

Os desafios da Zona Norte, marcados para amanhã, são os seguintes:

Gil Vicente (11.º)-Chaves (6.º)
Vila Real (8.º)-Vianense (12.º)
Espinho (4.º)-Leixões (1.º)
Tirsense (13.º)-Sanjoanense (9.º)
Oliveirense (7.º)-Portalegrense (14.º)
Peniche (5.º)-Marinhense (10.º)

Entre parêntesis indica-se a classificação de cada um no campeonato nacional da 2.ª Divisão, o que pode ajudar aos vaticínios.

Os Barcelenses recebem uma equipa que lhes foi superior, mas, jogando em casa devem oferecer boa réplica. Vamos por um empate ou vitória escassa dos visitantes. Estão no mesmo caso o Espinho e o Tirsense.

Relativamente aos jogos de Vila Real, Oliveira de Azemeis e Peniche os grupos locais são favoritos.

Os desafios da Zona Sul

O programa da Zona Sul apresenta-se assim:

Atlético (1.º)-Sacavenense (14.º)
Arroios (10.º)-Oriental (7.º)
Estoril (8.º)-Coruchense (16.º)
Montijo (5.º)-Almada (6.º)
Serpa (11.º)-Beja (12.º)
Portimonense (4.º)-Juventude (9.º)

São de fácil vaticínio os jogos da Tapadinha, Estoril e Portimão, em que o favoritismo vai inteirinho para as equipas visitadas.

Nos restantes desafios pode admitir-se que as lutas sejam mais equilibradas. Ao Montijo e ao Serpa, o factor «casa» pode servir de boa ajuda, mas quanto ao Arroios é dificil prever se isso bastará.

O «NACIONAL» DE JUNIORES

Completa-se a 1.ª jornada

1.ª jornada do 19.º Campeonato Nacional de juniores, tão prejudicada pelo mau tempo, no ultimo domingo, completa-se amanhã com a realização de oito encontros (precisamente metade dos que a «ronda» comportava), que a F. P. F. marcou — e muito bem — para antes da 2.ª jornada. A competição poderá, assim, ter uma sequência mais regular.

Eis os desafios marcados:

Zona Norte — 4.ª série Nazarenos-Caldas, na Nazaré; Sporting Nacional-A. Académica de Coimbra — ambos ás 10.30 h.

Zona Sul — 5.ª Série — Sporting da Covilhã-Tramagal, na Covilhã, ás 10.30 h.; Portalegrense-«Os Leões», em Portalegre, ás 15 h.

6.ª Série — Sporting-Seixal, no Estádio «José Alvalade»; Belenenses-Desp. da C. U. F., no Restelo — ambos ás 10.30 h.

7.ª Série — Oriental-Benfica, no campo «Eng.º Carlos Salema»; C. D. Montijo-S. L. Olivais, no Montijo — ambos ás 10.30 h.

PROVAS DA A. F. L.

31 desafios

marcados para amanhã

Todas as provas que a A. F. L. tem presentemente em curso, á excepção do Campeonato Distrital de Reservas, prosseguem amanhã, proporcionando nada menos de 31 desafios, assim repartidos:

Campeonato distrital da 2.ª Divisão 17.ª jornada — Ericeirense-Castelo, no campo «Henrique Tomás Frade»; Odivelas-Palmense, no campo «Diogo José Gomes»; Fanhões-Amadora, no campo da «Matinha» — todos ás 15.30 h.; Amoreiras-U. Povoense, no campo «José Ramos»; Santa Iria-Charneca, no campo «Reynolds» — ambos ás 15 h.

Campeonato distrital da 3.ª Divisão — Série A — (12.ª jornada) — Queluz-1.º de Dezembro, na Amadora; Lourel-Cascalheira, no campo «Arménio Fernando Luís»; Belas-Alto da Eira, no campo «E. F. Pinto Basto»; Cacém-Linda-a-Velha, no campo «Marquês de Pombal»; U. de Algés-Carcavelos, no campo «A. E. Simões Alves» — todos ás 15.30 h.

Série B (15.ª jornada) — Zambujalense-Camarate, no campo «Conde de Mendia»; Bucelenses-Castanheira, no campo de Vialonga; Pinheiro de Loures-Povoense A. C., no campo «Major Arsénio Rosa Bastos»; Ponte de Frielas-Malveira, no campo do Bonjardim; Loures-Tojal, no campo da Arieira — todos ás 15.30 h.

Camp. distrital de juniores da 2.ª Divisão — Jogos em atraso da 2.ª jornada — Série A — Vitória-Operário, no campo da Picheleira, ás 10.30 h.; Linda-a-Velha-Mirantense, no Estádio Nacional (treinos), ás 11.30 h.; U. Algés-Santa Catarina, no campo «A. E. Simões Alves», ás 10 h. **Série B** — R. Janeiro-Casa Pia, no campo «Pina Manique (treinos), ás 11 h.; Queluz-Amadora, na Amadora, ás 11 h.: Sporting-Sintrense, no campo «José Ramos», ás 11.15 h. **Série C** — Alverca-Vilafranquense, no campo de Alverca, ás 10.30 h.

Prova distrital de principantes — 5.ª jornada — Série A — Sporting-Palmense, no campo de treinos do «Estádio José Alvalade», ás 9 h.; Amadora-Oriental, no campo da Amadora, ás 9.45 h.; Atlético A-Belenenses, na Tapadinha, ás 10.30 h.; Torriense-Casa Pia, no campo das Covas, ás 11 h.

Série B — Vilafranquense-Benfica, em Vila Franca, ás 10 h.; U. Povoense-Atlético B, no campo do Telhal; Sacavenense-S. L. Olivais, no campo de Sacavem: Alhandra-Vialonga, no campo da Hortinha — os três ás 10.30 h.

Rosa dos Ventos

A estação de Miami, na Flórida, anuncia-se este ano com fraca concorrência. Os comerciantes locais resolveram, por isso, fazer alguns sacrifícios. Assim, em certos hoteis, os hóspedes não serão obrigados a pagar o quarto nos dias em que a temperatura, ao meio-dia, não tenha ultrapassado 24° centígrados. E se o Sol não aparecer durante o dia, os jornais da tarde serão distribuídos gratuitamente. Devemos acrescentar que a moda cá não pega, pois ninguém está disposto a subordinar os seus interesses aos caprichos do tempo para manter o bom nome de uma estancia de vilegiatura. Só se for o sr. Teodoro dos Santos.

*

Uma fábrica americana vai produzir helicópteros em série, a partir do próximo ano, ao preço de 50 contos apróximadamente.

*

Em Berlim abriu uma «escola de pais», que tem por fim ensinar aos progenitores os gostos, os hábitos, as predilecções e os caprichos dos filhos. Há aulas uma vez por semana. Os «alunos» ouvem discos de Elvis Presley, Pat Boone, «Conny» e outros ídolos da mocidade alemã. Familiarizam-se com a linguagem dos rapazes — e aprendem a dançar o «rock n'roll».

*

Aumenta nos Estados Unidos a venda dos livros religiosos, segundo informa o semanário «Newsweek». A Bíblia, como é natural, vem á cabeça da lista: desde 1952, uma só edição da «Nelson's Reviser Standard Version» alcançou já a bonita tiragem de sete milhões de exemplares. Uma vida de Cristo, «A mais bela história que ainda se contou», vai em três milhões de exemplares. Outros livros religiosos estão a ter uma procura excepcional.

*

Um faquir turco que engolia sabres foi condenado a uma pena de prisão. Não tinha licença de uso e porte de arma.

*

O Governo japonês vai proceder á instalação de dez receptáculos postais na selva da ilha de Lubang, destinados a informar, por meio de mensagens, os soldados que ainda estão escondidos no mato — á espera de que acabe a segunda guerra mundial.

*

Um jornal soviético descobriu que o golfe foi inventado pelos Russos, e começou a ser praticado pelos pastores do Caucaso. Em virtude desta «descoberta», aquele desporto foi reabilitado e deixa de ser um privilégio dos «plutocratas ocidentais». Estão já em preparação dez campos de golfe no território da União.

*

O pequeno Billy entra em casa com um olho negro. A mãe repreende-o, furiosa:

— Andaste outra vez á bulha, meu maroto! E tinha-te recomendado que contasses até cem antes de bater fosse em quem fosse.

— Pois sim, mamã, mas a mãe do outro menino recomendou-lhe que contasse só até cinquenta!

Navios portugueses em exercícios da N. A. T. O.

Com destino ao Noroeste da Península Ibérica, partem amanhã os contratorpedeiros «Dão» e «Lima» e as fragatas «Pedro Escobar» e «Corte Real». Esta esquadrilha, sob o comando do comodoro Paulo Viana, comandante da Força Naval do Continente, vai tomar parte nas manobras navais da N. A. T. O., intituladas «Brisa da Madrugada IV».

Nestes exercícios, que se iniciam na próxima terça-feira e têm a duração de oito dias, tomam parte, também navios das Marinhas de Guerra da Dinamarca, França, Inglaterra e Estados Unidos.

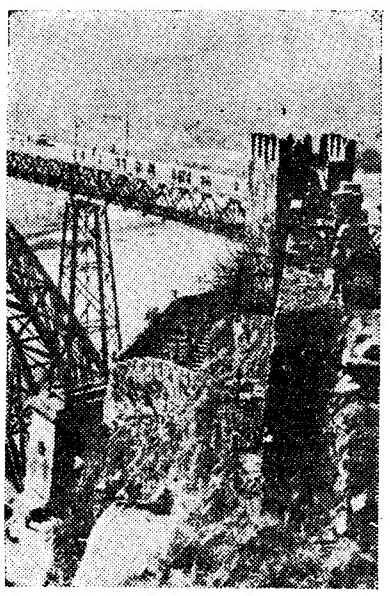
Já no solo, tentando dominar o para-quedas e o vento...

A estrutura mo... dos pára-quedis... assenta no espírito novo q...

Em menos de 24 horas de convívio com os pára-quedistas portugueses, que surpreendemos em plena e rotineira actividade, as impressões obtidas não podem ser mais favoráveis. Não é apenas pelo facto de trabalharem com uma dureza e intensidade talvez sem equivalência em qualquer outra unidade militar nacional. Na vida, não é só isso que importa. Há que considerar ainda um racional e desempoeirado timbre de sociabilidade, sem excluir uma disciplina rígida, nunca imposta, mas em todas as circunstancias oferecida. Existe ali um profundo sentido de personalização, um sincero interesse pelo valor humano — acentuada actualização pedagógica, resultante do impulso de uma pleiade de jovens de boa formação, cultos e do nosso tempo.

Acompanhado do sr. capitão Rafael Durão, já nosso conhecido, membro de uma família de categorizados militares, ocupámos grande parte da nossa visita ao Batalhão de Caçadores Pára-quedistas, em Tancos na observação de prática de exercícios físicos, desportivos e de combate. O cap. Durão, com gentileza cativante, conduziu-nos até ao local onde as duas companhias de operações se treinavam no lançamento de granadas, atirando os projécteis para um vale onde fora desenhado um círculo branco que servia de alvo. Diariamente, em cada sessão, explodem no B. C. P. mais de um cento daqueles projécteis, dos tipos ofensivo, que tem um raio de acção de 14 metros, e defensivo, que chega até aos cento e tal metros. Noutro terreno preparavam-se uma vintena de cães-polícias, adquiridos na Alemanha, em exercícios verdadeiramente impressionantes: ataque a uma homem suspeito, guarda de objectos, guarda de homens, condução de presos, etc.

O ministro das Obras Públicas deslocou-se hoje ao Porto para avaliar a extensão da derrocada da muralha fernandina



A maior parte da muralha ergue-se no alto da escarpa cortada a pique sobre os Guindais

(Continuação da 1.ª página)

métricas constantes, a eventuais vibrações do terreno, incluindo as que foram causadas pelas perfurações de tuneis que lhe ficam próximos e as da ponte de D. Luís, com o seu intensíssimo movimento de eléctricos, camiões e outros veículos pesados, etc.

Há contudo um factor a que ninguém ainda se referiu e deve ter sido a causa remota da ultima tragédia. Desconhecem os que nasceram de há 80 anos para cá a existência do Elevador dos Guindais, o qual corria justamente ao longo da muralha, desde as proximidades do Largo do Actor Dias, até á beira-rio.

Para o construir foi necessário desbastar a rocha sobre a qual assenta em grande parte a muralha fernandina, pormenor, que ainda está á vista de quem siga a trajectória que percorria o leito da linha do referido elevador. É evidente que desse desbaste devem ter resultado profundas brechas ou fendas que, pelos tempos fora, a erosão, motivada pela infiltração das águas, foi produzindo, até, um dia, começar a produzir-se o esboroamento do mais rijo granito.

Não há duvida que foi o que aconteceu, no caso presente. Está á vista que o desmoronamento se produziu pela base da muralha e prova-o o facto de sobre as casas terem caído os penedos informes e, após eles, as pedras aparelhadas. Se se tivesse produzido o contrário, isto é, se tivesse sido a muralha que houvesse ruido, não se teria verificado, talvez, tão grande destruição.

*

O facto de a derrocada se ter dado numa extensão perfeitamente igual, tanto no alto como na base da muralha, parece provar bem a sua falta de apoio. Ainda a comprovar esta asserção, cite-se o facto de os grandes calhaus terem rolado mais pela escarpa do que as pedras que cairam da muralha.

Não há duvida de que o desastre ocorreu por falta de apoio, pois sendo as duas paredes da muralha da mesma idade, não faz sentido que uma tivesse desabado e a outra esteja perfeitamente aprumada e sem o menor vestígio de ameaçar ruina.

Se a muralha fernandina tem seis séculos, a igreja de Cedofeita tem catorze — muito mais velha, portanto, e nem uma só pedra evidencia a sua idade.

A Sé Catedral é coeva da fundação da nacionalidade e evidencia apenas — ou evidenciou, antes do restauro feito pelos Monumentos Nacionais, os estragos que os vários *renovadores* de todos os tempos lhe fizeram.

Muito antigos são outros monumentos e edifícios, entre os quais o Mosteiro de Leça do Bailio. É digase que foi ali que casou D. Leonor Teles com o rei D. Fernando, aí por 1370 — segundo nos contou o nosso professor de História.

A tragédia dos Guindais, assemelha-se, salvas as devidas proporções, á do Morro da Gibalta, ocorrida em 31 de Março de 1952 — também no nefasto mês de Março. As razões devem ser as mesmas: infiltração de águas, corrosão da penedia, etc.

Um pequeno pormenor mais: quase no extremo da muralha, isto é um pouco abaixo da abertura que a derrocada produziu, vê-se perfeitamente que uma figueira de porte regular nasceu entre a penedia. As suas raízes não constituirão perigo? Estamos certos que sim!

E quanto ao facto de há muito se chamar fernandina áquela muralha não nos parece muito acertado, tanto mais que a sua construção foi iniciada no reinado anterior, isto é, no de D. Pedro I, embora se tivesse concluído no reinado do rei Formoso. Mas isso são coisas que pertencem á História...

O ministro das Obras Públicas visita inesperadamente o local

Precisamente para tomar conhecimento directo da extensão da derrocada e das suas causas, bem como dos trabalhos de reconstrução e beneficiação que se impõem na zona dos Guindais, chegou esta manhã, sem ser esperado, ao Porto, de avião, o ministro das Obras Publicas.

No aeroporto das Pedra Rubras, o sr. eng.º Arantes e Oliveira era aguardado pelos srs. eng.os Machado Vaz, presidente do Município; Bonfim Barreiros, e Arsénio da Fonseca, directores, respectivamente, dos Serviços de Urbanização e Obras e dos Serviços de Arruamentos da C. M. P.; Monteiro de Andrade, que faz parte da comissão nomeada para o estudo das causas do desastre; Octávio Fingueiras, director das Obras Publicas; e arquitecto Bessa, director dos Monumentos Nacionais.

Após a chegada, o ministro e as referidas entidades dirigiram-se, imediatamente ao local do desastre, que foi percorrido em toda a sua extensão.

O eng.º Arantes e Oliveira dete-

(Continua na 13.ª página)

Uma lápida comemorativa da 1.ª travessia aérea nocturna do Atlântico Sul

Para início das comemorações do quinquagésimo aniversário do Aero-Clube de Portugal, será descerrada, no dia 17, ás 11 e 30, no aeródromo de Alverca uma lápida comemorativa da primeira travessia aérea nocturna, do Atlantico Sul, efectuada pelos aviadores portugueses Jorge de Castilho, Sarmento de Beires e Manuel Gouveia, em 16 e 17 de Março de 1927, utilizando para o efeito métodos e instrumentos criados em Portugal para navegação aérea, pelo almirante Gago Coutinho.

Véu providencial

NEWCASTLE, 14. — Um véu foi a salvação da cançonetista inglesa Christine Langford, quando interpretava um numero oriental diante das camaras da TV. Rebentou-se a unica alça que prendia o colete do seu trajo oriental, desnudando-lhe o tronco — mas Christine envolveu-se rápidamente no longo véu que lhe pendia da cabeça e continuou a cantar. — (A. N. I.).

UMA LIÇÃO

do prof. José Pinto Coelho

O professor jubilado dr. José Gabriel Pinto Coelho, antigo reitor da Universidade de Lisboa, prosseguiu hoje, de manhã, na Faculdade de Direito, após uma larga ausência no estrangeiro, as suas lições-conferências integradas na Cadeira de Direito Comercial, sobre «Protecção da marca notória e da marca de reputação excepcional». A esta lição assistiram o actual reitor da Universidade, prof. Marcelo Caetano, numerosos professores, juristas e advogados e muitos alunos daquela Faculdade.

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até ás 15 horas: *máxima, 19°,9; mínima, 8°,2.* No mesmo dia do ano passado: *máxima, 16°,3; mínima, 13°,6.*

— Temperaturas observadas ás 9 horas na Costa do Sol: na atmosfera, 13°,4; na água do mar, 13°,7.

Ao reorganizar os seus serviços em comemoração das suas «BODAS DE PRATA»

ADÃO, CAMISEIROS

comunica que os seus números de telefone passaram a ser 366118 (P.P.C. 3 linhas)

Adão, Camiseiros desde já agradece aos seus Ex.mos Clientes e Amigos o favor de tomarem a devida nota.

...moral e técnica

...uedistas portugueses

...novo que os caracteriza

...onví- ...ugue- ...plena ...apres- ...mais ...facto ...eza e ...valên- ...e mi- ...é só ...nside- ...apoei- ...sem ...nun- ...cir- ...li um ...zação. ...valor ...zação ...pulso ...e boa ...empo. ...o Ra- ...ecido, ...ategó- ...rande ...ão de ...Tan- ...a de ...e de ...ntile- ...ao lo- ...s de ...ança- ...o os ...fora ...que ...em ...C. P. ...rojéc- ...m um ...defen- ...e tal ...vam- ...ícias, ...exer- ...essio- ...sus- ...da de ...etc.

...véu in- ...ndo ...tal ...pen- ...a o ...nu- ...ris- ...no ...ca- ...(A.

...elho ...é Ga- ...or da ...eguiu ...le de ...ência ...s-con- ...ra de ...rotec- ...narca ...esta ...or da ...Caeta- ...ristás ...aque-

...OJE ...gista- ...5 ho- ...8°,2. ...sado: ...ás 9 ...mos- ...13°,7.

totalmente dominados pelos seus tratadores. No campo desportivo, treinavam-se os soldados que constituem o grupo representativo de futebol, que, á tarde, naquele mesmo terreno, defrontou a turma da Base Aérea 3, também de Tancos, para o campeonato da Força Aérea, num dos jogos mais vibrantes a que temos assistido.

Uma «cama elástica» oferecida por Brasileiros

Entre os vários apetrechos de que dispõe o B. C. P. figura uma «cama elástica», muito util para a adaptação do corpo a dificeis movimentos em pleno ar, que foi oferecida por diversas personalidades brasileiras, tendo á frente o general Jair Jordão Ramos, atitude que documenta eloquentemente as íntimas relações

(Continua na 13.ª página)

O temoo que faz

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o vento era fraco ou moderado de Nordeste e o céu estava geralmente pouco nublado, por acção duma massa de ar continental, transportada na circulação de um anticiclone centrado a Leste da Noruega.

Temperaturas ás 9 horas: Porto, 10°; Penhas Douradas, 8°; Coimbra, 11°; Lisboa, 9°; Faro, 13° e Funchal, 15°.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ — Céu geralmente pouco nublado, com vento fraco de Nordeste, passando a céu muito nublado, com vento moderado de Sudoeste e possibilidades de chuva fraca, para o fim da tarde, amanhã, especialmente a Norte do sistema Montejunto-Estrela.

Temos múltiplas fiscalizações

a velar pela saúde pública

— mas impõe-se que as suas actividades sejam coordenadas e conjugadas através de uma organização coerente

São desencontradas e mal informadas as opiniões correntes sobre os serviços de fiscalização ao serviço da saude publica. Há quem suponha que não existem organismos expressamente encarregados dessa função de tão alto interesse social; há quem afirme que só uma fiscalização tem feito sentir os seus efeitos salutares nos mercados de consumo, mas essa com a atribuição dominante de impedir os agravamentos de preços; há ainda quem alegue que os serviços sanitários existentes, embora numerosos, se alimentam apenas de boas intenções, não oferecendo a sua actuação as garantias práticas desejáveis em benefício das populações consumidoras.

A verdade, que intentaremos demonstrar, é que não faltam no nosso País esses serviços e que alguns deles trabalham muito e o melhor que podem. Mas o mal maior está, precisamente, na abundancia dos organismos ou actividades fiscalizadoras — sem coordenação, sem directivas comuns ou devidamente distribuidas, entrecruzando-se numa faina inglória e, sob alguns aspectos, improfícua.

Alguns ministérios, diversos organismos corporativos, as Camaras Municipais, comissões variadas, dispõem de serviços de fiscalização. Há Grémios e Juntas com laboratórios privativos para análises de produtos alimentares, químico-farmacêuticos e outros. Mas é á Direcção-Geral de Saude, naturalmente, que cabem as mais amplas atribuições e as mais largas responsabilidades, sobretudo no «contrôle» geral dos produtos fornecidos ao consumo e na detecção e eliminação dos factores de contágio patogénico.

O decreto-lei 35.108, de 7 de Novembro de 1945, fixou expressamente o ambito da acção fiscalizadora deste departamento oficial, definindo no art.º 24.º as suas fundamentais atribuições: «Promover a des-

(Continua na 13.ª página)

Algumas das joias roubadas a «lady» Docker, em Southampton, cujo valor total anda por 12 mil contos

Flávio Duarte e Henrique Brioso, contemplados com 240 e 120 contos

1.080 contos da «taluda»

foram ontem distribuidos

entre gente que trabalha no Mercado Hortícola do Rego

A cauteleira *Olimpia Rosa*

Na cave do prédio n.º 7-A, do Campo Grande, onde há dias se registaram inundações, vive uma familia cujos principais proventos resultam da venda de lotaria: a mãe chama-se Alice Rosa; e duas filhas Olimpia Rosa e Natalina Rosa, residem ali com ela, com duas irmãs e dois irmãos e com cinco sobrinhos muito pobres.

As três são muito conhecidas na zona compreendida entre a Praça da Figueira e o Terreiro do Paço, pois exercem, quase exclusivamente, a sua actividade nas Ruas dos Correeiros e dos Douradores, percorrendo diáriamente os restaurantes e as casas de pasto ali existentes.

Há umas três semanas, porém, a Olimpia Rosa começou a vender no vizinho Mercado Central Abastecedor de Produtos Hortícolas, da Avenida 28 de Maio; e, rápidamente, com a sua presença simpática e a sua vivacidade, arranjou fregueses.

Quando, esta manhã, ela apareceu ali, o produtor de hortaliça José Marques felicitou-a:

— Então, parabens! Vendeste a sorte grande!

Ela não queria acreditar: não assentara os numeros do jogo que vendera, e ignorava, por isso, que entre eles estava o 31.703, premiado com os 1.200 contos da lotaria de ontem, dia 13. Mas, á vista do décimo que o contente alviçareiro lhe comprara e lhe mostrou, convenceu-se e começou a recordar-se de que, efectivamente, vendera, naquele mercado, nove décimos do referido bilhete, tendo outro sido vendido na Baixa, não sabe a quem.

Também não conseguiu, aliás, identificar todos os compradores daquele mercado, até porque alguns deles negavam ter sido contemplados; mas a «voz do povo», que ás vezes é «voz de Deus», apontava como tendo sido premiados: o mandatário Flávio Duarte, com 240 contos; um horticultor saloio, cujo nome se desconhece, também com 240; dois irmãos, filhos de um produtor de hortaliça, de A das Lebres, conhecido pelo «Antonito», com 120; e o produtor José Marques, que esta manhã foi, com a cauteleira, receber os 120 contos, dos quais, num exemplo a seguir, lhe deu um, como gratificação.

Este ultimo tem um mandatário, José Simão, que, apesar da sua corcunda, é um optimista, e responde a todos os que o felicitam, julgando que ele também teve a «taluda»:

— Juro pela minha saude, que não! Nas outras semanas, tenho-lhe comprado jogo, mas como só uma vez tive um prémio — o da terminação —, disse-lhe que não me apoquentasse. E o meu tio só não lhe comprou um décimo daquele bilhete, por uma questão de dez tostões. Quer dizer: por causa de um escudo, não ganhou cento e vinte mil...

Uma nota curiosa: estas cauteleiras já venderam outra sorte grande: os 400 contos que, há dez anos, couberam ao bilhete n.º 8346.

Na cave pobre do Campo Grande, embora satisfeita com o que se pasou, e na esperança de gratificações das pessoas contempladas, a familia cauteleira deixa escapar, de vez em quando uma lamentação:

— Que pena não nos ter saído nada a nós! Somos tão pobres e jogamos tanto! Mas, do mal o menos...

A viagem a Moscovo (6)

Que conclusões é possivel tirar da visita a Moscovo do primeiro-ministro e dos episódios que se lhe seguiram? A primeira, claramente expresa no comunicado final das conversações MacMillan-Kruchtchev é a de que as questões relacionadas com o futuro da Alemanha e a segurança europeia devem ser resolvidas por negociações. A segunda é a de que nada impede os dois países de ressuscitarem o pacto anglo-soviético, assinado em Julho de 1942 e denunciado depois do termo das hostilidades. Naquelas conversações não se chegou a acordo quanto ás soluções especificas a dar aos problemas de Berlim e do tratado de paz com os vencidos da ultima guerra.

A versão de que o primeiro-ministro foi á capital soviética sondar as intenções do governo russo não se justifica. Os Americanos apressaram-se a demoli-la com a declaração do presidente da Camara dos Representantes á saida da reunião da Casa Branca de 6 do corrente. Não foi em nome da aliança ocidental que o sr. MacMillan falou em Moscovo, mas em nome da Grã-Bretanha. Ninguém, até agora, apareceu com autoridade, prestigio e influência para falar em nome das nações da Europa Ocidental, as quais estão seriamente ameaçadas pelo agravamento da crise.

A sua visita foi precedida de outras a que, na altura, se não atribuiu a significação que efectivamente tiveram. Adlai Stevenson, Hubert Humphrey e mente, na capital soviética e o Walter Lippman estiveram, igualmais categorizado colaborador de Kruchtchev, o vice-presidente do conselho soviético Anastas Mikoyan, foi aos Estados Unidos onde teve importantes conversações com os dirigentes americanos, incluindo o presidente Eisenhower e o secretário de Estado Foster Dulles pouco tempo antes de este ser internado no hospital onde se encontra.

Entre essas visitas há uma estreita relação que dá a medida da gravidade da situação e dos riscos explosivos que esta comporta senão forem ao encontro deles os dirigentes comunistas e ocidentais que, no passado recente, mostraram um desconhecimento lamentável do estado de espirito dos povos, alarmados e inquietos com a sua ligeireza e fatuidade. O arrastar de sabre atómico e a diplomacia á beira do abismo são incompativeis com uma época em que a alternativa da paz é a destruição reciproca e total. Decorridos três meses e meio sobre o envio da nota soviética ás nações ocidentais, estas continuam a não ter uma politica comum e, o que é mais grave, a não formular quaisquer propostas para opor áquelas que o governo de Moscovo apresentou.

A visita a Moscovo do sr. MacMillan foi o primeiro esforço sério envidado no sentido de evitar que os acontecimentos continuem á deriva sem que, do lado ocidental, se adoptem as medidas correspondentes aos perigos que a todos igualmente ameaçam. O primeiro-ministro está decidido a não deixar perder os benefícios relativos que dela resultaram, abrindo caminho ás negociações que, em principio, ficaram assentes entre ele e os dirigentes soviéticos. Que forma vão tomar essas negociações e sob que aspecto vão ser conduzidas?

As conversações preliminares com os aliados da Grã-Bretanha são o preludio da tentativa britanica para fazer sair a diplomacia ocidental do atoleiro em que caiu, pela realização de uma conferência de alto nivel precedida de uma reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros das nações de Leste e do Ocidente. Estamos nas primeiras escaramuças da batalha a travar para realizar esse objectivo. A estrada a percorrer é semeada de obstáculos e nela avultam os precipicios que, no passado, inutilizaram as iniciativas malogradas para pôr termo a uma situação que não pode prolongar-se, cuja inviabialidade é unanimemente reconhecida mas da qual só sairemos pela manifestação inequivoca da vontade dos povos e da sua firme intenção de se não deixarem arrastar para aventuras suicidas.

Na Grã-Bretanha essa vontade manifestou-se com tal unanimidade que imprimiu á visita do primeiro-ministro o significado de um acontecimento histórico relevante.

1933

XXVI ANIVERSÁRIO

1959

LOJA DAS MALHAS

RUA DO CARMO, 99

AVISO

Em satisfação dos desejos manifestados por muitos Clientes, para evitar aglomeração que os impossibilita de fazer, com calma, a escolha dos BRINDES a que tenham direito, este ano serão atribuidos, no dia 16 (2.ª-feira) na Secção de Senhora e no dia 17 (3.ª-feira) na Secção de Crianças.

Os BRINDES são escolhidos, livremente, até ao valor de 50% das compras efectuadas.

O muito é feito poucos. Ganhando menos consegue-se mais.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257

PASTA MEDICINAL Couto

EVITA estomatites

TRATA doenças da boca

APARTAMENTOS PARA ESCRITÓRIOS,

comércio ou habitação; vestíbulo, 2 salas, Banho e recanto cozinha adaptável a arquivo, aquec.º central, etc.

R. António Maria Cardoso, 15

Mais de 45.000 pessoas
já atravessaram o Atlântico no

AVIÃO COMERCIAL MAIS VELOZ DO MUNDO

NA

LINHA AÉREA

DE MAIOR EXPERIÊNCIA NO MUNDO

Este é um dos famosos Clippers* a Jacto 707 da Pan American — a primeira linha aérea sobre o Atlântico. Sinta o conforto dum voo sereno, isento de vibrações, a velocidades superiores a 900 Kilómetros por hora.

Diàriamente, os voos a Jacto através do Atlântico para os Estados Unidos oferecem os Serviços de Luxo e Classe Económica, simultâneamente, sem aumento de preços. Serviços a partir de Londres, Paris e Roma.

Não custa mais voar mais depressa — beneficiando do serviço superior e da confiança que gosa ao voar na Linha Aérea de Maior Experiência no Mundo.

* Marca registada da Pan American World Airways, Inc.

PAN AMERICAN

A LINHA AÉREA DE MAIOR EXPERIÊNCIA — SERVE PORTUGAL HÁ MAIS DE 20 ANOS

Diário de Lisboa

14-3-959

DESPORTOS

(Continuação da 7.ª página)

-Liceu Pedro Nunes, no Estádio Nacional, ás 10 horas.

VANGUARDISTAS—Escola Marquês de Pombal-Escola Fonseca Benevides, Escola Veiga Beirão-Escola da Paiã e Escola Ferreira Borges-Céntro 10, no Estádio Nacional, ás 10 horas.

Volcibol — Jogos do campeonato da Ala 2: na Escola Nuno Gonçalves, de manhã: Escola Francisco Arruda A-Escola Nuno Gonçalves B e Escola Machado de Castro-Pupilos do Exército, em «infantes»; e Pupilos do Exército-Escola Veiga Beirão, em «vanguardistas A».

ATLETISMO

A temporada de pista inaugura-se com várias provas do Torneio de Abertura, no Estádio Nacional, a partir das 10 horas. O programa é o seguinte: 110 m. barreiras; 80 m. (aspirantes); 100 m.; 400 m.; 700 m. (asp.), 1.500 m., saltos em altura e triplo; lançamentos do peso e do dardo; 4x100 metros.

BASQUETEBOL

O campeonato nacional da 2.ª Divisão — Zona Sul A continua com os seguintes encontros, integrados na 5.ª jornada: Lisboa Ginásio-Boa Hora, dos Barbadinhos, ás 9 horas; Santa Catarina-Maria Pia, no Porto de Lisboa, ás 9; Tabacos-Almada, nos Barbadinhos, ás 11, Seixal-Arroios, no Seixal, ás 11; Sacavenense-P. Arcos, em Sacavém, ás 11; Liberdade-Mundet, no Bairro da Liberdade, ás 10.30; Rio Seco-Oriental no Rio Seco, ás 10; Queluz-Vitória Setubal, em Queluz, ás 10.30; Moscavide-Campolide, em Moscavide, ás 10,30; e Cruzquebradense-Educação Física, na Cruz Quebrada, ás 11 horas.

A A. B. L. faz prosseguir os campeonatos regionais de juniores e infantis, com os seguintes encontros: SERIE A — Sporting-Cruzquebradense, no Passadiço e Benfica-Belenenses, no Campo Grande — ambos ás 10 e 11 h. SERIE B — Pedrouços-Paço de Arcos em Pedrouços, ás 10 e 11 h.; e Liberdade-Algés A no Liberdade, ás 10; SERIE C — Alvalade-Ateneu, no Campo Grande, ás 11; Queluz-Campolide, em juniores, e Queluz-Sporting C em infantis, em Queluz, ás 10 e 11 h.; Carnide-Atlético, em Carnide e Moscavide-Nacional, em Moscavide, juniores, ás 10; SERIE D — Tabacos-Casa Pia, em juniores nos Barbadinhos, ás 10 horas.

CICLISMO

A Associação de Ciclismo do Sul faz disputar a 2.ª prova do campeonato regional de «independentes» — uma corrida de 222 quilómetros, entre a Avenida do Restelo e a Av. Rio de Janeiro, com passagem por Algés, Caxias Oeiras, Estoril, Cascais, Guincho, Malveira da Serra, Colares, Estefânia, Lourel, Ericeira, Mafra, Malveira, Torres Vedras, Cadaval, Vermelha, Cercal, Ota, Alenquer, Vila Franca e Sacavém. A partida será dada ás 7 horas.

Os iniciados têm a terceira corrida do campeonato — um «contra-relógio» de 50 quilómetros, com partidas da Avenida Rio de Janeiro, desde as 7.10 h., e com intervalos de 5 minutos e chegadas ao mesmo local. Percurso: Lisboa-Vila Franca-Lisboa.

DESPORTO CORPORATIVO

Campeonato de futebol — Ref. Ultramar-F. C. Regina e Of. S. José-S. C. Guerin — ambos da 1.ª Divisão — no campo de Belém, ás 9 e 11 h.; Comp. Telefones-Comp. Carris (1.ª Div.) e Comp.Carris-F. C. Regina (2.ª Div.), no campo da Picheleira (Telef.), ás 9 e 11 h.

Campeonato de basquetebol — Robbialac-Comp. Carris, (1.ª Div.), em Sacavém, ás 10 h.

GOLFE

No campo do Estoril disputam-se amanhã as finais das duas provas dos Campeonatos Internacionais de Portugal, jogadas em 36 buracos. São adversários: Manuel Brito e Cunha e R. Wall e Vera Nobre da Costa-Barbara Brito e Cunha.

HANDEBOL

As equipas de honra do Benfica e do Sporting jogam ás 10,15, no Campo Grande, o desafio-repetição do campeonato de Lisboa.

Os juniores têm a penultima jornada do seu campeonato com os desafios: Cova da Piedade-Belenenses, na Cova da Piedade; Benfica-Almada, no Campo Grande; Oriental-Sporting, no campo «Eng.º Carlos Salema» — todos ás 9 horas.

HIPISMO

No hipodromo do Campo Grande, a partir das 14,30 horas, com entradas livres, disputam-se as provas da 2.ª jornada das «Poules» da S. H. P., pela seguinte ordem: cavalos, a meter, cavalos com «handicap» e cavalos sem «handicap». A fechar, a prova reservada a cavaleiros juniores.

HÓQUEI EM CAMPO

Começa o torneio organizado pelo C. F. Benfica, estando marcados, para o campo «Francisco Lázaro», os seguintes encontros: Benfica-Hóquei, ás 9 h.; Belenenses-Atlético, ás 10,30.

RAGUEBI

Campeonato Nacional — Divisão de Honra — 5.ª jornada — Benfica-Sporting, no Campo Grande, ás 11 h.; Internacional-Belenenses, nas Telheiras, ás 10,30 h.; *1.ª Divisão* — Arroios-Académica, no E. Universitário, ás 15 h.; *Taça* «Francisco Silva»—Benfica-Belenenses, no Campo Grande, ás 9,30; Agronomia-Internacional e Direito- C. D. U. L. — ambos no Estádio Universitário, ás 9,30 e 11 h.

TÉNIS DE MESA

Campeonato de Lisboa, de infantis — 5.ª jornada da 2.ª volta — Série A — Benfica B-Ateneu, Benfica A-Mirantense B e Arroios B-Sporting A. *Série B* — Arroios A-C. Católico e Benfica C-Belenenses — todos nas mesas dos clubes indicados em primeiro lugar — a partir das 10 horas.

TIRO A CHUMBO

No «stand» do Clube Português de Tiro a Chumbo, no Lumiar, a partir das 14,30 h., prova de «skeet» a 25 pratos (Taça «Guy de Valle Flor) e prova a 5 pombos (Taça «Gueifão Ferreira»).

HOJE, À NOITE

BADMINTON — Em Coimbra, ás 21 horas, 1.º Coimbra-Lisboa, entre homens e senhoras.

BASQUETEBOL—A selecção nacional defronta um combinado do Porto, no campo da Constituição, ás 21 e 30 horas.

HOMENAGEM — Festival de homenagem aos jogadores do Vitória Clube de Lisboa, campeões de ténis de mesa da 2.ª Divisão, na sede do clube, ás 21 e 30 horas. São homenageados os componentes da equipa do Benfica, vencedores do campeonato da 1.ª Divisão. Leonor Cadillon e Helena Setimelli, jogadoras benfiquistas, fazem uma demonstração e o técnico Otto Glória profere uma palestra.

HOQUEI EM PATINS — No rinque do Campo de Ourique, a partir das 21 horas, começa a Taça de Honra com os jogos Sporting-Hóquei de Belém, Mundet-Futebol Benfica e Educação Física-C. U. F. do Barreiro.

LUTA — Às 21 e 30 horas, integrado na «Semana de ginástica» (que hoje se inicia), realiza-se na sede do Ginásio Clube Português, um grande torneio de luta greco-romana, por equipas.

XADREZ — Na sala da Beneficência (Rego) e na sede do Ateneu efectua-se a 1.ª sessão do torneio regional, com os encontros Alekhine-Sporting e Ateneu-Belenenses.

Futebol

A data da repetição do Belenenses-Benfica

Recebemos esta tarde da direcção da Federação Portuguesa de Futebol o seguinte comunicado:

«Esta direcção, pretendendo atender as sugestões que nesse sentido lhe foram apresentadas, e tendo ouvido os dois clubes directamente interessados, está a estudar com as entidades superiores a possibilidade de adiar o jogo de repetição Belenenses-Benfica para data que será sempre anterior á da final da segunda volta do Campeonato Nacional da I Divisão».

CAMISAS
POR MODELO OU POR MEDIDA
TECIDOS A ESCOLHA OU DO CLIENTE
13 modelos em exposição
Consertos e transformações por pessoal especializado
ROVIL
Rua Arco Marquês do Alegrete, 56, 1.º — Telef. 862402
Envio á cobrança pelo correio
BATAS HOSPITALARES
PIJAMAS E CUECAS

Centenas de pessoas manifestaram o seu pesar pela morte de Artur Portela

Foi profundamente sentida a morte do nosso querido camarada Artur Portela — que teve a acompanhá-lo, antes de ficar depositado no cemitério dos Prazeres, todos os seus companheiros da redacção e de outras secções do «Diário de Lisboa», bem como muitas pessoas estreitamente ligadas á vida do nosso jornal, dentre as quais queremos destacar as sr.as D. Elisa Bordallo Pinheiro, D. Maria Teresa Bordallo Pinheiro Pereira da Rosa e D. Germana Pinto Ruela Ramos. Assim, além das entidades a que ontem nos referimos, manifestaram o seu pezar, comparecendo na Casa da Imprensa, no cemitério, ou na nossa redacção, ou enviaram cartas, cartões ou telegramas de condolência mais as seguintes:

Artistas sr.as D. Raquel Roque Gameiro, D. Eduarda Lapa, D. Maria Adelaide de Lima Cruz, D. Gabriela Castelo Branco, D. Marta Mesquita da Camara, D. Matilde de Rosa Araujo, D. Amélia Vilar, D. Arminda Gonçalves, D. Fernanda Botelho, D. Adelina Campos, D. Luísa Durão; D. Maria Isabel Guerra Junqueiro, dr.ª D. Lourdes Levy, D. Alda e D. Virgínia Bordallo Pinheiro de Mendonça, D. Maria Emília Barbosa Viana, D. Alice de Azevedo Constant, D. Maria Manuela e D. Maria Elvira Pimentel Montenegro, D. Helena Ramos, D. Adelaide Ribeiro e família, D. Maria Candida de Almeida; srs. dr. Veiga de Macedo, ministro das Corporações; eng.º Luís Guimarães Lobato, vice-presidente da Camara Municipal de Lisboa; professores drs. Caeiro da Mata, Fernando Emídio da Silva e Ricardo Jorge, tenente-coronel Salvação Barreto, Luís Pastor de Macedo, dr. António Luís Gomes, pela Fundação da Casa de Bragança; dr. João Couto, director do Museu de Arte Antiga; general Afonso May, brigadeiro Ribeiro da Fonseca, coronéis Esmeraldo de Carvalhais e Vasco Lopes de Mendonça; pintores Joaquim Rebocho, Dordio Gomes, Lauro Corado, Stuart Carvalhais, José de Lemos, João Santiago, Machado da Luz, Roberto Nobre, Eduardo Malta Martinho da Fonseca, João Fragoso, António Soares, José Julio, Hermano Baptista; arquitecto José Borrego, actores Samwuel Dinis, pelo Sindicato dos Artistas Teatrais; Augusto Costa (Costinha), Augusto de Figueiredo, Geraldo de Magalhães, Joaquim de Oliveira, Gerhard Dohms, adido de Impresa á Embaixada alemã; escritores e jornalistas dr. Domingos Monteiro, José Cardoso Pires, Guedes de Amorim, dr. Lopes de Oliveira, Jaime Brasil, António de Cértima, Augusto Abelaira, dr. João da Silva Correia, Alexandre Cabral, Gustavo de Matos Sequeira, Vítor Falcão, Luís e José Galhardo, Emílio Loubet, Mário Reis, Luís Consiglieri Sá Pereira, José Barão, Hugo Rocha, Stubbs de Lacerda, Manuel Alpedrinha, Alves Teixeira, Lapas Gusmão, Sebastião Cardoso, rev.º Dinis da Luz, Morais Cabral, Eliseu Piteira de Almeida, Vasco Vidal, Maia Alcoforado, Leal do Zêzere, Manuel Ribas, presidente da assembleia geral da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto; dr. Mário Lyster Franco, director do «Correio do Sul», de Faro; drs. Braga Paixão, Ramon de la Féria, Campos Coelho, António de Oliveira Braga; comandante Pires dos Santos, Miguel de Melo e Castro (Alvelos), Artur Ramos, João Trigueiros de Aragão, Alberto Lobo, Fernando Homem Cristo, Lázaro Léon, Augusto Bertholo, Manuel Torres Marques, Castro Aragão, de Seia; dr. João de Araujo Correia, de Peso da Régua; Armando Marques Laborinho, da Nazaré; Machado Luz, do Porto; Carlos de Barros Queirós, pelo «Mundo Português»; Mário Sacramento, de Aveiro; Calazam, da Marinha Grande; Bordalo Matias de Almeida; Romualdo Figueiredo, inspector da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais; dr. Vasconcelos de Carvalho, pela Casa das Beiras; Joaquim Moreira da Silva, Mário Pacheco, Ilídio Carracena, Arménio Lemos, Augusto Navarro e António Rebordão Navarro, do Porto; Manuel Vilaverde Cabral, de Oeiras; António Paulo Louro, director do «Jornal do Fundão»; Manuel Domingues, de Vila Real de Santo António; professores Cosmeli Santana e Guilherme Rosa; capitães Neves Graça e Salgueiro Rego; dr. Ramiro Valadão, Ventura Moutinho, Adérito Horácio da Silva Cabral, Manuel António da Silva, subchefe da P. S. P.; João de Freitas Martins, drs. Fernando Henriques Vaz e José Martins Gralha; Luís de Carvalho, Joaquim de Melo Teixeira, Mário de Noronha, Maldonado de Freitas, das Caldas da Rainha; dr. Jaime Lopes Dias, que no funeral representou a Camara Municipal de Lisboa; C. Pires dos Santos, Jorge de Serpa Pinto, Artur Ramos, Ernesto de Sousa, Alger Barreto, do Serviço de Imprensa da Embaixada de França; Luís Ribeiro de Carvalho, João Santiago, João Trigueiros, Fialho Gouveia, Joaquim Lucas, do Sabugal; Moreira Figueiredo, de Viseu; António Breia, Ernesto Costa, Marinho da Silva, António Marques, repórter fotográfico; Manuel Arrobas, de Coimbra; Afonso P. de Carvalho, Luís Quadros, António Perianes Palma, Francisco de Almeida Ribeiro Gonçalves, Mário Cília, Julio Navarro Cabral, presidente do Cenáculo «Tábua Rasa»; João Barros da Fonseca, David Dinis dos Santos, Fernando S. Cabral Monteiro, do Porto; José de Albuquerque Ramos, José Luís Ribeiro, N. da Silva Negrão, delegado em França da T. A. P.; capitão António Gomes Rocha, Aníbal Resende, José Jacinto Brás, José de Albuquerque Ramos, António de Sousa Pinto, Joaquim Parro, José Lourenço Rodrigues.

*

O director do «Diário de Lisboa», sr. dr. Norberto Lopes, representou também no funeral a Associação de Jornalistas e Homens de Letras, do Porto.

*

Todos os nossos prezados colegas da Imprensa diária de Lisboa e Porto se referiram á morte de Artur Portela, com largas biografias, salientando o seu talento, a sua notável carreira jornalística, o seu nobre carácter e a sua bondade, bem como os jornais da província, dos quais apontamos já o «Diário de Coimbra», o «Diário do Minho» e o «Correio do Minho», que lhe prestam sentida homenagem, assim como os jornais desportivos «A Bola» e o «Mundo Desportivo». Apresentamos-lhes os nossos agradecimentos.

Necrologia

Jacinto Gomes Polvora

Faleceu na sua residência, na Rua Dr. Lacerda de Almeida, 11 r/c, Dt.º, o sr. Jacinto Gomes Polvora, de 55 anos, natural de Sesimbra, casado com a sr.ª D. Miquelina da Cruz Polvora, que era empregado da Cervejaria Portugal.

O funeral, a cargo da casa A. G. Magno da Av.ª Almirante Reis, realiza-se amanhã, ás 11 horas, da residência acima, para o cemitério do Alto de S. João.

O funeral do dr. Carlos Babo

PORTO, 14 *(Pelo telefone)*—Efectuou-se esta manhã o funeral do dr. Carlos Babo, tendo saído o préstito da residência do filho do ilustre extinto, dr. Alexandre Babo, á Rua do Estádio, para o cemitério de Agramonte, onde numerosas pessoas aguardavam a chegada do feretro. Entre os presentes, viam-se os srs. coronel Helder Ribeiro, drs. Manuel Monterroso, Bernardino Machado Vaz, António de Macedo, Fernando Santos Silva, Armando Cota, Eduardo Ralha, Armando Bacelar, Sousa Dias, Castro Brandão, Bento de Nelo, Mário Cal Brandão, Miranda Mendes, Vilhena de Andrade, José Neves, Julio Semedo, arquitecto Lobão Vidal, eng.º Ricca Gonçalves e Luís Neves Real, dr. Juiz Bonifácio da Costa, o poeta Alberto de Serpa e os srs. Secundino Branco Junior, Luís Carvalho, Maximiano Silva, Viana Jorge, Silva Matos Junior, etc.

Todas estas pessoas tomaram parte nos turnos realizados entre o portão e o coval do cemitério, tendo sido ainda organizados outros três turnos constituídos um deles por senhoras, o segundo por jornalistas e o turno final por membros da família.

DEMITIRAM-SE

os representantes das Juntas à União das Freguesias de Lisboa

Numa reunião presidida pelo sr. dr. António Osório Vaz, novo governador civil de Lisboa, os vogais das Juntas de Freguesia eleitos em fins de 1958 para a respectiva representação na União de Freguesias de Lisboa, pediram a exoneração dos cargos que ocupavam. O pedido foi fundamentado na circunstancia de terem sido criadas, na área do concelho de Lisboa, duas novas freguesias e suprimidas duas, e alteração das respectivas denominações, assim como na consequente e profunda alteração dos elementos constitutivos das correspondentes autarquias territoriais e populacionais.

Na opinião dos vogais demissionários, a representação que lhes fora confiada ficou sèriamente comprometida, pelo que se impõe proceder a nova eleição.

O governador civil, em face das razões invocadas e perante a insistência do pedido, aceitou a demissão dos referidos vogais, com a condição, que foi aceite, de ficarem em exercício das respectivas funções até serem empossados os novos vogais da comissão central.

Ourivesaria Alges
Av. Combatentes, 13-A
Telef. 012523 — ALGÉS
SORTIDO DE JOIAS EM 2.º MÃO
ALGUMAS EM PLATINA E BRILHANTES GRANDES

Afonso Bernardo da Silva

(Cortador)

FALECEU

Deolinda dos Anjos Pereira da Silva, e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu extremoso marido e parente, e que o funeral se realiza amanhã dia 15, pelas 16 horas, saindo o préstito funebre da Basilica da Estrela, onde o corpo se encontra depositado, para Jazigo de Família no cemitério dos Prazeres.

AGENCIA RICARDO HENRIQUES
Telf. 27684

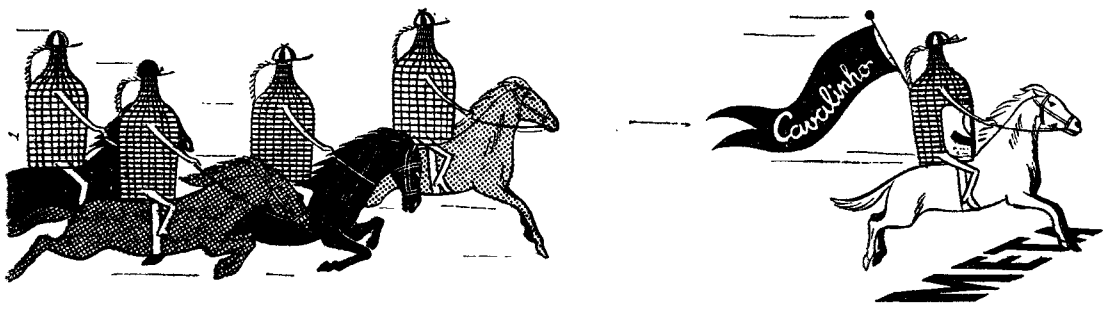
Jacinto Gomes Pó vora

EMPREGADO DA CERVEJARIA PORTUGAL

FALECEU

A gerência e pessoal da Cervejaria Portugal, participam o falecimento do seu saudoso colaborador e colega, e que o seu funeral, se realiza amanhã ás 11 h., da Rua Dr. Lacerda de Almeida, n.º 11 r/c., Dt.º, para o cemitério do Alto de S. João.

A. G. MAGNO, LDA.
Av.ª Almirante Reis, 129-A
Tel. 51586



Cavalinho o 1.º em todas as provas

O VINHO — NOVIDADE DAS *Caves Aliança*
EM GARRAFÃO E EM 3 TIPOS DE CLASSE: ROSADO · BRANCO · CLARETE

VINICOLA DE SANGALHOS, L.DA Sede em Sangalhos — Telefones PBX 3 e 167
Armazéns em Lisboa — Av. Infante D. Henrique
2.º circular - lote 16 — Cabo Ruivo
Telefones 381596 e 382155

UNi O SOL EM SUA CASA

A MAQUINA DE SECAR ROUPA QUE VEM REVOLUCIONAR OS HABITOS DAS DONAS DE CASA

Refrigeração POLAR

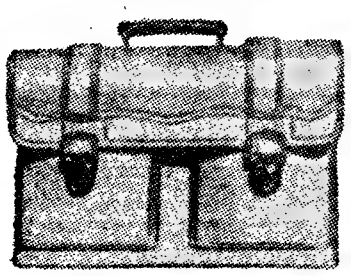
À VENDA NOS AGENTES OFICIAIS

POLICLÍNICA CAMPO D'OURIQUE

Rua Francisco Metrass, 24, 1.º-Dt.º
Telefone 66 99 64

Dr. A. Ferreira Gomes — Doenças das crianças
Dr. Coelho Puga — Doenças dos olhos
Dr. Eduardo de Albuquerque — Doenças das senhoras — Partos
Dr. E. de Oliveira Machado — Clínica médica.
Dr. Henrique Soudo.
Dr. Coelho Lopes — Raios X
Dr. Eugénio Marques Lito — Análises clínicas

PASTAS



30 anos de fabrico todos os modelos fornece ao comércio
A Comprido—R. Madalena, 97

PIANOS

CASA
GOUVEIA MACHADO
Rua S. José, 152—Telef. 25517

SE NÃO TEM MÁQUINA DE CALCULAR Utilize a...
TABELA DE CÁLCULO
DE CAMPOS BEIRÃO
Ag. Tip. Castelo, Lda.
R. Teixeira de Pascoais, 11-A-LISBOA

Everest

O EXPOENTE MAIS ALTO EM QUALIDADE

Máquina comercial
MODELO STANDARD 92
COM CARRETOS INTERMUTÁVEIS DE VÁRIOS TAMANHOS

Máquina portátil
MODELO K 2
TIPO MÉDIO COM TABULADOR

Electro-Calculadora
GRANDE CAPACIDADE
DOZE CASAS DE INSCRIÇÃO
E TREZE NO TOTALIZADOR

Máquina de calcular
DE 10 TECLAS MANEJÁVEL SÓ COM A MÃO DIREITA
COM E SEM TRANSPORTE DE RESULTADOS

DEMONSTRAÇÕES SEM COMPROMISSO
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS.
AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA.
AVENIDA FONTES PEREIRA DE MELO, N.º 45
RUA PINHEIRO CHAGAS, 1C-1D — TELEFONE 59181 — LISBOA

AYRES

LISBOA GARAGEM, L.DA

ACESSÓRIOS — Completo stock — Motos — Scooters das marcas Zundapp — Jawa — Lambretta

RUA ALEXANDRE HERCULANO 11-B
TELEF. 55536 — LISBOA

CHÁ DE HAMBURGO

ALEMÃO GENUINO

Acreditado, há decénios, nas afecções das vias digestivas, biliares e urinárias

À VENDA NAS FARMÁCIAS

Assim... posso estar descansado

TENHO A BOCA FRESCA E O HÁLITO PURO

ODOL é altamente concentrado. Por isso, algumas gotas de elixir ODOL num copo de água morna chegam para assegurar uma higiene perfeita da boca e da garganta.

REFRESCA
PROTEGE CONTRA AS INFECÇÕES

PURIFICA O HÁLITO

O ELIXIR E A PASTA ODOL COMPLETAM A HIGIENE DIÁRIA DA BOCA

Odol

O ELIXIR QUE DÁ SAÚDE E FRESCURA À BOCA

Distribuidores exclusivos: **Sociedade de Produtos Suíços, Ld.ª** — Av. Sidónio Pais, 24-r/c.-Dt.º — Tel. 53137 — Lisboa

---

CAPITAL

Coloca qualquer quantia sobre prédios rusticos ou urbanos em todo o País, nas melhores condições

A FINANCIADORA
COMPANHIA NACIONAL DE CRÉDITO
S. A. R. L.

Sede em LISBOA: — Av. da Liberdade, 3-2.º
Sucursal no PORTO: — Pr. da Liberdade, 12-2.º
Dependência em COIMBRA: — R. Ferreira Borges, 15-2.º

DINHEIRO SOBRE AUTOMÓVEIS

Emprestamos a juro inferior ao da Lei e nas melhores condições. Rapidez na transacção e sigilo absoluto. «A LUZAFRICA» — Calçada do Carmo, 6, 2.º (Esquina do Rossio) — Telefones 24524 e 368080.

GIRA-DISCOS
(Chassis)

390$00

Alemão. 4 velocidades
o melhor do mercado
Consulte a

DISCOTECA DO CARMO, LDA.
Rua do Carmo, 63 — LISBOA

No convívio do Batalhão
de Caçadores Pára-quedistas, em Tancos

Com uma inigualável sensação de euforia, o pára-quedista alcançou, finalmente, o solo, onde caiu conforme a boa técnica de defesa. Ergue-se num ápice, e procede á dobragem sumária do pára-quedas, tarefa enérgica, cumprida em contra-relógio, que, no máximo, dura 3 minutos

(Continuação da página central)

existentes entre as Forças Aéreas dos dois países. Lê-se no ofício que acompanhou o aparelho, dirigido ao embaixador de Portugal e assinado por aquele general:

«Cooperando no sentido de estreitar, cada vez mais, os laços que unem o Brasil a Portugal e, particularmente, pugnando para tornar realidade o intercambio militar luso-brasileiro, solicito a boa vontade de V. Ex.ª para que seja remetido ao glorioso Batalhão de Caçadores Pára-quedistas, sediado em Tancos, um aparelho ginástico denominado «cama elástica», construído no Arsenal da Urca, no Rio de Janeiro. Cumpre informar á V. Ex.ª que a oferta de tão util material, indispensável mesmo no treinamento físico do pára-quedista, deve-se ás pessoas e entidades abaixo relacionadas: Manuel Garcia Cruz, Álvaro do Nascimento, José Ribeiro de Paiva, Joaquim Melo, Alberto Portela Filho, João Silva, Margarida Candida Teixeira, Fábrica de Cerveja Sul-Americana e sócio n.º 517 do C. R. Vasco da Gama...»

O agradecimento do subsecretário português da Aeronáutica confirma esse feliz entendimento:

«Tenho a honra de significar a V. Ex.ª, em nome da Força Aérea, o meu muito apreço pela amável e util oferta da «cama elástica», para treino de saltos, destinada ao B. C. P., de Tancos. Tal oferta constituiria, se não existissem já tantas e tão elevadas provas de real amizade entre os nossos dois países, mais um testemunho de quanto as nossas Forças Armadas se apreciam mutuamente».

Os pára-quedistas à frente do campeonato desportivo da Aeronáutica

No B. C. P., de Tancos, as actividades desportivo-recreativas são consideradas com a importancia que, efectivamente, devem ter. O desporto é um excelente sistema de preparação psíco-física para os bravos pára-quedistas, sempre prontos para os grandes esforços e para as grandes emoções. Os seus representantes conquistaram já este ano, os torneios de andebol de sete e de basquetebol e, actualmente, marcham no comando do troféu «Força Aérea Portuguesa», ao qual concorrem, também, as Bases Aéreas n.ºs 1 (Sintra), 2 (Ota), 3 (Tancos), 4 (Lajes), 6 (Montijo), Aerodromo-Base n.º 2 (Aveiro) Grupo de Detecção, Alerta e Conduta de Intercepção n.º 1 (Monsanto) e Depósito-Geral de Material da Força Aérea (Alverca).

As «multas» até dão para comprar aparelhos de televisão...

A par da actividade desportiva, a valorização intelectual e profissional dos pára-quedistas é permanente. Em cada ano, dezenas de jovens completam em Tancos os seus cursos liceais, e isso faculta-lhes a promoção. Todos os pára-quedistas são obrigados a aprender a conduzir automóveis e a obter a respectiva carta. Além disto, os homens do B. C. P. também organizam e concorrem a certames artísticos e intelectuais e até têm um jornal próprio — o «...Salta!» — inteiramente feito por eles, e cujo director e editor é o sr. capitão Soares Cunha, um dos mais categorizados pára-quedistas portugueses, e o redactor-principal é o furriel Cruz Ferreira. O «...Salta!» inclui artigos doutrinários, técnicos, notícias pessoais, poesia e a típica graça dos componentes do Batalhão. Veja-se como termina uma notícia de casamento de um furriel:

«...Como nada tiveram a alegar em sua defesa, e ás perguntas que lhes foram feitas responderam «sim», julgou por bem o meritíssimo juiz condená-los na pena de união perpétua...».

Ou o princípio de esta outra:

«Apesar dos avisos e prevenções de que a vida está cara, continuamos a ter de mencionar novos «casos» de enlace matrimonial...».

O clima de cordialidade e camaradagem tem a sua máxima expressão na vida dos clubes, á qual o «...Salta!» também dedica a sua sátira:

«O de oficiais: «Sociedade das Nações»... á volta de um fogão; o de sargentos: «Nunca tantos lutaram tanto, por tão poucos lugares sentados»; o de cabos e soldados: «Quatro paredes mal caiadas... três mesas, quatro cadeiras... as bebidas bastante aguadas... para evitar borracheiras»...

Mas, os oficiais também se reunem todas as noites em torno do aparelho de televisão, que compraram com o produto das «multas» que fazem parte do regulamento e cuja tabela é a seguinte:

Aniversários, 100$00; 25 saltos, 25$00; 50 saltos, 50$00; 69 saltos, 69$00; 100 saltos, 100$00; 200 saltos, 200$00; 1.º salto comandado, 100$00; 1.º salto em aspa, 200$00; juramento de fidelidade, 100$00; louvores ou condecorações, 100$00; punho de abertura, 50$00; promoção, 100 % do aumento; título de pára-quedista, gratificação do serviço aéreo. No mapa do exercício de 1958, verificámos que foi o alferes Morais que mais pagou (1.500$00), pois, além de ter festejado o aniversário, foi promovido e recebeu o seu título de pára-quedista. O próprio comandante também foi «multado»: 710$00...

Ninguém se escusa a pagar as «multas», cuja receita reverte para melhoramentos do clube, festas de Natal, compra de revistas e livros, acção beneficente, etc. Um aluno depois de dois meses de incorporação, foi reprovado por uma junta médica da Aeronáutica. Ser pára-quedista era todo o seu sonho, a maior ambição. O seu desgosto tocou todos os companheiros. Tinha de iniciar nova vida, bem diferente. O Clube dos Oficiais ofereceu-lhe um donativo de 3 mil escudos, a fim de ele partir para o Ultramar, onde hoje exerce uma profissão. Belo exemplo de solidariedade de jovens que, embora arriscando o físico a todo o instante, jamais se alheiam das elevadas tarefas do espírito.

O padre-pára-quedista

O B. C. P. tem a seu serviço, permanentemente, um capelão, o rev.º António Silva Martins, que é também um jovem, um padre á maneira moderna, que nem, sequer, foge a dar, de vez em quando, os seus saltos em pára-quedas. Já completou 40 largadas. A sua opinião sobre o pára-quedismo merece divulgar-se:

—Pára-quedismo não é loucura, mas sim generosidade. E' uma escola cheia de requintes que forja a vontade do indivíduo que se propõe servir um nobre ideal — a Pátria. Não é uma aventura, mas sim uma certeza de bem servir porque para tal segue uma doutrina que lhe dá experiência, saber e método. O aluno de uma escola desta classe adquire uma generosidade quase sem limites e sabe ter uma atitude decidida diante de uma acção que a todos nós se nos afigura muito perigosa. O perigo existe, como em muitas das coisas, da nossa vida, mas está tanto mais diminuido quanto maior a presença de espírito e sangue-frio, qualidades cultivadas através de um curso que forma o espírito de um jovem cheio de vida e entusiasmo.

Dos saltos para a água —aos saltos para terra...

O sargento-ajudante Arlindo Mendes é uma das figuras mais características do B. C. P. Recordamo-lo quando ele se exibia, na piscina de Algés, em correctos e temerários saltos artísticos de altas pranchas para a água. Hoje, ele é um destemido pára-quedista, e dos mais antigos, pois fez parte do grupo formado em 1955, em Espanha.

—Será que você nasceu para voar e dar saltos?...

O simpático sargento-ajudante, loiro, entroncado e de sorriso um tanto infantil, respondeu:

—E' facto que a preferência que em «miudo» manifestei pelos saltos para a água tiveram decisiva influência na carreira que escolhi e não trocaria por alguma outra. Existe, de resto, certa correlação entre as duas especialidades. A primeira facilita o domínio do corpo através do espaço e, portanto, os saltos em queda livre.

A opinião do médico do B.C.P.

Conseguimos, ainda, algum tempo para visitar o bem apetrechado posto de socorros do Batalhão, acompanhados do médico, outro jovem, sr. aspirante dr. António Pais Cardoso. Percorremos todas as instalações, onde nada falta para assistência imediata. Na pequena enfermaria, com quatro camas, apenas estava um doente. Alguma queda mal dada? Não — apenas um ligeiro ataque de gripe... As estatísticas esclarecem, até, que se verifica maior numero de lesões nos desportos que nos saltos em pára-quedas...

O médico disse-nos que a preparação do pára-quedista é, realmente, muito violenta, mas que a progressão de ensino é racional, dotando os alunos com as condições exigidas pelos grandes esforços. A educação física é completa, a alimentação é salutar e conta o numero suficiente e científico de calorias, a higiene é bastante rigorosa e a vigilancia individual tem carácter permanente. «Apesar da dureza do treino, nunca ouvi uma queixa. E não se verificam quaisquer tipos de deformações morfológicas ou fisiológicas nos pára-quedistas».

Um pormenor que sobremaneira impressionou, foi o da exuberante alegria com que todos os homens do Batalhão de Tancos cumprem a sua tarefa e até as punições a que são sujeitos.

«Que nunca por vencidos se conheçam»...

O comandante Videira é o grande responsável por esse ambiente salutar e profundamente digno de indivíduos a quem está destinada missão de tanta relevancia. E' ainda ao valoroso oficial que se deve a maior parte das iniciativas que têm por objectivo a valorização dos pára-quedistas portugueses. São dele estas palavras:

—Interessa que cada homem tenha a consciência do seu próprio valor, como indivíduo e como militar. Que se eduque de forma a tornar-se uma parcela util para a Humanidade, para a Pátria e para si mesmo. Os 500 homens já brevetados podem classificar-se de inteiramente válidos. Na guerra e na paz. Para a Pátria e para a sociedade. Este é o maior orgulho do nosso Batalhão!

Efectivamente, verificando a estrutura moral e técnica dos nossos pára-quedistas, não podemos deixar de reconhecer que ela se baseia em juventude, ideal, vontade e saber.

A vida do pára-quedista é cheia de riscos, mas também de emoções transcendentes, de sensações inigualáveis, de momentos inesquecíveis. O perigo desaparece á medida que o homem dele toma consciência e se prepara para o dominar. Por isso é que se verifica um numero bastante diminuto de acidentes entre os pára-quedistas. E' também a razão porque o pára-quedismo tem hoje, em todo o Mundo, a preferência dos jovens ávidos de emoções fortes.

As campanhas de divulgação intensificam-se por toda a parte. Em Londres, por xemeplo, atraentes cartazes anunciavam: «É mais perigoso atravessar uma rua de Londres, que saltar em pára-quedas. Inscreva-se no posto mais próximo».

Junto á porta de um dos postos, escreveram um dia esta frase:

—Queria ser pára-quedista. Mas, moro do outro lado da rua...

O «Chico», mascote dos pára-quedistas portugueses, confraterniza cordialmente com um soldado do B. C. P. Será ele também pára-quedista?...

Visita ministerial
à cidade do Porto

(Continuação da página central)

ve-se largo tempo sobre as pedras que esmagaram os moradores daquela zona, mostrando-se admirado pelo arrojo do pessoal camarário que removeu os escombros e pelo perigo que ainda existe nas pedras deslocadas, que poderão também rolar pela escarpa. Inteirou-se das condições de habitabilidade das casas que estão na encosta e, entrando em algumas delas, interrogou carinhosamente os seus moradores. Desceu até junto do tabuleiro inferior da ponte de D. Luís. Pela primeira vez um ministro ali foi a pé, e seguindo pela estrada marginal, observou a escarpa e os edifícios ali erguidos, até á zona da Aguada, entre as duas pontes, passando ao fundo da Calçada da Corticeira. Retrocedendo, e sempre a pé, apesar da longa extensão do percurso, o ministro e a sua comitiva foram até ao lado poente da muralha fernandina, para verificar o andamento dos trabalhos de desmontagem, que está a ser efectuado por pessoal das Obras Publicas, sob a direcção de técnicos dos Monumentos Nacionais. O eng.º Arantes e Oliveira pediu, por fim, aos membros da comissão do inquérito ás causas do desastre que abreviassem o mais possível o seu relatório para o assunto ser convenientemente analisado.

ERICO VERÍSSIMO
no programa «Rua Larga»

O programa dos estudantes de Coimbra, «Rua Larga», emitido hoje, ás 23 horas, pelo Rádio Clube Português, é dedicado á presença do Brasil em Coimbra e incluia a recepção dos estudantes a Erico Veríssimo no Teatro Avenida e na «Republica dos Paxás».

FAUSTO COPPI
sofreu um desastre

TURIM, 14 — Fausto Coppi foi derrubado por um tractor, esta manhã, na estrada de Alexandria a Génova onde se treinava. Recolheu ao hospital. Parece que o seu estado não é grave. — (F. P.).

"ITALIA"
SOCIETÀ DI NAVIGAZIONE

PARA:
AMÉRICA DO SUL

CONTE GRANDE	19 Abril	Dakar, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo, Buenos Aires
CONTE BIANCAMANO	14 Maio	

PARA:
MEDITERRÂNEO

CONTE BIANCAMANO	2 Abril	Barcelona, Cannes, Génova, Nápoles
CONTE GRANDE	26 Abril	

OS AGENTES:

Em Lisboa:
AGENCIA MARITIMA TRANSATLANTICA, LDA.
Rua do Alecrim, 20-A, 1.º
Telefone 27264

No Porto:
KENDALL, PINTO BASTO & C.ª, L.da
Rua Nova da Alfandega, 12
Telefone 26146

ASPIRINA BAYER

SACOR

X Volta a Portugal em Automóvel

PRÉMIOS SACOR

I GRUPO

1.º	Exmo. Senhor	**Manuel Mocelek**	3.º da 3.ª Classe
2.º	»	» **Rui Lanceiro**	4.º da 3.ª Classe
3.º	»	» **José Batista dos Santos**	5.º da 3.ª Classe

II GRUPO

1.º	Exmo. Senhor	**Rugero Rizzetti**	1.º da 1.ª Classe
2.º	»	» **Cipriano Flores**	2.º da 2.ª Classe
3.º	»	» **Carlos Faustino**	1.º da 3.ª Classe

III GRUPO

1.º	Exmo. Senhor	**José Valentim**	2.º da 2.ª Classe
2.º	»	» **José Paula Nogueira**	2.º da 4.ª Classe
3.º	»	» **Manuel Bacelar**	1.º da 3.ª Classe

DE 51 CONCORRENTES,
SÓ 25 COMPLETARAM A PROVA,
DOS QUAIS 13 UTILIZARAM PRODUTOS

SACOR

TRABALHOS preparatórios

do I Congresso Regionalista da Comarca de Arganil

Reuniram-se as várias comissões do 1.º Congresso Regionalista da Comarca de Arganil que, entre outros problemas ligados á sua efectivação, trataram da realização de um filme relativo ás actividades e outras características da região; da organização de um concurso fotográfico e de uma exposição escolar, cujo plano vai ser elaborado pelo sr. prof. José Nunes de Brito; e elaboração de dois questionários, um destinado aos naturais da comarca e outro aos párocos e presidentes das juntas de freguesia — este já em distribuição. Tratou-se, ainda, da vinda a Lisboa do sr. bispo de Coimbra, em homenagem aos naturais da comarca de Arganil, e registaram-se as inscrições de muitos congressistas.

INSTITUTO MATERNAL

MATERNIDADE DR. ALFREDO DA COSTA

Concurso para o fornecimento durante o segundo trimestre de 1959 de:
Hortaliças e frutas.
Condições patentes nos serviços gerais desta Maternidade todos os dias uteis das 9 ás 12 e das 14 ás 16 horas, até ao dia 25 do corrente.
Lisboa, 10 de Março de 1959.
A DIRECTORA

EMPRESA DE CAMIONETES PIEDENSE, LDA.

HORÁRIO DA CARREIRA

Cacilhas (Largo Costa Pinto) Cristo Rei (Torcatas)
PARTIDAS

Cacilhas	Cristo Rei
10.30	10.45
11.30	11.45
14.30	14.45
18.30	18.45
19,30	19,45

Entra em vigor em 15/3/59

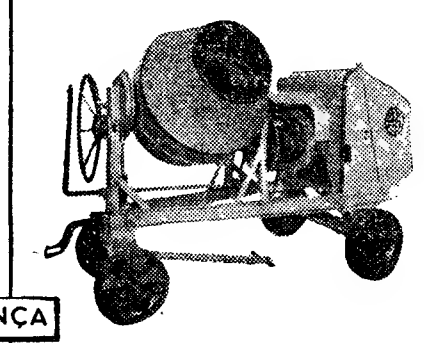
Leilão de Penhores

A COMERCIAL
18 T. da Trindade, 20 Tel. 2 5082
HOJE AINDA SE RECEBEM JUROS

O «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixe» são vendidos em ALENQUER por Cacilda da Conceição Granada

BETONEIRAS

SIMPLES OU COM
GUINCHO
DE 180 E 210 L.ts
ACCIONADAS POR MOTOR
PETTER
DIESEL OU PETRÓLEO



A MARCA DE CONFIANÇA

30 UNIDADES AO SERVIÇO DE UM SÓ CLIENTE

AA LISBOA
ALFREDO ALVES & C.ª (FILHOS)
5 FÁBRICAS VULCANO E COLARES
RUA ACADEMIA DE CIÊNCIAS, 5 — LISBOA — TELEFONES: 31710/8/9
STAND DE EXPOSIÇÃO: BOQUEIRÃO DO DURO, 28 — LISBOA — TELEF: 66478

SIDERURGIA NACIONAL

S. A. R. L.

CAPITAL SOCIAL — 300:000.000$00

ENTREGA DE TÍTULOS DEFINITIVOS

Avisam-se os Snrs. Accionistas de que os títulos definitivos, representativos das acções das 2 Emissões de capital desta Empresa, podem ser levantados a partir do dia 23 de Março, na sede da Empresa, Rua Braamcamp, n.º 5 (SECÇÃO DE TÍTULOS: 3.º andar Esq.), Lisboa em todos os dias uteis, das 14.30 ás 17.30 horas, excepto aos sábados, em que a entrega terá lugar das 10 ás 12 horas.

Os títulos serão entregues mediante a apresentação da cautela ou cautelas respectivas, devendo o Senhor Accionista exarar no verso de cada cautela a seguinte declaração:

«DECLARO QUE RECEBI OS TÍTULOS DEFINITIVOS CORRESPONDENTES ÀS ACÇÕES REPRESENTADAS POR ESTA CAUTELA».

A assinatura desta declaração deverá ser reconhecida por notário ou abonada por um Banco.

Lisboa 14 de Março de 1959.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

BOLETIM DO DIA

HÁ TRINTA ANOS

Do «Diário de Lisboa» de 14 de Março de 1929:

«O dr. José Leite de Vasconcelos, apesar de atingido pelo limite de idade, continuará a publicar os seus trabalhos filológicos, que fizeram dele um mestre, tanto em Portugal como no estrangeiro. Os anos passaram sobre ele, mas o seu espírito, atento ao trabalho e á reflexão, não deu por isso. Encontra-se com uma ligeira velhice no corpo e uma perpétua mocidade na alma. Depois de haver criado o Museu Etnológico Português, será de hoje em diante o seu santo protector».

EFEMERIDES

No dia 14 de Março de 1939 foi dissolvida a Republica Checoslovaca.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — A's 18, noticiário e danças 18 e 30, Rádio Rural; 18 e 50, «Cavalleria Rusticana»; 21, Noticiário; 23 e 45, noticiário; 0, fecho.

Programa «A» — A's 19, emissão infantil; 19 e 30, trechos em piano; 19 e 45, aguarela brasileira; 20, jornal sonoro; 20 e 15, musica ligeira sinfónica; 20 e 30, Que quer ouvir?; 21 e 15, viola espanhola; 21 e 30, conjuntos vocais; 21 e 45, serão para soldados, realizado em Setubal. No intervalo: Vozes do Mundo; 23 e 30, danças.

Programa «B» — A's 19, aspectos da musica moderna, 19 e 50, noticiário regional; 20, concerto de camara, em que colaboram o flautista Alberto França, a cantora Laura Lima e a pianista Maria Melina Rebelo. No intervalo: Temas portugueses; 21 e 15, 3.º acto da ópera «O Rapto do Serralho», de Mozart; 21 e 45, Quinzena literária; 22 e 15, «Cinco noveletas, op. 15», da Glazunoff; 22 e 45, Que quer ouvir?: «Abertura para um Festival Académico, op. 80», de Brahms; «Uma Noite em Monte Calvo», poema sinfónico de Moussorgsky; «Neste Trono», ária da ópera «Turandot», de Puccini; «Romeu e Julieta», abertura do concerto, de Tschaikowsky.

RADIO CLUBE — A's 18, Teatro de brincar; 18 e 15, jornal feminino; 18 e 45, Ritmos de baile; 19, diálogos do Olavo; 19 e 15, Eydie Gorme; 20 e 15, apontamento do dia; 20 e 20, motivos portugueses; 20 e 30, onda desportiva; 21, imagens por musica; 21 e 30, Língua portuguesa; 21 e 45, Brasil; 22, trechos recreativos; 22 e 30, cultura espanhola; 22 e 45, cançonetas; 23 e 1, Rua Larga; 23 e 30, Orquestra de Andre Kostelanetz; 23 e 45, agenda; 23 e 50, conjuntos; 0 e 30, noticiário; 0 e 40, ritmos de baile; 0 e 55, sumário; 1, fecho.

RENASCENÇA — A's 18 e 30, terço e benção; 19 e 25, boletim do S. C. R.; 19 e 30, França, horizonte do Mundo; 19 e 45, solos de órgão; 20, musica para o seu jantar; 20 e 30, noticiário; 20 e 55, meditando; 21 e 5, as ultimas novidades; 21 e 30, musica portuguesa; 21 e 50, melodias famosas; 22, canções, por Mário Lanza; 22 e 20, selecções; 22 e 45, noticiário; 22 e 57, boletim religioso; 23, serão familiar; 0, fecho.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 14 e 30 ás 19 e 30, Rádio Peninsular; das 19 e 30 ás 22, Voz de Lisboa; das 22 ás 2, Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje, ás 21 horas: Abertura da emissão; 21 e 2: Noticiário do País e do estrangeiro; 21 e 10: Jornal de actualidades internacionais; 21 e 20: «Juventude no Mundo»; 21 e 35: «Tele-desporto»; 22: «O mar também dá pão»; 22 e 20: «Na rua e na estrada»; 22 e 40: Transmissão de um programa do exterior; 23 e 20: Actualidades nacionais e ultimas notícias; 23 e 30: Prosseguimento da transmissão do exterior; 23 e 50: Fecho da emissão.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO J — Benfica—Estrada de Benfica, 678-E, Tel. 782532; Vicente — Estrada de Benfica, 466-A, Tel. 782606; Alegria — Estrada de Benfica, 180-A-B, Tel. 780511; Santa Cruz—Rua n.º 15 á Avenida Gomes Pereira, 2-A, Tel. 784838; Canto — Estrada das Laranjeiras, 202-B, Tel. 780841; Prates & Mota — R. da Beneficência, ao Rego, 91, Tel. 773728; Patuleia, Herdeiros — Rua do Lumiar 122-124, Tel. 779332; Cabrita — Campo Grande, 220-222, Tel. 772397; Zil — Avenida da Igreja, 9-D, Tel. 778380; Lusitana — Avenida de Roma, 18-A, Tel. 725448; Chinde — Rua Agostinho Lourenço, 6-B, 710331; S. Miguel — Praça Francisco de Morais, 1, Tel. 771469. Providência—Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego), Tel. 77034; Sagres—Av. Luís Bivar, 69-71 Tel. 47213; Latina Av. António Agusto de Aguiar, 17-A, Tel. 42312; Sá da deira, 36, Tel. 41961; Fonseca—Largo D. Estefania, 4-5, Tel. 54808; Ascensos, Ld.ª—Rua J, lote 48, Bairro da Encarnação, Tel. 388172; Freitas — Rua Zófimo Pedroso, 11-13, Tel. 381136; Marluz — Calçada da Picheleira, 140-B/C, Tel. P. P. C. 720703-728395; Cruz de Malta—Largo do Chafariz de Dentro, 36, Tel. 23326; Almeida Dias — Largo da Graça, 38-A-39, Tel. 862909; Dalton — Av. Mouzinho de Albuquerque, RSV, Tel. 843571; País — Rua Abade de Faria, 22-A/B, Tel. 723965; Antolin, Ld.ª — Avenida Almirante Reis, 88-B/C, Tel. 44173; Guerra — Rua Andrade, 32-36 Tel. 845513; Higienica — Rua Heliodoro Salgado, 20-A, Tel. 844361; Ronil — Rua Rodrigo da Fonseca, 153, Tel. 683438; Salutar — Rua B, 75-A-B (Bairro da Liberdade), 683694; Amoreiras (Das)—Praça das Águas Livres, 8-D, Tel. 681515; Maria Pia — Rua D. Maria Pia, 514, Tel. 687949; Linaida—Rua Ferreira Borges, 30, Tel. 660955; Micael — Rua de S. Bento, 380-382, Tel. 662162; Neves, Suc. — Rua da Bela Vista á Lapa, 37, Tel. 661251; Higilux—Rua de Pedrouços, 50-52, Tel. 610280; Mendes Gomes — Calçada da Ajuda, 222, Tel. 638256; Botanico-Química, Ld.ª — R. da Junqueira, 38-40 Tel. 638132; Ester Nogueira — Rua de Alcantara, 5-A, Tel. 637563; Moderna — Rua Garcia da Orta, 24, Tel. 663117; Açoreana — Largo do Conde Barão, 2, Tel. 661330; Macedo — Rua do Loreto, 71, Tel. 23631; Luís Magalhães — Rua de Santa Marta, 15-A-B, Tel. 46490; Salix, Ld.ª — Rua Barata Salgueiro, 54, Tel. 730820; Formosinho — Praça dos Restauradores, 18, Tel. 30927; Normal — Rua da Prata 220 Tel. 21342 — A —; Celta — Rua Moura Girão, 3-B, Telefone 710621.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

NACIONAL — A's 21.30 — «O processo de Jesus».
AVENIDA — A's 21.45—«Um marido em rodagem».
A B C — A's 20.30 e 22.45 — «Vinho novo».
MONUMENTAL — A's 21 e 45 — «Eles, elas... e os meninos».
TRINDADE — A's 21.45 — «Os pássaros de asas cortadas».
MARIA VITORIA — A's 20.30 e 22.45 — «Encosta a cabecinha e chora».

CINEMAS

TIVOLI — «O assombroso Sr. Pennypacker».
SÃO LUIZ — «Gata em telhado de zinco quente».
SÃO JORGE — «Os nus e os mortos»
IMPÉRIO—«Testemunha de acusação».
EDEN — «A costureirinha da Sé».
POLITEAMA — «A mosca».
MONUMENTAL — «Gigi».
CONDES — «Os violentos».
ODEON — «Furia de ambições».
ROMA — «Lazzarella».
CAPITOLIO — «Mister Cory».
COLISEU — «Dia de fúria».
AVIS — «Jerusalém libertada».
ALVALADE — «Gata em telhado de zinco quente».
RESTELO — «Três encontros com o destino».
OLIMPIA — «A noite em que o Mundo explodiu».
IDEAL — «O cobarde».
JARDIM — «Miguel Strogoff».
PROMOTORA — «A casa de chá do luar de Agosto».
CAMPOLIDE — «O filho de Robin dos Bosques».

MARÉS

PREIA-MAR: hoje, ás 18 e 23 (altura 3m,58); amanhã, ás 6 e 45 (altura 3m,45). BAIXA-MAR: hoje, ás 11 e 44 (altura 1m,21); amanhã, ás 0 e 5 (altura 1m,29).

CONFRATERNIZAÇÃO

Efectua-se hoje o jantar de confraternização dos antigos alunos do curso de 1949-54 do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras.

EXPOSIÇÕES

No Palácio Foz está patente ao publico, desde hoje, a exposição de pintura do artista Albano Neves e Sousa, intitulada «Angola — De Cabinda ao Cunene».

FESTAS ASSOCIATIVAS

O Clube Atlético de Queluz, que se encontra em progressiva actividade, como reflexo do desenvolvimento daquela vila, vai promover hoje, na sua sede, uma «soirée»-dançante. Este baile será abrilhantado pelo conjunto musical «Vera Cruz» e haverá um programa de variedades com artistas do Teatro e da Rádio.

—Também haverá bailes, hoje, á noite, na Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo.

QUEM PERDEU?

Relação dos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): uma cobertura de plástico para moto, uma lanterna eléctrica, um embrulho, um certificado e um diploma, uma cigarreira, seis guardanapos, uns óculos escuros, uns óculos graduados, um sapato, um relógio, um açamo, uma coleira, um cinto, uma esferográfica, uma lapiseira esferográfica, uma chave de porcas, dois tampões para rodas de automóvel, um tampão para depósito de gasolina, parte de um farol, um pára-choques, uma chapa de bicicleta, uma quantia em dinheiro, uma nota do Banco de Portugal, dois porta-moedas, um par de luvas e diversas luvas desirmanadas.

SEMANA DO CONTRIBUINTE

INQUILINATO

COLOCAÇÃO DE ESCRITOS

Verificar se estão colocados escritos em todos os prédios de que se obtiver do arrendatário declaração de que se considera despedido ou equivalente.

—Cód. Processo Civil, art.º 970.º

CONTRIBUIÇÕES GERAIS DO ESTADO

Erros nos lançamentos

—Reclamar, no prazo de 90 dias, a contar do dia imediato ao da abertura dos cofres do Estado para a sua cobrança, a anulação por qualquer erro nos lançamentos.

IMPOSTO COMPLEMENTAR

Notas de rendas vitalícias ou temporárias pagas por sociedades de seguros—Modelo n.º 5.

—Apresentar no mês corrente na direcção de finanças do distrito da sede das sociedades notas individuais.

—Regulamento do Imposto Complementar, aprovado pelo Decreto n.º 40 788, artigo 15.º, § 3.º

IMPOSTO PROFISSIONAL

Obrigações das entidades patronais e entidades que paguem qualquer gratificação *ou* percentagem.

—As entidades que pagarem qualquer gratificação ou percentagem sujeitas a imposto profissional ficam obrigadas a apresentar na respectiva secção de finanças, no mês seguinte áquele em que for ordenado o pagamento ou feita a liquidação, uma relação dos nomes das pessoas e importancia das gratificações ou das percentagens que lhes forem abonadas.

—Decreto n.º 16 731, artigo 72.º

TAXA DE SOBERANIA ULTRAMARINA

As firmas individuais ou sociais que tenham relações comerciais com as províncias ultramarinas portuguesas são obrigadas a enviar ás secções de finanças do concelho ou bairro onde estiver situada a casa do estabelecimento ou escritório, *até o ultimo dia de Março de cada ano, uma declaração* com os seguintes esclarecimentos:

Nome, firma ou denominação social;

Sede ou morada; e

Importancia da renda anual do estabelecimento ou do escritório, ou o seu valor locativo quando o contribuinte for proprietário.

Obs.—Feita em papel comum, de 25 linhas e em duplicado, do formato legal.

—Decreto n.º 12 439, artigo 1.º
» » 12 975, artigos 1.º e 2.º e seus §§.

Nota — *V. «Diário do Governo» n. 260, de 5 de Novembro de 1956, Rec.º 13 281.*

O «Bazar Bebé», na AMADORA, tem á venda o «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixe».

As múltiplas fiscalizações que velam pela saúde pública

(Continuação da página central)

truição ou impedir a venda ao publico de produtos impróprios para consumo e, bem assim, das coisas ou animais que possam ser veículo de contágio ou que, pelo seu estado sanitário, constituam perigo para a saude publica, de harmonia com as disposições legais e regulamentares». E no art.º 30.º do mesmo decreto assinala-se que lhe compete colaborar, em tudo o que respeite á higiene e saude da população, com os serviços dependentes de outros ministérios.

No art.º 66.º do referido diploma determina-se que em cada concelho, exceptuando aqueles em que tenham sede as delegações distritais, haverá um subdelegado de Saude que coadjuvará o delegado distrital no exercício das suas funções. Logo a seguir, no § 1.º desse artigo, prescreve-se: «Os subdelegados de Saude serão nomeados de entre os médicos municipais. Para os concelhos cuja sede tenha população igual ou superior a 10.000 habitantes poderão ser nomeados subdelegados privativos que não figurem no corpo dos médicos municipais mas habilitados com o respectivo concurso.

Foi assim estruturada uma organização sanitária á escala nacional, com responsabilidades e obrigações definidas e a que não deveriam faltar os meios de actuação eficaz, adequada e constante.

Entretanto, em Junho de 1948, foi publicado o decreto-lei n.º 36.935 que instituiu a Inspecção-Geral dos Produtos Agrícolas e Industriais, definindo as respectivas atribuições. O art.º 9.º do referido decreto diz que compete á 3.ª Repartição superintender nos serviços de inspecção e fiscalização de produtos indutriais destinados á alimentação e á agricultura e no comércio e transito dos mesmos produtos sujeitos a regime especial.

Por outro lado, o Código Administrativo, incumbe obrigatóriamente os médicos municipais de inspeccionar nos armazens, depósitos e lugares de venda, os géneros alimentícios e bebidas e de auxiliar os delegados de Saude no cabal exercício dos serviços sanitários.

Não se ficou por aqui em matéria legislativa relacionada com a defesa da saude publica. O decreto-lei n.º 40.355, de 20 de Outubro de 1955, veio definir especificadamente as obrigações dos médicos veterinários municipais na inspecção sanitária das reses, criação, caça e respectivas carnes e subprodutos destinados ao consumo publico, pescado fresco ou preparado, conservas e demais produtos de origem animal servidos em hoteis, pensões, restaurantes e casas de pasto. Posteriormente, em 20 de Novembro de 1957, foi ainda promulgado o decreto-lei 41.380, que reorganizou a estrutura e actividades da Direcção-Geral dos Serviços Pecuários. Segundo as suas disposições, incumbe a este departamento do Estado a fiscalização da salubridade dos alimentos de origem animal, a título de acção preventiva que se considera mais eficaz e menos onerosa do que a acção punitiva. A referida Direcção-Geral pode examinar e sequestrar os produtos de origem animal destinados á alimentação publica, desde que a inspecção veterinária os dê como suspeitos de alteração, contaminação, falsificação, corrupção ou conspurcação. Cumpre mencionar, finalmente os Serviços de Fiscalização da Intendência-Geral dos Abastecimentos que têm como missão primacial a prevenção e repressão dos delitos anti-económicos e como função acessória a vigilancia do estado sanitário dos produtos alimentares. Deve dizer-se com inteira justiça, que a acção destes serviços em defesa da saude publica tem sido notável, devendo-lhe o publico louváveis benefícios nas mais diversas circunstancias. As brigadas da Intendência são, em muitos casos, acompanhadas de peritos e de médicos veterinários nas suas visitas a restaurantes, pensões e casas de pasto, desempenhando cumulativamente com a fiscalização económica a inspecção higiénico-sanitária das instalações e produtos. As mesmas brigadas recebem instruções para proceder á averiguação da origem dos produtos quando estes se lhes afigurarem suspeitos, entrando em contacto com as autoridades sanitárias locais para confirmação das suas observações.

Verifica-se por esta resenha breve que não faltam os serviços de fiscalização dos artigos alimentares e defesa da saude publica — mas dispersos por vários departamentos do Estado ou organismos corporativos, obedecendo a directrizes diversas e sobrepondo a sua actuação com idênticos desígnios. Por muito boa vontade e criteriosa orientação de que dêem provas os dirigentes, não é de admirar que surjam atritos de competência, desencontros de actividades, contrastes de normas executivas, perturbações inconvenientes para os serviços e para o publico. E a experiência comprova que as actividades lesivas da saude publica ou os acidentes involuntários que a afectam, por vezes em casos de extrema gravidade, subsistem com frequência e amplitude que parece contrapor-se a esta inflação de instituições e serviços fiscalizadores.

Afigura-se legítimo admitir que seria vantajosa, sob todos os pontos de vista, a remodelação dos serviços existentes, concentrando as suas atribuições numa organização devidamente estruturada, com poderes coordenadores e recursos de acção eficaz, a bem da saude publica e da economia e rendimento prático da função.

Restaurante Cortador
OH! LACERDA
Avenida de Berna, 36-A
PRATOS DO DIA
Domingo — Cabrito Assado
Segunda-feira — Dobrada á Portuguesa
Terça-feira — Cozido á Portuguesa
Quarta-feira — Bacalhau
Quinta-feira — Chambão á moda da casa
Sexta-feira — Caldeirada
Sábado — Chispe com todos
Agradece a marcação de mesa pelo telefone 77 40 57

Pequenos notícias

PELA POLICIA

PRISÃO DE LARÁPIOS — A Polícia Judiciária instruiu e enviou ao Tribunal da Boa-Hora um processo em que são arguidos Augusto Miranda Brás, de 22 anos, solteiro, e o conhecido cadastrado Ventura Serra, por terem praticado uma série de furtos em automóveis estacionados na via publica e, ainda, por terem roubado a quantia de 7.000$00 da gaveta de um balcão de um estabelecimento da Rua C, do Bairro da Liberdade, cabendo ainda ao Brás a responsabilidade de um outro roubo praticado numa leitaria da Rua da Beneficência, onde conseguiu introduzir-se por meio de chave falsa.

PELOS HOSPITAIS

ACIDENTES DE VIAÇÃO — Na Avenida Engenheiro Duarte Pacheco, foi colhido, por um automóvel, o sr. Joaquim Amante, de 81 anos, sapateiro, residente na Rua das Amoreiras, 173, o qual sofreu graves ferimentos na cabeça. Transportado á sala de observações do Hospital de S. José, ficou ali internado.

— Na Avenida da Liberdade, foi também atropelado por um automóvel o sr. Angelo Furtado Mendonça, de 60 anos, empregado de escritório e residente na Rua Luciano Cordeiro, 68, 4.º. Transportado á sala de observações do Hospital de S. José, recebeu ali os primeiros socorros, seguindo depois para uma clínica particular.

EVASÃO DE UM RECLUSO

A Polícia Maritima procede a investigações, no sentido de capturar José Manuel Clemente Miranda Relvas, que, há dias, se evadiu das Cadeias Civis, e que estava condenado a 2 anos e 4 meses de prisão maior celular. Suspeita-se de que procura emigrar clandestinamente para Espanha, ou o Norte de Africa.

Movimento marítimo

No paquete «Santa Maria» seguiram hoje: para a Venezuela, 150 emigrantes portugueses; para o Funchal, em viagem de férias, o sr. Philippe Pameton, embaixador do Canadá em Lisboa; e para Miami o escritor americano James Gray.

Só as forças dos países ocupantes

serão chamadas a intervir de começo no caso de guerra por causa de Berlim

(Continuação da 1.ª página)

bloqueio. «Então, iremos para uma guerra total» — disse o senador.

«No meu espírito — afirmou o chefe do Estado-Maior — a resposta é perfeitamente clara: devemos desde já decidir que usaremos toda a força necessária para assegurar a vida e a segurança de 2 milhões e meio de Alemães com os quais nos comprometemos de maneira formal, não admitindo subterfugios».

O senador perguntou-lhe então qual seria a atitude dos Estados Unidos se os comunistas decidissem empregar a força. O general respondeu: «Entrar na guerra por Berlim, se necessário for».

«Mas então — insistiu Johnson — a guerra geral é a unica saída...».

«Devemos ir até ao fim, sr. senador, e não podemos fazer marcha atrás em nenhum momento» — respondeu

Tendo-lhe depois perguntado se os Estados Unidos estavam prontos para qualquer eventualidade em Berlim e se havia planos já assentes para esse fim, o general respondeu afirmativamente. Acrescentou que, segundo esses planos, as forças ocidentais na Europa eram suficientes.

Foi então que declarou que só as tropas americanas, inglesas e francesas seriam chamadas a combater, de princípio, porque só os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a França são partes, com a U. R. S. S., do acordo sobre a Alemanha

O senador democrático, John Stennis fez depois uma pergunta ao general relativa ao uso de forças alemãs. A resposta não foi tornada publica, sabendo-se sòmente que dissera ser o problema, em grande parte, de índole política.

Por fim, o general insistiu em que o Exército americano estava pronto a entrar «instantaneamente» numa guerra, mas que a entrada em campanha de forças importantes na Europa ou em qualquer outro ponto exigiria, pelo menos, três ou quatro meses. — (F. P.)

A decisão do Governo francês

de dar autonomia em caso de conflito à sua Esquadra do Mediterrâneo causou emoção em Washington

WASHINGTON, 14—A Secretaria do Estado publicou ontem a seguinte declaração relativa á decisão do Governo francês, de modificar, em caso de conflito, a distribuição das suas forças navais no Mediterraneo:

«O Governo francês informou-nos da sua intenção de modificar as relações entre as forças navais francesas, no Mediterraneo, e a Organização Atlantica, tendo também dado igual conhecimento aos outros países-membros da N. A. T. O.

«Questões deste género interessam naturalmente a Aliança, no seu conjunto, e o assunto foi objecto de discussões dentro da Organização Atlantica, tendo tido todos os membros da aliança a oportunidade de expor, sobre o caso, os seus pontos de vista».

Nos meios oficiais americanos, declara-se que o Governo francês informou o Governo dos Estados Unidos quanto ás suas intenções, embora não o tenha feito oficialmente. Acrescenta-se, porém, pertencer o Mediterraneo á jurisdição do comandante supremo aliado na Europa, general Lauris Norstad, o qual poderá, se assim julgar conveniente, dar a sua opinião sobre o assunto. Diz-se ainda que o objectivo fundamental de tudo o que se prevê no dispositivo da N. A. T. O. é assegurar, na medida do possível, a defesa mais eficaz da zona do Pacto do Atlantico.

A determinação anunciada pelo Governo francês provocou, por outro lado, uma certa emoção em Washington, sabendo-se também que o presidente, Eisenhower tomou pessoalmente conta do caso. Os primeiros comentários, obtidos particularmente na capital americana, são por assim dizer prudentes e evitam ir além do espírito do breve comunicado publicado ontem.

Parece, no entanto, recear-se que o exemplo venha a ser utilizado, como precedente, por outros membros da Aliança Atlantica, que modificariam, por sua vez, no caso de julgarem necessário, as relações das suas forças armadas com aquela organização.—(F. P.).

As consequências da autonomia da Esquadra

PARIS, 14.—A decisão da França, de em caso de guerra não subordinar a sua esquadra do Mediterraneo ao comando-supremo da N. A. T. O., embora tivesse sido comunicada ao Conselho Permanente da Organização do Tratado do Atlantico Norte na quarta-feira, só ontem foi tornada publica em Paris.

O Mediterraneo constitui uma das zonas estratégicas da defesa da Europa. Sabe-se que estão a ser entabuladas consultas entre os vários membros da Aliança Atlantica a fim de se estudar a maneira de enfrentar a nova situação criada pela decisão da França.

A esquadra francesa, embora sob comando autónomo, tem tomado parte até agora, nas manobras navais e outros exercícios tácticos organizados pela N. A. T. O., mas salientam os círculos autorizados se se tornar completamente independente, não poderá, de futuro comparticipar em quaisquer planos para a defesa da Europa, no que se refere a exercícios de conjunto, sob o comando supremo das forças armadas da Aliança Atlantica.

Desde que o general de Gaulle tomou conta do Governo, a França tem aproveitado todas as conversações diplomáticas entre Londres e Paris para manifestar as suas intenções de conservar numa situação de independência as suas forças armadas. A decisão tomada agora quanto á esquadra francesa do Mediterraneo, está enquadrada nesses planos.—(A. N. I.).

O efeito da decisão no seio da N. A. T. O.

PARIS, 14.—Referindo-se á decisão do Governo francês, um informador oficial da Organização do Tratado do Atlantico Norte declarou: «Dificilmente se poderá dizer que foi acolhida com grande entusiasmo pelos outros 14 membros da Aliança Atlantica».

A esquadra francesa, com uma tonelagem de 120.000, é, a seguir á Sexta Esquadra dos Estados Unidos, a maior força naval actualmente no Mediterraneo.

E' composta por três porta-aviões — «La Fayette», «Bois-Belleau» e «Arromanches» — um cruzador antiaereo — o «De Grasse»; 13 escoltadores oceanicos, 12 escoltadores rápidos, cerca de 15 submarinos, uma esquadrilha de caça-minas e grande numero de aviões.

Cerca de trinta por cento das forças navais francesas encontram-se na dependência da N. A. T. O.— (A. N. I.)

O "Foreign Office" lamenta

a atitude francesa

LONDRES, 14 — Interrogado acerca da decisão da França, um informador do Foreign Office disse: «Não poderiamos deixar de lamentar essa iniciativa».

Pensa-se em Londres que a França deseja manter, no caso de guerra, a direcção das suas comunicações com a Argélia. A propósito, o correspondente militar do «Daily Mail» escreve: «E' certo que a Grã-Bretanha não se mostrará favorável á comunicação francesa (ao Conselho da N. A. T. O.) sobre uma decisão que, a materializar-se significaria a retirada do representante da França do Q. G. da N. A. T. O. em Malta. Em tempo de guerra, o potencial esquadra da N. A. T. O. ficaria consideravelmente reduzido».

Por sua vez, o correspondente do «Times» em Paris declara: «Trata-se de um aspecto da política geral da França, tal como decorre das teorias pessoais do general de Gaulle quanto á estratégia da N. A. T. O. e á estrutura do comando. Tendem essas teorias a deixar á França a direcção da sua defesa nacional» — (F. P.).

A Holanda discorda

HAIA, 14 — Os meios governamentais holandeses lamentam a decisão da França e lembram que a política da Holanda sempre foi favorável a uma intangibilidade das forças da N. A. T. O., fossem quais fossem as circunstancias.

Consta que será este o ponto de vista defendido no Conselho da N. A. T. O. quando a decisão francesa for discutida — (F. P.).

O «DISTRITAL» DE RESERVAS DA A. F. L.

O Benfica é "guia" da classificação

no fim da 1.ª volta da prova

Com os encontros realizados esta tarde, concluiu-se a primeira volta do Campeonato Distrital de Reservas da A. F. L. O certame teve, pois a sua 9.ª jornada, que se apresentou muito valorizada, mercé do encontro Belenenses-Sporting, cujo desfecho se apresentava de muito difícil previsão, além de que interessava, também ao Benfica. O Benfica e o Torriense mereciam favoritismo, mas o jogo de Sacavém, também, não era de fácil vaticínio.

Do que se passou nos vários campos damos a seguir breves notas.

Belenenses, 2-Sporting, 3

Jogo no Estádio do Restelo, arbitrado por Viriato Maximiano e disputado pelos seguintes jogadores:

BELENENSES—Fernandes; Leonel e Rosendo; Amandio, Castro e Marçal; Miguel, Tonho, Martinho, Cunha Velho e Tito.

SPORTING — Carvalho; Peiroteo e Pelege (depois Mesquita); França, Osvaldinho e Valente; Carlitos, Ferreira Pinto, Tomé, Bispo e Cafum

O Sporting começou da melhor maneira e, aos 4 minutos, Bispo, de recarga fez 1-0. Depois o Belenenses superiorizou-se .mas os seus avançados não atinavam com o caminho da baliza. Entretanto, o Sporting recompôs-se e, aos 26 minutos F. Pinto, com oportunidade, elevou a conta para 2-0.

Perto do intervalo os «azuis» deram melhor conta de si, reduzindo a diferença, aos 44 minutos, com um golo de Amandio, na sequência de um «canto» e numa recarga que fez tabela em Osvaldinho.

Ao intervalo o Sporting vencia por 2-1.

No recomeço da 2.ª parte, Alves Pereira substituiu Carvalho, nas redes do Sporting; Bento entrou para o lugar de Rosendo no «team» azul.

Aos 10 minutos, o Belenenses empatou por Martinho; aos 23 minutos, Amandio falhou uma grande penalidade, aos 25 minutos numa grande penalidade contra o Belenenses, Ferreira Pinto desfez o empate, fixando o resultado em 3-2, a favor do Sporting.

Benfica, 4-Atlético, 1

Jogo no Estádio da Luz, sob as vistas de Carlos Dinis. As equipas alinharam:

BENFICA — Barroca; Sidónio (depois Djalma) e Barbosa; Cardoso, Humberto e Jurado; Reis, Mascarenhas, Carda, Santana e Pedro Silva.

ATLÉTICO—Santos; Carlos Alberto e Correia; Mega, V. Henrique e Palma; Lourenço, Tomás, Guerreiro (depois Espiga Lopes), Brito e Florival.

A equipa do Atlético, na primeira parte mostrou-se superior ao Benfica e o golo obtido, aos 35 minutos, por Florival, compensa bem o seu melhor labor. Depois, os «encarnados» lançaram-se ao ataque e, aos 43 minutos, Mascarenhas empatou. Ao intervalo, 1-1.

Na 2.ª parte, os «encarnados» desfrutaram de vantagem tendo marcado mais três golos, por Pedro Silva, de canto directo, aos 10 minutos, por Djalma, aos 19, e por Santana, aos 20 — ambos com culpas para Oliveira, que substituira Santos.

Até final nada mais digno de realce. Ao fim: Benfica, 4-Atlético, 1.

Sacavenense, 1-Estoril, 6

Jogo no campo de Sacavém. Sob a direcção de José P. de Abreu, os grupos formaram:

SACAVENENSE—Lino; Alvaro e Pinto; Clélio, Rui e António; Renato, Cardoso, Luís Filipe, Belo e Ribeiro.

ESTORIL—Carvalho; Beijinho e Albano; Palmiro, Brito e Carlos Alberto; Matos, Rosales, Cunha, Armindo e Luís.

A primeira parte decorreu com ligeira vantagem técnica do grupo visitante, compensada com a obtenção de um golo, aos 15 minutos, pelo avançado-centro Cunha. Perto do intervalo, os locais perderam magnífico ensejo de empatar. Ao intervalo: Sacavenense, 0-Estoril, 1.

Na 2.ª parte o domínio do Estoril foi acentuado. Marcaram golos: Cunha, Armindo (2) e Palmiro (2), pelo Estoril; Clelio, fez o ponto de honra dos locais.

Torriense-Arroios

Este desafio marcado para o campo das Covas, em Torres Vedras, não se realizou, tendo os locais marcado pontos por falta de comparência do Arroios.

Pontuação actual

1.º, Benfica e Sporting, 23 pontos; 3.º, Belenenses, 20; 4.º, Atlético, 18; 5.º, Torriense, 17; 6.º, Oriental, 15; 7.º, Estoril, 12; 8.º, Sacavenense, 9; 9.º, Arroios, 7.

A segregação racial

adoptada na Africa do Sul justificada pelo ministro das Finanças do respectivo Governo

PIKETBERG (Africa do Sul) 14. — O ministro das Finanças da Africa do Sul, Donges, declarou num discurso que pronunciou na noite passada, nesta cidade, que os acontecimentos em todas as partes de Africa justificavam completamente a política governamental neste país.

Donges afirmou ainda que o Partido Nacional Sul-Africano, que está no poder, encarara realisticamente os acontecimentos em Africa e oferecera a unica alternativa para o desaparecimento eventual do homem branco na Africa do Sul, por meio da sua política de justiça para os não Brancos e da existência pacífica tanto de Brancos como de não Brancos como bons vizinhos, mas não como bons associados, na mesma comunidade ou numa pátria comum

Por outras palavras — acrescentou o ministro — o Governo rejeitara uma política de integração com todas as suas «consequências desastrosas» — (R.).

A segregação nas Universidades levanta protestos

CIDADE DO CABO, 14. — Oitenta dirigentes de Universidades da Africa do Sul, incluindo três reitores, assistiram na noite passada a um comício publico em massa para protestar contra a proposta legislação do Governo para proibir não Brancos de frequentar Universidades sul-africanas.

A. van der Sandt Centlivres, presidente da Universidade da Cidade do Cabo, onde se realizou o comício, e antigo presidente do Supremo Tribunal de Justiça, declarou: «Encontramo-nos no meio de uma luta que lembra mais a Idade Média do que o século XX». — (R.).

Mais prisões na Rodésia do Norte

SALISBURY, 14. — Nas buscas realizadas pela Polícia em Lusaka, capital da Rodésia do Norte, foram presos muitos Africanos de grupo dissidente do Congresso Nacional Africano, que ontem tomou parte nos motins ali registados, durante os quais foram incendiados e destruidos estabelecimentos comerciais e redacções de jornais.

As autoridades recolheram armas e munições de toda a espécie. — (A. N. I.)

BARRETE VERDE
BENAVENTE — TEL. 74
O MAIS LUXUOSO E TIPICO RESTAURANTE DO RIBATEJO
EMENTAS REGIONAIS — RANCHOS FOLCLÓRICOS
FANDANGO — ACORDEONS — FTC.
O MAIS ALEGRE DIA NO CORAÇÃO DO RIBATEJO
(6 anos)

FOSTER DULLES

poderá reassumir no próximo mês as suas funções

WASHINGTON, 14. — Foster Dulles tem registado tão bons progressos na batalha contra o cancro abdominal de que sofre, que fontes diplomáticas desta capital esperam que regresse em Abril ao desempenho do seu cargo.

Essas fontes previram que Dulles permaneceria na Secretaria do Estado até a crise de Berlim abrandar, mas que não era provável que continuasse a ser por mais tempo secretário de Estado, depois disso.

Aguarda-se definitivamente que Dulles, que tem 71 anos, participe de alguma maneira nas conversações da próxima semana entre o Presidente Eisenhower e o primeiro-ministro britanico.

E' provável que MacMillan visite Dulles, após a sua chegada na próxima quinta-feira — ou na sua residência ou no Hospital do Exército Walter Reed. — (R.).

magazine

A REALIDADE DA JUVENTUDE

POR
ALFREDO BRAZ

Não é esta a primeira vez, nem será provàvelmente a ultima, que me disponho a abordar neste «Magazine» o problema da juventude. Traz-me agora de volta ao assunto, embora sem quaisquer intuitos polémicos, a minha discordancia com a opinião emitida sobre tão momentoso problema pelo prestigioso escritor Cristiano Lima num curioso artigo recentemente publicado na página de artes e letras de «O Primeiro de Janeiro» e cujo titulo — «A Ficção da Juventude» — é já por si bastante elucidativo da posição assumida pelo seu autor.

Parece estar o articulista plenamente convencido de que a juventude se tornou um assunto da actualidade por mera questão de moda, visto não existir, na sua opinião, um problema especificamente juvenil e nem sequer uma uniformidade entre os jovens que permita falar-se de «juventude» num sentido genérico.

Mas se realmente não existisse um problema da juventude actual, como então explicar o testemunho constituído pela já vasta produção literária desta jovem geração? Como encarar os importantes depoimentos que sobre o assunto o cinema nos tem dado? E, também, como interpretar os numeros assustadores que as estatísticas oficiais nos fornecem acerca da delinquência juvenil, os estudos de tantos hebelogistas famosos, as próprias notícias diàriamente aparecidas nos jornais?

Não dispõe certamente C. L. de tempo suficiente para ler as obras dos escritores mais jovens e só assim de justificará o seu excessivo optimismo, porque se conhecesse as modernissimas correntes literárias designadas pelos nomes de «literatura hip», «saganismo» «jovem angry», «nadismo», «hlaskoismo», etc., breve verificaria a existência de motivos para sérias apreensões. A não ser que pretendesse negar a esta copiosa produção juvenil uma inspiração colectiva e o caracter de testemunho de toda uma geração, o que seria atitude imprópria da sua reconhecida clarividência.

Não haverá, é certo, uma completa uniformidade em todas as referidas correntes literárias, provenientes como são de países com diferentes níveis de desenvolvimento económico e climas espirituais dissemelhantes, mas é sem duvida possível descobrir neles muitos traços comuns e todos denunciadores de uma grave crise juvenil. É de assinalar, por exemplo, que tanto os autores como os principais per-

(Continua na página seguinte)

Como vivem e pensam os problemas da sua arte os escritores brasileiros

(inquérito conduzido por Urbano Tavares Rodrigues)

Depõe Lygia Fagundes Telles:

Autora de um romance psicológico — «Ciranda de Pedra» — que marca uma época na ficção brasileira contemporanea, pela delicaca e ao mesmo tempo vaporosa e cruel sondagem dos sentimentos, pela arte subtil co mque insinua o patético, mas um patético neutro, forrado de cinzas, e as sementes da frustração, entre os banais eventos quotidianos, e possuindo, sem embargo, um poderoso e ágil sentido do romanesco — Lygia Fagundes Telles, cujos contos («Cactos Vermelho», «Histórias do Desencontro», entre outras colectaneas) testemunham «oficio» consumado e o segredo de uma aguilhoante equivocidade, aparece, sendo ainda muito jovem (35 anos), como um dos casos mais válidos e profundos da já chamada «linha da introversão paulista», ao lado de Lygia Junqueira, Clarice Lispector e outros vultos de uma admirável pleiade feminina de Além-Atlantico.

Com a publicação das respostas que Lygia Fagundes Telles deu ás nossas perguntas, iniciamos esta semana o nosso inquérito *«Como vivem e pensam a sua arte os escritores brasileiros?»*

— Acredita num valor ético da obra de arte?

— Tenho para mim que a arte não implica valor ético. Necessàriamente, não vejo razão por que o artista se sinta na obrigação, digamos, de escrever um livro de tendência, de direcção moral, política ou filosófica. Repito ainda o surradissimo conceito de Oscar Wilde: «A arte é inutil». Sim, bem como a beleza, considero a arte inutil nesse sentido de aproveitamento premeditado, de objectivo ético calculadamente escolhido. As cores do céu, e que compõem um crepusculo, por exemplo, nascem, e se misturam, e se diluem, e morrem assim ao acaso, e é exactamente nesse imprevisto que a beleza reside. Há mistério. Mas não há premeditação nos elementos que compõem o quadro. O tom rosa e o tom violáceo, o tom de cobre e o tom dourado ali se encontram não porque assim *deve* ser, mas simplesmente porque assim é... Muitas vezes, durante o desenrolar de uma obra, vão-se criando, juntamente com os problemas e circunstancias, inumeros factores de ordem ética; mas é preciso que eles surjam naturalmente, inevitàvelmente, assim como uma chuva que cai ou como um sol que nasce. Forçar a nota, parece-me perigoso. A não ser... a não ser que um escritor, da altura de um Mauriac ou de um Graham Green — a não ser que um artista de tal porte consiga incluir na sua obra tábuas de valores éticos com tamanha habilidade e talento, que o leitor nem suspeitará sequer de que está diante de uma obra de tendência. Os roman-

(Continua na 8.ª página)

LUZES DA CIDADE

Nestes dias frios de Inverno, a cidade tem um ar desolado, com as árvores despidas apontando para o céu, as ruas polidas pela chuva recente, o vento cortante que nos surpreende ás esquinas.

Cada um procura abafar-se melhor enrolando o cacheco! no pescoço, aconchegando o sobretudo ao

(Continua na página seguinte)

A idade em que cada indivíduo se torna «homem» varia consoante o meio em que nasce, a sua capacidade individual e as possibilidades que lhe surgem pela frente. Se cada um dos leitores se recordasse do seu primeiro dia de trabalho social, e se nos fosse possível catalogar essas recordações, não encontrariamos muitas datas iguais nem semelhança de situações.

Esta pequena reportagem, teve a finalidade de surpreender em exercício das suas ocupações, os garotos que ora iniciaram o ciclo do trabalho profissional e a quem estas quase irremediàvelmente determinaram a linha futura das suas vidas. Tal facto não pode deixar de nos amargurar. A razão é simples: a preparação intelectual, isto é, a instrução e a cultura, a eles estará vedada se não surgir um impulso que os lance á aprendizagem autodidática.

Pensemos no numero alucinante de marçanos. «grooms», ardinas, aprendizes de qualquer ofício, etc.; e o que representa de perda para a intelectualidade nacional nos largos domínios das Ciências, Artes e Técnica. Não é justo queixarmo-nos da carência de pessoal especializado nos vários ramos do pensamento e da industria pois que grande manancial da nossa juventude é desperdiçado e gasto em actividades menores e bastante mais dispensáveis.

Honra, porém, seja feita á pleiade dos jovens trabalhadores, na maioria briosos, espertos e despachados. Damos com eles a cada esquina, transportando cestas, cabazes, bandejas, caixas de sapatos, embrulhos e ainda aviando aos balcões 125 grs. de açucar ou 1/2 litro de petróleo.

Podemos ver por estas fotos, atitudes, objectos e indumentárias que logo identificam os personagens com o trabalho que realizam: as bilhas do leite, a bandeja com o lanche, a vassourada em frente da loja, o guarda-pó das drogas ou simplesmente o retorno do trabalho, de lancheira na mão. E' um mundo sobre as suas costas, e pesado. Sorriem pouco. As horas correm sobre admoestações que aumentam ainda mais o desequilíbrio entre essa vida amarga e aquela que naturalmente lhes estaria destinada.

A estes precoces trabalhadores, base oculta do comércio citadino, rendemos nestas duas linhas a nossa admiração, enaltecendo-lhes o valor da labuta, tão válida como qualquer outra, afinal.

REPORTAGEM DE VIRIATO CAMILO

GANHE 100$00

com um sorriso nos lábios

Há sempre novidades ! Esta semana não venceu uma definição, mas uma carta em que se fazem todas as variações sinfónicas sobre o tema do NARIZ. E o mais que se lerá...

Na realidade esta semana venceu uma carta. Não vale a pena fazer prefácio. Ei-la:

Ex.mos Srs.:

Sem o intuito de querer ganhar os simpáticos cem escudos, e como simples passatempo, dediquei uns momentos de ócio a rabiscar algumas expressões sobre o Sr. Nariz e aqui lhas mando para os senhores se entreterem (devem ter pouco que fazer!), agradecendo que, depois de lido, deitem este papel para o caixote de lixo:

NARIZ — se não o tivéssemos, que seria do perfume das flores de plástico?

NARIZ — quando é do tipo romano, é um bom cavalete para um bom par de óculos.

NARIZ — aspirador universal de cheirêtes.

NARIZ — é o despertador da cozinheira adormecida.

NARIZ — na Judeia, é uma penca... sem bananas.

NARIZ — quando está endiabrado, é capaz de se meter até onde não deve.

NARIZ — é o pagem que, na cozinha, com a sua «trombeta» anuncia a entrada do bispo... na panela.

NARIZ — se é de palmo e meio, é irmão gémeo da tromba.

NARIZ — é um alvo que faz as delícias do «boxeur».

NARIZ — quando se curva reverente, então o seu dono é o [illegible].

NARIZ — é um realejo, quando [illegible] em série.

NARIZ — Essa é boa! Seu [illegible] do meu, e o senhor é do [illegible]

Com certeza, com certeza! Convém sempre evitar confusões de narizes. E a propósito, convem desde já esclarecer que o autor de tão variadas variações sinfónicas sobre um tema de NARIZ, é uma autora — a sr.ª D. Elvira Netto (R. Sampaio Pina, 12, 1.º, Esq., Lisboa).

Uma outra senhora — D. Olinda Guerra, igualmente de Lisboa, entrou no concurso com uma tese anatómica de altíssimo valor:

NARIZ — apêndice que só serve para descarregar as impurezas do cérebro.

Até parece um anuncio!

Mas não terminam por aqui as proezas do sexo frágil.

A sr.ª D. Francisca da Costa Campos (de Lisboa) envia-nos este pensamento verdadeiramente estival:

NARIZ — é ás vezes uma frondosa árvore que dá sombra ao bigode.

Claro que a nossa gentil leitora puxou a brasa á sua sardinha, pois eu estou certo de que muito nariz faz sombra a muito buço e até... rebuço.

Dois leitores enviaram-nos patentes de aparelhos de «ménage». Diz o sr. José Maria Custódio Junior (Moscavide) que o nariz é

Um aspirador que não deve entrar em todos os sítios.

A coisa parece-me um pouco confusa. Na verdade não percebo por que não há-de poder entrar o aspirador em todos os sítios. O nariz, ainda vá: mas aí, o nariz anda em sentido figurado, que é como quem diz, não anda.

O sr. Mário Sena considera que o nariz é um

Suporte para óculos.

Para óculos e para muita outra coisa. Nem calcula o que o nariz ás vezes SUPORTA! Por essa razão é que o nosso certíssimo leitor, sr. José Marques Beirão, de Alpedrinha, soube ver os dramas a que ele está sujeito, até chegar a missionário:

NARIZ — esclarece — é um órgão com missões ingratas.

No que se distingue do órgão pròpriamente dito, que tem sempre missas e gratas. Aproveitando o falarmos em missa, acho conveniente sitar a definição que nos envia a sr.ª D. Francisca Maria, de Lisboa:

NARIZ — é uma eminência que não precisa de professor. Tal como a pescada: antes de ser já o era.

O nosso prezado Amigo, sr. António Rafael, das Caldas da Rainha, ofereceu-nos esta colecção de Pensamentos, que nos permitimos catalogar para maior comodidade dos leitores:

1.º Género farmacêutico:

NARIZ — conta-gotas próprio das pessoas idosas.

2.º Género de capoeira:

NARIZ — poleiro onde ás vezes pousam os «borrachos».

3.º Género científico:

NARIZ — instrumento de investigação culinária.

O sr. F. M. Suzano (de Benfica), «leitor não assiduo, mas Eterno», enveredou pelo género policial:

NARIZ — órgão que descobre o bispo na cozinha.

O sr. A. P., de Lisboa, diz o mesmo, mas em via reduzida:

NARIZ — polícia investigador.

E dos sensíveis, acrescente-se.

Das Caldas da Rainha (o sr. Dario Marques da Silva) veio-nos esta afirmação grandemente marítima:

NARIZ — é o periscópio da cozinheira.

Periscópio ou nariscópio? O sr. Silvestre Gaudêncio (julgava que eu não o citava hoje?) chama-lhe:

Ponto de mira da curiosidade.

Depois é só puxar ao gatilho.

O sr. Alvaro Machado, do Porto, pede que o capítulo «Propriedade», no Código, seja acrescentado com a seguinte variante:

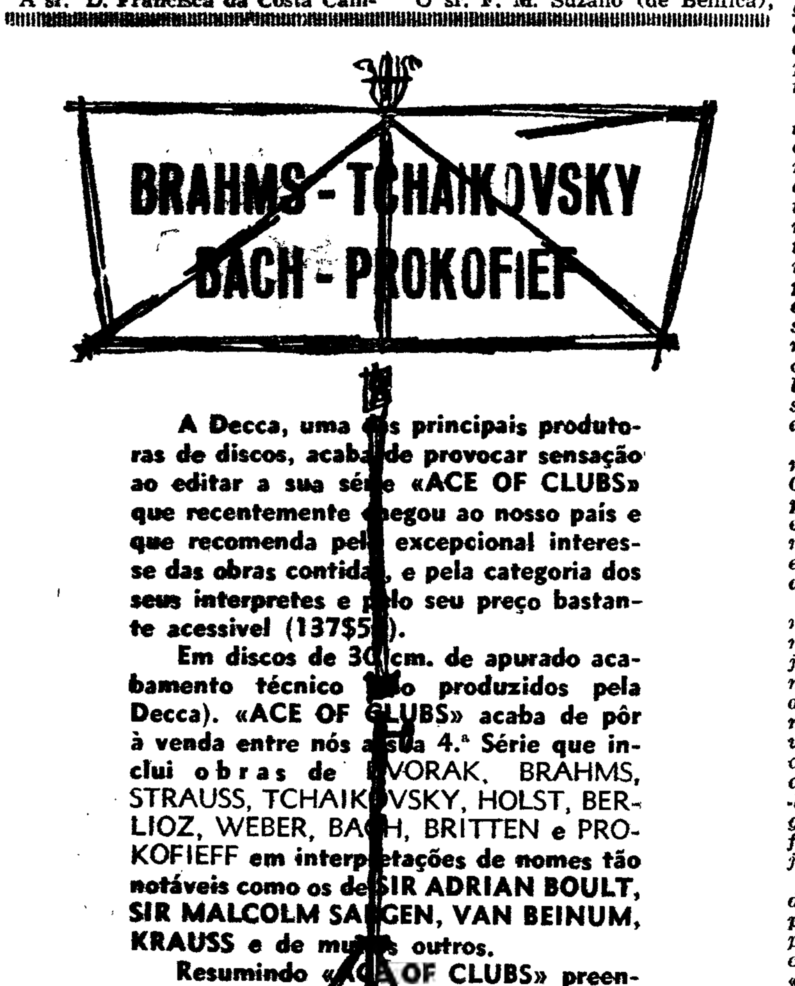
NARIZ — aquilo de que todos nós queremos ser senhores.

E é também a ultima coisa de que nos desfazemos.

Város leitores nos enviaram dissertações de licenciatura para a Faculdade de Letras. Só publicamos uma, para exemplo. Pertence ao sr. José Coutinho, de Lisboa:

NARIZ — a maior saliência da face, que felizmente teve a sua origem de narinas voltadas para baixo.

(Continua na 6.ª página)



A Decca, uma das principais produtoras de discos, acaba de provocar sensação ao editar a sua série «ACE OF CLUBS» que recentemente chegou ao nosso país e que recomenda pelo excepcional interesse das obras contidas, e pela categoria dos seus interpretes e pelo seu preço bastante acessivel (137$50).

Em discos de 30 cm. de apurado acabamento técnico são produzidos pela Decca). «ACE OF CLUBS» acaba de pôr à venda entre nós a sua 4.ª Série que inclui obras de DVORAK, BRAHMS, STRAUSS, TCHAIKOVSKY, HOLST, BERLIOZ, WEBER, BACH, BRITTEN e PROKOFIEFF **em interpretações de nomes tão notáveis como os de SIR ADRIAN BOULT, SIR MALCOLM SARGEN, VAN BEINUM, KRAUSS e de muitos outros.**

Resumindo «ACE OF CLUBS» preenche notávelmente a necessidade de boa música gravada por bons artistas e a um preço acessivel.

Disco publicado pelos Estabelecimenteos Valemtim de Carvalho, R. Nova do Almada, 95.

LUZES DA CIDADE

Por

DULCE REBELO

(Continuação da página anterior)

corpo friorento, ou ajeitando com cuidado as dobras do casaco felpudo. Ninguém se detém a passear — caminha-se na rua porque é necessário, porque se tem um objectivo, porque se vai para empregos e ocupações ou se vem de lá.

Manhã cedo, os cafés são frequentados por raros clientes, apressados, que engolem a xícara de delicioso aroma e comem um pãozinho. Esfregam-se as mãos enregeladas, acende-se um cigarro, e lá vão de novo a caminho da vida. As senhoras com profissão também entram um momento (vai-se perdendo o hábito de os «cafés» serem uteis apenas para os cavalheiros), tomam a bebida quente a grandes golos, olham o relógio aflitivamente e partem no seu passinho miudo. Ás horas de ponta, almoços e jantares, as pessoas transbordam para a rua e dá-se a caça aos eléctricos e autocarros. Os primeiros continuam a levar cachos humanos pendentes, prestes a serem colhidos por qualquer veículo ou tapume mais saliente — mas como há poucos eléctricos para a afluência, não há outro remédio. Os segundos escoam as longas bichas em ordem, surgindo algumas vezes uma discussão porque alguém pretendeu, com a pressa, passar á frente do vizinho. Nessas ocasiões tem de intervir o condutor, que anuncia não dar ordem para avançar o carro, enquanto não se decidir quem era o primeiro na vez. O publico protesta, porque este atraso lhe rouba segundos preciosos (as horas do almoço são escassas para quem mora longe) e por fim consegue-se uma solução: o autocarro arranca, acompanhado pelas vozes alteradas dos que ficaram em terra e pelo suspiro de alívio dos que viajam dentro dele.

A aproximação da noite refresca mais o vento, que sopra agora com uma ligeira humidade. Pensa-se em chegar depressa a casa, em fugir deste desconforto que atinge os ossos. Mas é com o cair da noite que a desolação desaparece, pelo menos no centro da cidade. A iluminação publica afasta as sombras, os cinemas têm frisos ou chuveiros de luz, os paineis luminosos dos anuncios, verdes, amarelos, vermelhos ou estas cores combinadas, dão a sensação de calor, de companhia, de bem-estar.

Vem um momento de sossego, quando a hora da refeição recolhe as famílias nos seus lares. Depois, ainda há os espectáculos nocturnos — entrada e saída de cinemas e teatros — mas, ultrapassada a meia-noite, o silêncio desce, e o vento pode andar á solta pelas avenidas, abalar as palmeiras e as árvores, enrodilhar-se na estátua do Marquês, que raras vítimas encôntrará na sua frente.

Aos sábados a estadia por fora é mais demorada. A lotação dos cinemas chega a esgotar-se, talvez nem sempre pela boa qualidade do filme, mas a temperatura agradável das salas, a necessidade de relaxar os nervos, o facto de na manhã seguinte se poder dormir mais umas horas, atraem os espectadores em maior escala. Findo o espectáculo, ir-se-á para os cafés tomar um bom cacau, conversar um pouco; fazer outra reserva de calor que durará a noite inteira. Os mais folgazões ou endinheirados frequentam os recintos de dança, e embalam-se nos ritmos modernos, divertindo-se com aquela animação e prazer que provoca o contágio da musica. Estão na moda, até ao exagero, as melodias italianas. No restaurante Alvalade, em frente ao lago, recordando uma Veneza de cartão postal, há um animador italiano a dar a nota requerida. No Terraço das Estrelas do Hotel Embaixador, há uma orquestra especializada nos ritmos da «dolce Italia» e até uma vez por outra, a voz e a presença bonita, fresca, de uma artista oriunda de Roma, Livorno ou Milão. Descortina-se dali um vasto panorama da cidade, pontilhada de luzes. Entre o céu recamado de estrelas e a terra, que é um tapete luminoso, as canções e a musica, a dança, criam um atmosfera de alegria e entusiasmo, de felicidade que nesse momento é real. Todos trazem a sua dose romantica e, no dia seguinte, sob a água do chuveiro, há quem trauteie ou assobie a «piccolíssima serenata». «casetta in canada» ou «Volare».

No entanto, os que amam Lisboa não se fecham nos lugares aprazíveis. Esses não receiam o frio ou a ventania, pois, se o luar flui alto, saem para o ar livre a abraçar esta cidade que se vestiu de um manto de luz para realçar as suas belezas. De colina em colina, o luar revela sombras, realça telhados, envolve em fluoresvências o castelo de S. Jorge, abrigo de pombos e morcegos, espraia-se lá no fundo nas águas do Tejo. E' uma cidade fantástica, cheia de sons, de mistérios, de contornos esfumados a lembrar lendas. E' uma cidade adormecida e desperta para outra vida, mais intima, mais real.

No Jardim de S. Pedro de Alcantara debruça-se sobre Lisboa um rapaz-pintor? poeta? ou um merencórico a contas com os seus problemas?! Perto do Tejo há vários contemplativos. Uma vela corta a água de prata e uma luz vermelha apaga-se e acende-se ao longe. No Rossio dois namorados beijam-se em despedida, mas os apaixonados nunca estão sós e a polícia aborda-os, suspeitosa, pede-lhe explicações. Isto aqui não é Paris! As praças, as ruas deslumbram pelos tons; a arquitectura dos velhos edifícios aparece tocada por mão de mestre, pondo em destaque pormenores esquecidos á claridade do dia. Lisboa dorme, sonha, vive, descobre-se e encanta. Que bom seria se tudo fosse esta paisagem, esta tranquilidade, esta doçura, este céu e esta luz!

Fevereiro/1959.

A REALIDADE DA JUVENTUDE

(Continuação da página anterior)

sonagens dessa vasta produção romanesca são adolescentes terrívelmente lucidos e confrangedoramente infelizes. Todos igualmente manifestam um profundo desequilibrio moral e psíquico, um perigoso egocentrismo, uma desmedida exaltação vitalista e o desejo de auto-afirmação da personalidade por meio de actos violentos e gratuitos.

Está claro que tudo isto apresenta variadíssimas gradações, sendo mais agudo o desequilibrio moral e psiquico na «literatura hip», o que não será para estranhar se tivermos em conta os 500 mil menores julgados anualmente pelos tribunais norte-americanos e os 10 milhões de psicopatas registados pelas estatísticas oficiais dos Estados Unidos. Já o «saganismo», versão tipicamente feminina e caracteristicamente francesa da mesma crise, incide de maneira total sobre o tema erótico, deixando na sombra todos os restantes aspectos do viver humano.

O «nadismo» que tem os seus mais notáveis representantes em Carmen Laforet e Juan Goytisolo, pretende exprimir a mal contida crise espiritual da juventude espanhola, embora com uma limitação expressiva, imposta por razões alheias á literatura.

Quanto ao movimento literário da juventude inglesa denominado «The young angry men» («os jovens furiosos»), sem duvida o mais estudado e discutido por toda a parte, parece-me ser de facto o mais digno de simpatia por ser o unico cuja orientação indica, de certo modo, o desejo de tomar consciência da crise para superá-la, embora mais não tenha conseguido até agora do que exprimir de forma gritante a revolta de alguns jovens intelectuais.

É necessário ler um pouco de tudo isto para ver como os jovens personagens destes livros terríveis procuram no alcool, nos estupefacientes e no frenesi da musica de «jazz» uma fuga á terrível angustia que os domina. Será também indispensável verificar a espantosa quantidade de roubos, assassinatos, suicídios que há na «literatura hip» e sentir o frémito de horror provocado pela leitura de obras como «Chocolate para o pequeno almoço» da adolescente Pamela Moore ou «Jogo de mãos» do jovem Juan Saytisolo. Após isso poderemos dizer se realmente existe ou não um problema da actual juventude.

Dispõe, no entanto, o nosso tempo de meios de difusão mais potentes de que o livro, como sejam a Imprensa e o Cinema, e se é possível haver ainda muita gente que não tenha lido um unico livro de Françoise Sagan, será bem mais difícil encontrar quem não tenha visto a notável película «Furia de viver», de Nicholas Ray, há anos exibida entre nós.

O filme «Furia de viver», cujo título americano é «Rebel without a cause» («Rebelde sem causa»), conta-nos a história de uma juventude que procura de maneira absurda, com furor e desespero, uma razão suficiente para viver ou para morrer. Trata-se realmente de um depoimento de enorme importancia sobre a crise da juventude, mas o seu principal mérito é ainda o de ter sido interpretado pelo típico adolescente James Dean, o malogrado «Jimmy», artista genial que sabia «viver» na tela o seu próprio drama juvenil. E como será possível ter visto esse rapaz na tela, saber da sua inquieta vida e da sua trágica morte ao volante de um «Porsche» lançado a cento e oitenta á hora, conhecer a idolatria em que os jovens têm a sua memória e mesmo assim não encontrar nele o símbolo de toda uma juventude transviada?

Não resta duvida de que C. L. não pode ignorar tudo isto e a sua intenção, assaz louvável, foi certamente inocentar a juventude e afirmar a existência simultanea de imensos jovens muitíssimo normais e cuja natural rebeldia estará bem consciente das suas causas. Mas isso não exclui a existência de uma grave crise da juventude e parece-me que nada se adiantará, antes pelo contrário, com a atitude de negá-la.

Sei também, tal como C. L., que os jovens estão todos eles inocentes, quer se trate dos intelectuais transviados, dos «tricheurs» de Saint-Germain-des-Prés, dos «Teddy Boys», dos escolares americanos do tipo James Dean ou dos «Teen-agers» suecos que, sem móbil aparente e sem um grito de protesto, invadem as ruas de Estocolmo e aí, silenciosamente, manifestam a sua cólera incendiando, destruindo e até linchando vários agentes da autoridade.

Sabemos todos muitíssimo bem que os jovens não têm a culpa de viverem sem ideais, sem confiança nos adultos e mergulhados num pavor incoercível. Mas isto é assunto para tratar noutra ocasião, porque já estou abusando do espaço que me foi concedido.

BREVEMENTE

REVISTA de CINEMA

Crónica da Rua Humilde

UMA GARRAFA DE VINHO FINO

A casa onde morou o João Caldeiro fica quase no extremo da Rua Humilde. Um rés-do-chão cambão, quatro divisões pequeníssimas, duas janelas quase ao nível do passeio. O numero, quase delido, mal se percebe por cima da porta que nem fechadura tem.

Toda a riqueza dela vem do jardim — um palmo de terra semeado de urtigas, de latas velhas, de objectos impestáveis. Ao meio, dando sombra que o protege todo, fica a nespereira, cujos ramos parecem acariciar a janela do quarto onde o João Caldeiro se ficou.

Por via da casinha mal amanhada, ferida de tão maus tratos e de tanto desprezo, andou a Rua Humilde sobressaltada esta semana.

Soube-se, na mercearia do Galego, que a Mariana do mercado andava de olho nela para a filha que ia casar breve. O senhor Gonzalez, dono da loja, ouviu, ouviu, mediu, pesou, fez contas rápidas com o lápis que lhe fizera calo na orelha e finalmente atirou ao grupo de

— Isso da casa ainda é uma coisa a ver.

— Mas a Mariana... — lembrou a Maria Augusta.

— Bem, a Mariana... também a Glorinda já em tempos me dissera que precisava, que estava apertada na casa da sogra...

mulheres que aguardavam vez, encostadas ao balcão:

— Então a qual das duas?... — quiseram saber.

— Isso agora, isso agora... como o outro, por mim tanto me faz. Elas que resolvam pelo melhor.

O Galego, como senhorio do «prédio», acha que a renda a recebe ele seja das mãos de quem for — e que freguesa não lhe convém perder nenhuma, qual das duas séria e freguesas «a dinheiro».

Os direitos que se arrogavam as duas vizinhas começaram a ser discutidos com excessivo calor. Formaram-se partidos. Uns eram pela Mariana, que nunca desamparara o velho, acorrendo ás faltas maiores e adiantando o dinheiro daquela vez que foi preciso pagar o «taxi» que o levou ao hospital, depois de um ataque. Esta e outras lembranças a impunham como herdeira do velho. Outros eram pela Florinda, vizinha muito prestável, que sabia dar injecções sob a orientação do dr. Sombrio e não levara nunca um centavo por isso aos da Rua. Cada qual tinha para trazer á colação uma história a provar a dedicação da Florinda pelos «seus» doentes.

A discussão começava a tomar aspectos desagradáveis. O Galego ouvia, pacientemente, os argumentos de um e outro lado. A certa altura, afirmou:

— Elas que se entendam. Senão, nem para uma, nem para outra...

Foi aí que surgiu a ideia da arbitragem para a qual foram indicados os nomes do Marcos estivador (o político da Rua Humlide), do Joaquim tipógrafo, e o meu. Assistiriam a Florinda, a Mariana, os maridos delas e o povo que quisesse.

O encontro realizou-se na minha casa. A primeira impressão que tive foi de desordem. Todos queriam ser os primeiros, para ganhar o trunfo da novidade. O Marcos, porém, impôs silêncio e deu a palavra ao Galego:

— Ora então o senhor Gonzalez vai contar as coisas do princípio...

O Gonzalez, no seu falar de trapos, semeado de xx que o tornavam por vezes ininteligível, fez a história da candidatura ao rés-do-chão.

— Portanto — resumiu o Marcos — a primeira foi a Florinda...

— Não — atalhou a Mariana — Muito antes já eu falara ao senhor Gonzalez. Lembra-se, daquela vez na esplanada do Atlético?...

O Galego «não extava muito xerto, mas tinha uma lembranxa».

A seguir a Mariana leu de uma tira de papel almaço todos os benefícios que prodigalizara ao João Caldeiro durante todo tempo da sua longa doença. Entre eles avultava tê-lo levado a passar uns dias numa casa que alugara em Caneças.

Além do mais, a filha ia casar ainda este ano e gostava de a ter consigo.

Os árbitros tomavam notas.

— O senhor tem alguma coisa a dizer? — perguntou-me o estivador.

Antes que eu respondesse, o Joaquim tipógrafo opinou que ouvíssemos a Florinda. Marcos não concordou.

— *Para já* que lhes parecem as explicações da senhora Mariana?

Hesitei. Disse que a senhora Mariana tinha uma contabilidade demasiado perfeita...

— Além de que — acrescentou o Joaquim — todos na Rua faziam o que podiam, sem alardes... sem papel almaço.

— Em todo o caso — resumiu Marcos — o problema da filha é de considerar.

A Florinda declarou que vivia muito apertada na casa da sogra e ainda por cima não se dava bem com ela. Trazia os nervos desarranjados e até já fora ao médico por causa disso:

— Não há nada mais triste do que não poder chamar «nossa» á nossa casa...

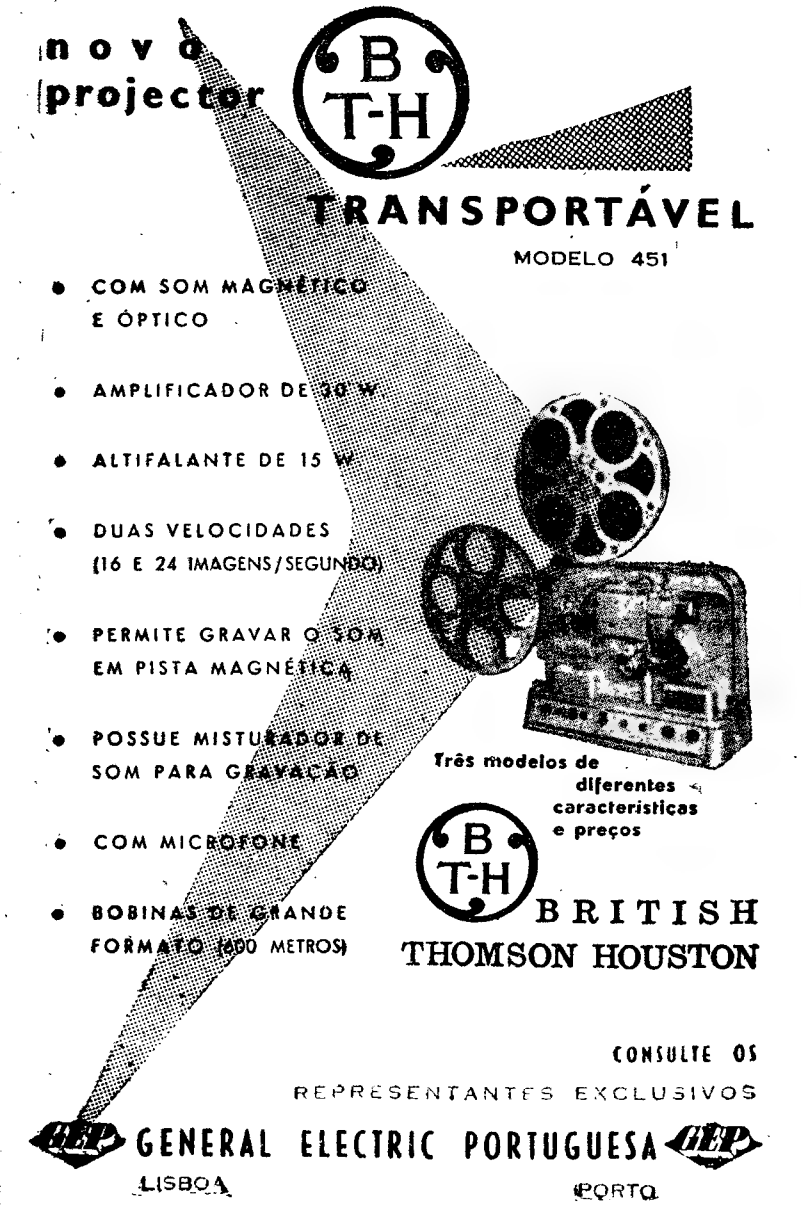
Mas havia mais. O marido, o seu Aurélio, estava a três dias por semana. Ela, para ajudar a casa, resolvera comprar a prestações uma máquina de tricotar, mas a sogra não a queria lá, diz que o barulho lhe desaparafusa os miolos...

Gargalhada geral.

— Mas, ó Florinda — acudiu o Joaquim — E as injecções não deixam?

— Como é que hão-de deixar se

(Continua na 7.ª página)



A CRUZ

por Sigrid Undset

Após ter saído da prisão, perdoado da forca, Erlend conservou-se o mesmo: encantador, risonho, solícito, mas... inutil. Perdidos os bens, forçoso foi que se mudassem todos para as terras que haviam sido de Lourenço, pai de Cristina. Erlend passava nelas a sua simpatia e inacção. A Cristina cabia toda a tarefa doméstica, desde os trabalhos rudes do campo, ao fabrico do queijo e preparação do vinho, desde os contínuos partos aos pratos suculentos que preparava para toda a família e criadagem. A doce Cristina rodava, atarefada, cansada e infeliz, desde que a aurora indiscreta espreitava, ainda a medo, pelas frinchas das janelas até que o sol se punha para lá dos campos de neve. E por vezes pela noite dentro. Muitas noites tremeu de frio e de solidão. O frio vinha-lhe do coração amargurado. Na verdade, pesada cruz lhe trouxera Erlend como presente de nupcias. A's vezes pensava no passado e então sofria as piores dores; o despeito e o ciume e o remorso revolviam-lhe o coração amargurado. E' certo que continuava a amar o marido, como nos dias longínquos em que tudo lhe sacrificou: família e honra. Mas não podia esquecer a dolorosa espectativa de o saber condenado á forca, nem do que lutou para o salvar; não podia esquecer aquela noite em que, por uma pequena escaramuça, ele dormira fora e dessa noite nascera uma menina ilegítima. Ofendida no mais profundo de si mesma, ela percebia agora o quanto ofendera Lourenço, esse pai que a amara sobre tudo no Mundo. O passado era um tormento que as penitências não logravam fazer esquecer. Do seu passado convulso só uma coisa prevalecia, apesar de tudo — o seu amor por Erlend. Sentia quanto ele era inutil em casa, como estragava os filhos com a sua indiferença por tudo, como fora culpado nos crimes da mocidade... mas amava-o, amava-o como nesse tempo longínquo.

Também do passado lhe vinha aquele amor de Simão, o seu noivo quando conhecera Erlend. Apesar de casado com Ingborg, a sua unica irmã, apesar dos filhos que tivera desta, Simão continuava fiel á noiva perjura. E este amor fazia-a sofrer sinceramente. Gostaria de poder lavar o passado, de dar a Ingborg o amor que lhe roubava, de dar a Erlend a tranquilidade perdida, de restituir ao pai a honra que lhe manchara... Gostaria, mas era impossivel. Cristina teria de arrastar a sua cruz toda a vida, por muito pesada que ela fosse. Se ao menos Erlend a ajudasse a arrastá-la! Mas não; Erlend caminhava no Mundo á margem dele, afastado dos problemas cruciantes da mulher, longe da vida privada dos filhos que cresciam, da quinta que verdejava sem a ajuda dele, do amor silencioso de Simão.

Até quando ficaria Erlend longe do Mundo que o rodeava e das restantes tragédias que espreitavam Cristina, a pobre Cristina que vergava sob o peso da sua Cruz?...

A «CRUZ», uma obra-prima de Sigrid Undset, que completa a trilogia «CRISTINA LAVRANSDATTER», que Portugália Editora editou. E' um romance a que as palavras vulgares não podem aplicar-se, porque não definem todo o mundo de sentimentos contraditórios que nos prende, do princípio ao fim, num crescente interesse. E, para completar esta grandiosa obra, uma primorosa tradução de Maria Franco.

A FAMILIA SAI DO BANHO

VAN GOGH UMA NOVA BIOGRAFIA

por LAWRENCE E ELISABETH HANSON

Na Primavera de 1851, o reverendo Theodorus van Gogh aparece casado. Contava ele vinte e nove anos e a noiva trinta e dois. Theodorus não se limitara a abraçar a vocação de seu pai e dos antepassados deste; tinha também herdado deles um sentido fanático do dever. Dispunha do dinheiro suficiente para viver confortávelmente, numa pequena paróquia. Só lamentava que, os paroquianos fossem poucos. E sentia-se incapaz de os fazer aumentar. E essa incapacidade tornou-se ainda mais notória, quando sua mulher deu á luz o segundo filho — Vincent.

Como pais não foram felizes. Vincent foi a causa de muita ansiedade e sofrimento. Herdara as feições da mãe, embora tivesse o rosto sardento e os cabelos ruivos. Do pai herdou a devoção, que em breve se tornou verdadeira fanatismo. Mas em todos os seus actos se evidenciava a nevrose dos Van Gogh; e nunca procuraram precaver-se dela.

A mãe, profundamente emotiva e instável, era atreita a acessos de mau humor que muito faziam sofrer a criança. O profundo desgosto pela perda do primeiro filho, lançou sobre este segundo a sua negra sombra. Semanalmente, ambos seguiam o caminho do cemitério, para ali deixar um ramo de flores. Quando Vincent se mostrava exuberante e turbulento, logo os pais lhe lembravam o defunto irmão como um filho exemplar. Mas passados esses momentos, a mãe, mimava-o em excesso, afagava-o com sofreguidão. Vincent era ávido de amor, talvez mais que a maioria das crianças, porque a sua natureza era mais veemente. Vincent ansiava pelo amor; o seu desejo mais ardente era sentir-se «desejado». Mas, tal como mais tarde, começava já a conduzir-se de modo a afastar de si as afeições.

Um passatempo muito do seu agrado, nesse tempo bastante em voga nos lares da classe média, era pintar e desenhar, sob a orientação do pai. Era um pai bondoso, mas também, aparentemente, frio, chegando mesmo a ser severo. Vincent amava doidamente o pai; por toda a parte procurava o carinho de que necessitava. A' medida que crescia, a sombra do irmão defunto, mais lhe azedava a vida, no lar paterno. Talvez isso o levasse a conviver, com mais frequência, com os filhos dos camponeses que encontrava na escola da aldeia. Habituou-se a andar sempre com eles. Tinha, no fim de algum tempo o mesmo aspecto deles, parecia sentir como eles, julgava ser um deles, e dos mais insignificantes.

Durante cinco anos viveu a vida do colégio onde esteve internado e onde não deixou nome. Saiu com um desejo ardente de viver uma vida muito simples. Seu tio Vincent que não tinha herdeiros directos, levou-o com ele para sua casa, uma casa cheia de pinturas raras, que ele contemplava e admirava...

No fim de algum tempo, Vincent começou a trabalhar na galeria de seu tio e parecia satisfeito com a nova ocupação. Tudo quanto ia aprendendo na galeria o ajudava a tornar confusa a sua noção dos valores. Eram considerados bons os quadros que se vendiam por bom dinheiro. Vincent rebelava-se contra este facto. Tinha as suas preferências muito definidas, sobretudo Millet. Dedicava-se muito á leitura — Dickens, Elliot, Carlyle. E a Bíblia, sobretudo. Escrevia muito a seu irmão Theo, primeiro cartas simples cheias de conselhos, regosijo por algum êxito, felicitações pelos triunfos. Depois, vieram as peregrinações e as descobertas no mundo novo que ele percorria a pé, todos os dias. Continuava a ser um rapaz cheio de fervor, um evangelista convicto. A unica preocupação de Vincent era a rapidez como o dinheiro se escoava. O quarto custava-lhe caro e ele depressa viu longe de o encontrar. Quem poderia amar uma criatura tão mal dotada para despertar o amor, tão estranha e tão tosca, com o chapéu alto cheio de lustro e a rígida sobrecasaca preta, e aquele modo de fitar as pessoas de soslaio, desconfiado, com a boca contraida. E aliado tudo isto á sua cabeça quadrada, só despertava suspeitas alarmantes de violência.

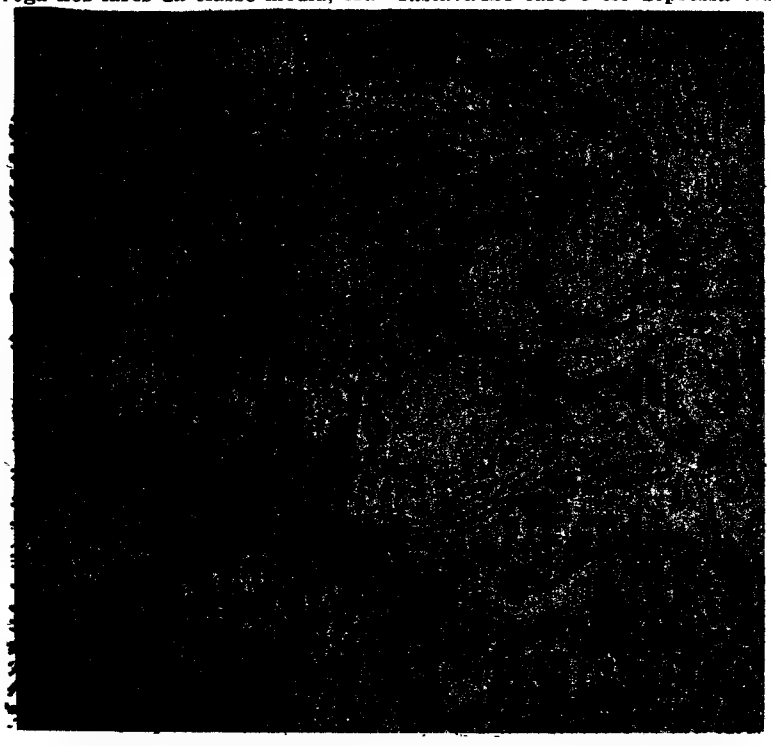
Ursula deu o não, alegando um noivado secreto, etc., etc. — e manteve-se intransigente. Vincent acabou por compreender. Fez as malas e partiu.

Desejava praticar o bem neste mundo, desejava viver desinteressadamente. Mas depois do seu fracasso com Ursula perdeu a fé; o homem tornara-se-lhe odioso. Passara a consagrar atenção ao que havia de desprezível e de repudiável na mulher; e também no homem. Mas tinha presente a fé de seu pai, e tentava propagar essa fé, queria mostrar ao mundo o que era o verdadeiro amor, encontrando assim uma compensação para a perdida confiança. Estava então, em Paris. Não perdera o amor á arte, que nele ultrapassava mesmo a vocação de pregador.

Mas tinha de ganhar a vida. Foi, sucessivamente, professor num colégio de rapazes, missionário, vendedor de livros, novamente professor, pregador — mas em tudo falhou, pela sua estranha conduta. Ele tinha a consciência do fracasso da sua vida. Deixou a família; embora a amasse sentia que viviam em mundos diferentes. Sentia-se vazio. Faltava-lhe o amor, não apenas o amor de uma mulher, mas o amor de todos. O tempo passou. Sentia-se doente, mas não queria morrer, algo do vigor antigo vivia ainda nele. Um dia, repetiu-se a história de Ursula, quando conheceu Kee e lhe pediu que casasse com ele. Foi repelido, com repulsa. Sentiu terrível depressão. Pensava no suicídio, mas sentia-se demasiado honesto para o tentar. No meio de tudo isto, pintava. Mas descontrolou-se, porque se sentia doente. Nesta altura encontra Sien, desgraçada, grávida. Mas seu irmão Theo fica horrorizado com esta nova família — Sien era uma mulher da vida que ele acolhera no seu estudio transformado em lar — um lar! — que Vincent enche de fantasia, onde acolhe a «companheira fiel» que julgara ter encontrado...

... ...

Eis, em traços largos, uma parte do romance-bibiografia «VAN GOGH», que a Editora «Aster» acaba de lançar. E' um belo livro, cheio de interesse novo, de verdade, de poesia, de tragédia. Perto de quatrocentas páginas de uma vida nova do grande génio que foi Vincent Van Gogh. Esta condensação foi possível, pela amável deferência dos editores.



Os talheres calaram-se. O roçagar das conversas teve um ligeiro corte, como se cada qual suspendesse a respiração num breve instante.

Nitido. Todos pensámos que era a imaginação fazendo das suas. Um coro alentejano, bem. Mas ali! Evidentemente que só em sonho, em recordação. De qualquer maneira, insólito. Fitámo-nos uns aos outros. Suspensos. E a recordação não quis morrer. não quis ser a recordação que agora é. Realmente, um coro. Alentejanos, não sei de onde. Baixo Alentejo, parece. A labita de quadradinhos azuis, o lenço berrante e orgulhoso no pescoço. No meio deles, um velho de sessenta ceifas, um menino de catorze primaveras. E no meio deles, o Sol em brasa e a extensão de horizonte a horizonte como um baloiço lento. Com eles, a vida dificil (aquele pedido de trabalho ao presidente da cambra...) os dias inquietos e desprotegidos, as noites de aflição, aqui e ali um fiozinho de esperança como um rio subterraneo que de vez em quando assoma ás estrelas e aos olhos.

Evidentemente, eu sinto isto. O ritmo, a beleza, o drama, toda a história de uma alma que recusa vender-se ao diabo. Sinto, evidentemente. Mas, como hei-de dizer? Sinto em literatura. Sinto e vou adiante. Muito belo, e passe bem. Comove-me na medida em que me comovem as lutas, os dramas, as alegrias dos meus irmãos. Bem. Mas fico sempre um poucochinho espectador, entendem. Não dou nunca e salto mortal. E os lugares comuns denunciam-me logo: a extensão, o Sol em brasa, as ceifas mal compensa-

POSTAL IL

da
nó
ve
go

AS MONDAS

POR

ANTUNES DA SILVA

O tempo vai bom. Acabou a chuva reinadia de Março, as terras engordaram mais, respiram com outro afã, alegremente, renovando o espaço dum perfume saudável e picante. Alastram as searas por caminhos de léguas novas, ornamentando o Mundo. O Sol morno beija o vento vadio, aqui e ali a assoprar, e arranca luzes diurnas no seio recatado da Natureza, está o tempo bom, cheira a Primavera, cheira ao polém das flores, vem aí na estrada um rancho colorido de moças a cantar.

Chapéus na cabeça, saias presas ás pernas, por mor de não darem cabo das folhas reais e beijadoras, sachos aos ombros, avental até por baixo dos joelhos, tarros suspensos no outro braço, o rancho sai da azinhaga saibrosa e avança a corta-mato, na direcção de um vasto campo semeado.

O manageiro vem logo atrás e manda parar o ajuntamento num sitio onde acaba o alqueive e começa a grande seara de pão. O trigo, benza-o Deus!, numa quinzena, pulou um palmo, está patusco, adolescente, tenro, tem as folhas tesas e bandeantes, germina que é um louvor na largueza clara da paisagem, ao nascente da Serra de S. Barnabé.

A primeira monda já foi feita em Dezembro, que a terra é rica em humus, para destruir as ervas temporãs, quando as sementes mal despontavam, tapando lentamente as glebas frias. A segunda monda anda a fazer-se agora, para arrancar o cizirão, erva trepadora e lasciva, que suga e se enleia ao trigo, chupando-lhe o sangue benfeitor. Se não se destroi com zelo e paciência, arruina inevitávelmente uma seara.

As mulheres, á voz desafinada do manageiro, alongam-se junto aos regos, contra o Sol, os bustos curvados, os olhos na seara, catando saramago, pampilro, alabaças. Passo a passo, vão libertando as raizes de cereal do cerco apertado das ervas maninhas. Voam cotovias por cima, uma águia também.

Do meio do rancho, uma rapariga levanta o corpo, sorri na manhã magnífica, grita o canto da sua alma liberta:

«Oh! meu lindo alandroeiro!...»

Tap, tap, que passos são estes que brincam na relva? As botas de fivela vão percorrendo os regos, os sachos ferem a moleza da terra redonda de verde, arrancam os pequenos caules, os cardos parasitas, as leitugas, os almeirões. Um lagarto sarapintado, corre á frente da seara, na estampa das horas novas.

Ecoa um grito perdido: «Ai um lagarto, Jesus!» Meninas assustadas, de braços no ar, exagerando o medo, que largam os sachos e fogem para o pé do manageiro, que ri da paródia, mostrando os dentes amarelos de tabaco: «O lagarto fugiu, que mal faz um lagarto?» Vem o homem direito ao sitio, sacode as folhas da seara com a mão tonta. Do bicho, nem rasto. «Eh! gente. Depressa. Vaaaamos!...»

As mondadeiras retornam á faina, os sachos são mais lestos na empreitada e, de vez em vez, arrancam á mão, margaças e outras ervas malucas e abusadoras.

Maria Adelina sorri debaixo do seu lenço de cambraia. Tem dois rapazes que lhe escreveram uma carta. Um deles, falava numa terra ao pé do mar, queria casamento, porta aberta de um tasco, com fartura de quintal para criar galinhas, perus, um casal de gansos, cinco figueiras crescidas; o outro, baboso, só falava em namoro e baile campestre, abrilhantado a gaita e a harmónio que o lavrador do Montinho fazia domingo, no terreiro da herdade.

Nem um nem outro lhe serviam,

Havia há muito tempo — tanto, tanto que já nem se sabe quando! — um jardim maravilhoso. Um bando de macacos resolveu fazer aí a sua morada. Ora o jardim pertencia a um convento e quando os santos homens que nele habitavam vinham passear para o jardim, era com alegria que contemplavam as cabriolas que os bichinhos desenhavam de ramo em ramo. Agradecidos com este risonho espectáculo, os monges plantaram árvores daqueles frutos de que os macacos mais se lambem.

Bom: todos os brutinhos se sentiam felizes menos o Cauda Longa que era — veja-se! — o chefe de todos. A partir de um certo dia resolveu dar ordem aos seus vassalos para agredirem lá do cimo das árvores os santos monges com ramadas, frutos — enfim tudo quanto lhes caisse nas mãos e pudesse servir para magoar.

E disseram os monges para o seu abade:

— Irmão: estes macacos são maldosos ou tornaram-se maldosos. E' uma injustiça para quem os trata com tanto carinho. Se estivessemos no vosso lugar expulsávamo-los daqui.

Mas o abade teve as seguintes palavras que bem punham a nu o seu coração:

— Também eles são filhos de Deus, são criaturas por Ele criadas. Como poderemos roubar-lhes o abrigo e o sustento? A verdade é que eles têm menos inteligência que nós, os homens; são ainda mais crianças do que as crianças. Podeis estar certos de que com paciência venceremos a sua teimosia.

Ora os macacos ouviram isto, ou melhor ouvi-o Cauda Longa e riu-se e redobrou de maldade.

Tanta maldade, tanta maldade que o Destino que andava a passear pelos sítios resolveu intervir: Apre, que já era demais!

A história sucedeu numa noite calma e branca. A Lua estava lindissima: gorda, branca, luzidia, risonha — um louvar a Deus! Basta que até os macacos estavam embevecidos.

ILUSTRADO

...ectador, ...e salto ...uns de... ...o Sol ...mpensa...

das e a vida difícil. Tudo isso que nós sabemos do Alentejo sem lá havermos estado nunca.

Manuel da Fonseca entra no jogo. Canta com eles como se nunca tivesse feito outra coisa senão estar com eles. E nunca deixou, aí é que está. E' um deles. Vive-os. «Somos capazes de ficar a cantar um dia e uma noite a fio...» Somos. Eis o que eu não posso dizer. A diferença.

Imagino-me no meio da minha gente. Ilhavo no meio de ilhavos. Meu irmão João, meu tio José, meu pai, a família toda. A família toda de Ilhavo. Os vivos e os naufragados. A' partida e á chegada para os bancos da Terra Nova. Os que não regressam, todos os anos há quem não regresse, há quem fique por lá de sentinela garantindo ao Homem a posse do mar e do Mundo. Eu no meio deles, lá onde todo o coro é silêncio. Aí eu posso dizer «somos». Daquela vez em que naufragámos, daquela vez em que o nosso dori se voltou, recordam-se E daquela em que morremos todos no «Maria da Glória».

Mentira. Jogo sempre contra mim. Mentira, não me comovi com os Alentejanos por literatura coisa nenhuma. Foi a sério. Simplesmente, aquelas vozes trouxeram-me outras vozes, vozes irmãs marítimas. Vozes também angustiadas, também doloridas, também com um fiozinho de esperanças a levantá-las...

Vozes que não cantam senão em silêncio.

Eenão através do meu coração.

MANUEL AGRA

...S

...raízes ...das er... ...rias por

...rapariga ...manhã ...sua al...

...iro!...»

...do estes ...botas de ...regos, os ...terra re... ...os pe... ...parasitas, ...Um la... ...fente da ...s novas.

...i um la... ...sustadas, ...o o medo, ...em para ...i da pa... ...amare... ...giu, que ...m o ho... ...de as fo... ...onta. Do ...nte. De...

...m á fal... ...estos na ...vez, ar... ...as outras ...s.

...baixo do ...em dois ...m uma ...a terra ...samento, ...com far... ...galinhas, ...s, cinco ...ro, babo... ...e baile ...gaita e ...do Mon... ...reiro da

...serviam,

há uma porque eram bebedores e calaceiros, com muita palheta e poucas acções, e há outra porque não eram da vila, tinham vindo para ali há três anos, num rancho barulhento de algarvios, no tempo da ceifa.

Maria Adelina, atira o pensamento para o filho do abegão da casa, um moço escorrido e trigueiro, como ela, que lhe ensinara a tabuada numa Páscoa bonita, e sabia cantar lindas trovas em noites serenas de lua. De forma que assim que os seus olhos viam Zé Jacinto, o peito subia, o coração pulava.

«Era uma vez uma menina que foi á monda com uma blusa azul e branca... Bom dia!»

A voz dele!

«Zé Jacinto, atão, por aqui a estas horas?...»

Montado numa égua pigarça, o

(Continua na 7.ª pagina)

APONTAMENTOS PARA OS TEMPOS FUTUROS

Como se revelou a consciência

A mãe do Frederico tinha um insaciável apetite de grandezas; vivia, porém, numa daquelas vilórias sem desafogos sociais, onde os sonhos imperialistas acabam sempre por murchar. Claro que murchar não é secar: sirva de testemunho o monco dos perus e a persistência de D. Teresa Eulália Trutezinha, a mãe de Frederico. Como as perspectivas da terra não lhe permitiam satisfazer as ambições de grande dama — a perseverante senhora refugiou-se nos espaços vitais onomásticos. Exigiu para os abundantes filhos, nomes fartos e conclusivos: era todos Julios Césares, Bernardinos, ou Joões, Sebastiões, Epaminondas, ou Aurélias, Agripinas Salomés — três nomes que soassem como clarins, como proclamação de guerra (a santa senhora tinha sempre a ressumar da memória aquela hora heróica flatulência de Napoleão. — «De cima destas piramides cinquenta séculos vos contemplam!».

Quando os filhos entravam nas salas de exames primários ou liceais e o contínuo lhes barregava a grandeza onomástica Dona Teresa Agripina Turtezinda sentia-se compensada da tacanhez do quotidiano. Circunvagava os olhinhos turgidos pela assistência deslumbrada, esmagada com tanto luxo sonoro e julgava sentir na cabeça a coroa de louros triunfal dos generais romanos.

Que vingança! E como ela estimava os continuos! Eram eles os unicos que sabiam executar com perfeição os 3 andamentos do concerto onomástico dos filhos. Na vida corriqueira só conseguira que lhe chamassem a ela Trutezinda, justamente a parte mestiça do nome, e exilavam as escorregadias sonoridades sensuais de Teresa Eulália. Com os filhos sucedia a mesmissima coisa: o seu menino tinha sido composto em ré maior: Clodomiro César Frederico e afinal *eles* despediçaram tanta riqueza e acabaram por reduzi-lo a Frederico. *Eles* era, na linguagem da ilustre senhora, o mundo; e quando queria referir-se ás suas desilusões onomásticas ela depunha sempre esta frase lapidar: «mal com os nomes por amor dos homens, mal com os homens por amor dos nomes».

Dona Trutezinda desvelou-se na educação de Frederico. Chegados os 18 anos, o jovem era uma perfeita dona de casa «ancien regime». Foi nesta fase de desenvolvimento que um tio o levou até Lisboa, porque fazia falta á educação de um rapaz uma passadelazinha pelas brasas lisboetas. Pelo caminho o velhote teve dificuldade em compreender o que o jovem dizia: era torcido, retorcido; não garantia nada que não fosse por meio de uma citação literária de autor honesto; desbotava todo quando o tio desapertava uma anedota que o jovem supunha pertencer á execrável Escola Realista: enfim, um museu!

Os primos aboletaram-no em casa de uma senhora que usava gargantilhas barrocas e fora colega de romantismo de Dona Trutezinda. Bem tinham apetecido levá-lo para residência mais acessível a devancios, mas o roteiro fornecido pela mãe era peremptório neste particular. Ficou, pois, em casa da senhora, o que significa entrada á noite a horas pudorosas e outras virtudes evidentes.

Só uma vez conseguiram os primos que Frederico tivesse ordem para uma sortida nocturna. A coisa acabou a altas horas com mais vinho do que o jovem provinciano podia reter. O regresso de Frederico foi um tormento. Perto de casa pediu aos primos que o deixassem apoiar-se e seguir a pé, pois precisava de tomar ar. Mas Jesus! — que era aquilo? Lá no alto dos candeeiros — muito alto, muito alto — a luz tinha teias de aranha. Ou seriam os olhos? Esfregou-os. Nessa altura o estomago trepou até á boca de Frederico, corou porque o primeiro acidente foi um arroto — liberdade que ele sempre aprendera a sofrear em 18 anos de virtude. Quis pedir desculpa, lembrando-se da mamã, mas ao lembrar-se da mamã ficou gelado. Se ela o visse naquele preparo, mais parafuso que gente! Que vergonha!

Isto foi o suficiente para ele se encher de coragem e descoser meia duzia de passos que pretendiam ser decididos. O pior é que o chão estava alto como nunca vira; quase lhe batia pelos queixos. Com receio de qualquer acidente, arregaçou as pernas o mais que pôde. Mas nem mesmo assim: o chão já estava mais alto que ele e foi obrigado a estender-se ao comprido sobre a calçada. Era fria, a pedra e deitar-se no chão não parecia asim coisa tão fácil. Doía-lhe o corpo todo. Depois, o levantar custou-lhe um despesão: de toda a vez que desfraldava o pescoço a rua ficava maluca — num rodopio. Um zoologista ao passar classificou-o de quadrupede; Clodomiro César Frederico quis lavrar o seu protesto, mas este saiu-lhe líquido de mistura com amendoim, batata frita e camarões.

De qualquer forma, um alívio! Cheio de fé na vida, apertou com o passo! «Nunca mais!» — prometia para dentro de si com veemência tribunícia. «Nunca mais! Se a mamã soubesse! Que consciência era afinal a sua?» O seu arrependimento tomou a forma lírica. Declamou alto. De repente percebeu que a rua onde morava lhe estava a passar ao alcance. Consultou o relógio. Não percebeu nada, mas suspeitou que deveria ser muito tarde. Agora era a porta de casa que desfilava á sua frente. Parou. A rua resolveu-se a andar á roda e a porta de casa também. Várias vezes tentou apanhar a porta, mas ela rodopiava com demasiada velocidade. Cheio de desespero, deu um salto quando ela lhe voltava a surgir em frente e conseguiu estatelar-se no degrau.

Já era pontaria!

«Nunca mais! Nunca mais!» — rezou fervorosamente. E repetindo e falando em consciência e citando Cicero e Tertuliano foi trepando de gatas pela escada. Necessitava de entrar sem que a senhora da gargantilha desse por isso. No patamar do segundo piso experimentou andar em bicos dos pés, meteu a chave na porta, rodou-a com mil precauções. O seu quarto era logo em frente. Entrou. Tudo perfeito! Em bicos dos pés chegou até á porta do quarto, empurrou-a com meiguice e sentou-se logo na cama. Ah! que suspiro de alívio! Limpou o suor da testa e começou a despir-se. Apenas tinha as cuecas e as peugas quando ouviu uma voz muito coada que dizia: «Então isto são horas, filho?»

A consciência! Era a consciência a acusá-lo. Sentiu as lágrimas a encaminharem-se para os olhos. Por momentos deixou-se ficar quieto. Depois resolveu acabar a obra, mas a cama estalou e a mesma voz do além castigou-lhe os ouvidos: «Então isto são horas, filho?». Não tinha duvidas: era a Consciência. «Ah! mãezinha querida, — implorou — perdoa, que eu não torno»!» Estendeu a mão para o travesseiro e ao mesmo tempo que encontrava uma coisa volumosa a consciência voltou a persegui-lo. Meteu a mão debaixo da roupa e encontrou uma suave coxa feminina. Uma coxa? Então era a consciência em carne e osso! Grande era o seu pecado para assim lhe aparecer pela primeira vez na vida!

Aterrorizado, ergueu-se e ia a pedir mil perdões, quando um raio o atravessou: estava em casa da vizinha de baixo! A consciência era ela! Mais aterrorizado ainda, enfeixou as roupas e as botas, saiu porta fora e como louco, em cuecas e em peugas subiu o purgatório que o separava do andar de cima. Em verdade, em verdade — a consciência tem muitas maneiras de se apresentar aos pecadores!

DIÓGENES

Os ladrões da Lua (Lenda oriental)

Por força que Cauda Longa teria de fazer o contrário de todo o Mundo. Voltou, portanto, as costas á Lua — e que vê o velho malandro? Vê que os homens tinham feito uma Lua e que a tinham meitdo dentro de um poço de águas límpidas. Ein? Nunca tal vira! Agora estava mesmo percebendo porque tinham os homens aberto na véspera aquele poço. Ah, mas iam vê-las! Ele lhes diria...

Como ainda não tinha atinado no que deveria fazer para retirar a Lua do fundo — ou do cimo? — do poço, mestre Cauda Longa encheu-se de flato, deu guinchos e atirou com tudo quanto lhe vinha á mão para cima da cabeça dos monges. E dizia com os seus pelos:

— Eu dou-vos o arroz! Eu dou-vos o arroz! Julgam que têm a Lua bem segura, dentro do poço? Muito se engana quem pensa.

— Irmão, vede como eles são indignos das bondades do Criador. Expulsai-os!

Mas o abade tinha o condão de umas palavras belas que sempre descobriam as excelências do seu coração; e disse ele as tais palavras como vereis:

— Deus que assim os fez é porque assim os queria. Não sois vós mais inteligentes que os brutinhos? Então saí, se não vos sentis bem aqui.

E isto mesmo é que os monges fizeram, pois tratava-se daqueles conselhos que não interessa mesmo nada deitar fora.

Lá os macacos é que não entenderam. Do cimo das árvores foi uma caçoada de tapar os ouvidos. Cauda Longa riu-se até fartar e quando já estava farto veio-lhe á cabeça uma ideia — coisa que raras vezes lhe sucedia. A ideia era esta:

— Vamos tirar-lhes a Lua de dentro do poço!

— Qual lua? — perguntou um macaquinho de rabo pelado, dos piores em brejeirices.

— A que ali vês, ali, ali, ali dentro do poço.

Todos se inclinaram para o poço. Era verdade! Que grande Lua! Que bonita Lua! Parecia um requeijão. Mas que bom que seria se fosse um requeijão... Todos lamberam as beiçocas.

— Não é um requeijão — desconfiou Cauda Longa. — Aquilo fia mais fino! Para os homens o esconderem tão bem escondido dentro do poço é porque é outro luxo.

— Ah! mas aquilo vai parar ás nossas mãos, tarda não tarda, vão ver.

O poço é fundo como os diabos! — calculou um sagui.

— E não temos corda para lá chegar — acrescentou outro confrade, que era sujeito prudente.

— Boa te vai! — riu Cauda Longa. — Sé só sabes disso, então não sabes nada. Quando não há, arranja-se!

— Aonde? — espantou-se um desconfiadão com a boca muito aberta.

— Aonde? Ora aonde? Aqui! — e agarrou na prestimosa cauda — e ele se a tinha famosa!... — A cauda foi-nos dada — continuou o Mestre — para nos diferençarmos dos homens, que não passam de uns pobres macacos atrofiados. Ora é tempo de mostrarmos quanto vale uma boa cauda.

Os símios aplaudiram o orador e pediram-lhe para os ajudar a compreender para que serviria a cauda.

— Ora bem: eu agarro-me á cauda de um de vocês e desço: aquele a quem eu me penduro, pendura-se na cauda do parceiro e assim sucessivamente até ao chegar ao fundo do poço, agarrar na Lua muito bem e tal e coisa.

— Formidável! — bradaram todos.

E meu dito, meu feito: macaco atrás de macaco, cauda atrás de cauda — e dizia o chefe dos brutinhos:

— Bem, melhor, óptimo! Está quase! E' caramba! já lhe toco! Só mais uma cauda, isso mesmo, já cá...

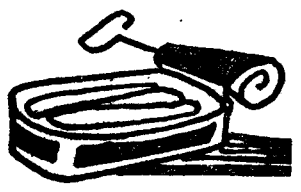
Não disse o resto, mas compreende-se o que seria. Agora o que sucedeu é que o Destino viu altura para meter o nariz e foi desta maneira: o tronco onde todos os macacos se penduraram não era lá muito forte. Pelo menos não tinha sido feito para aquelas arrobas de carne de macaco. Quem não pode arreia: e o tronco não podia, partiu-se, zus catrapuz; lá se foi tudo quanto Marta fiou. Acabaram-se os macacos.

Mas no céu, a Lua era mesmo um louvar a Deus: gorda, branca, luzidia e risonha. E risonha.

Para os amigos da ultima hora

Sardinhas de lata, grelhadas

Abra uma lata de sardinhas, sem pele e sem espinhas; retire-as com cuidado para as não escangalhar. Aqueça muito bem uma grelha e ponha as sardinhas a alourar ligeiramente. Servem-se com um molho preparado da seguinte forma: Queime duas colheres de sopa de



manteiga e junte-lhe salsa picada e sumo de limão. Acompanhe com batatas cortadas ás rodelas grossas, ovos cozidos.

Batatas às rodas com sardinha

Coze-se uma porção de batatas que se cortam em fatias grossas. Abre-se uma lata de sardinhas, ti-

ra-se-lhes a pele e as espinhas e esmagam-se com um garfo; temperam-se como salsa picada, pimenta e ovo cozido, picado. Põe-se uma camada desta massa sobre cada rodela de batata e cobre-se com outra. Passam-se por farinha de trigo e ovo batido e fritam-se. Servem-se com feijão verde cozido, ervilhas salteadas, couve-flor ou salada crua, variada.

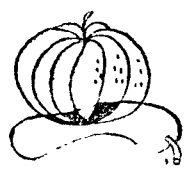
Travessa enfeitada

Cozem-se ovos e cortam-se no sentido da largura, fazendo bicos como se fossem melões. Recheiam-se as metades com salada russa e sobre esta põe-se um monte de «mousse» de sardinha. Salpicam-se

com trufas muito picadinhas, o que melhora o prato. Sirva com salada verde e rodelas de tomate.

Sobremesa rápida

Compre tantos bolos de arroz ou queques, quantos os convivas. Corte em três fatias no sentido da largura. Recheie a primeira com creme de chocolate, espesso. Coloque sobre esta, outra camada e recheie com um pouco de ovos moles. Po-



nha a ultima fatia. Cubra com creme de chocolate e o resto dos ovos moles. Ponha cada bolo num pires, para servir individualmente.

SABIA COMER?

Um frigorifico não é apenas uma questão de conforto

O conforto é um sonho de quase todas as mulheres. Não há conforto, sem um frigorífico; as compras far-se-iam uma ou duas vezes na semana. Não há conforto sem uma boa máquina lavadeira; nem mãos

estragadas, nem roupa rasgada, nem tempo perdido.

Pois é. As mulheres ou pelo menos milhares de mulheres pensam que o conforto não reside, apenas, na decoração da casa, mas sim nas consequências felizes que o conforto traz para a vida do lar. Com efeito, uma mãe de família, que vê aliviada a sua tarefa quotidiana é mais feliz, mais alegre. Mostra um rosto calmo; a atmosfera do lar torna-se mais harmonisa.

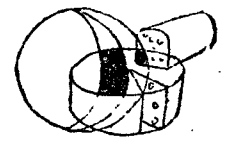
De tudo o que a mulher pode desejar, o frigorífico é o seu melhor auxiliar. Mas talvez, também, o auxiliar mais perigoso, para quem o não saiba utilizar conveientemen-

te. Usar um frigorífico tem as suas regras. E não pensemos que sabe comer quem não segue á risca as instruções que acompanham o frigorífico. Ele poderá tornar-se, de um amigo, num perigo. para a sua saude.

Depois de bem lavado, interiormente, com um pouco de bicarbonato de sódio dissolvido num alguidar de água tépida, ponha o aparelho a trabalhar. Coloque na camara frigorifica os alimentos que pretende utilizar mais tarde e que estejam crus. Coloque nas prateleiras, de cima para baixo, os que irá demorando a utilizar, pois as prateleiras mais próximas da camara são mais frias. Tape todos os recipientes que contenham ingredientes susceptiveis de ter cheiro — peixe, cozinhados — e igualmente todos aqueles que possam absorver os cheiros dos outros — leite, água.

Limpe o peixe e parta-o conforme o destino que lhe dará. Tempere com um pouco de sal, lembrando-se de que a estadia demorada no frigorifico refina o sabor a sal; mas, por outro lado, lembre-se que certos alimentos depois de endurecidos não recebem bem o sal.

Faça á carne a mesma coisa, sem que, contudo, ela necessite sal;



limpe-a de peles, corte, tempere se são bifes.

Antes de comprar e, sobretudo, antes de carregar o seu frigorífico, escolha alimentos «muito» frescos. O frio suspende a proliferação das bactérias, mas não as destroi; uma vez á temperatura ambiente, a descongelação permite que essa proliferação seja muito mais rápida. E certamente sabe o perigo dos envenamentos alimentares.

As hortaliças devem ser limpas das folhas velhas, amarelas, dos talos grossos, inuteis, e metidas na gaveta própria em sacos plásticos.

Há coisas que pode ter já preparadas para facilitar a vida: a

carne estufada, o peixe frito; cenouras em salada avinagrada, a beterraba finamente pronta a servir, etc.

O leite deve ser guardado em garrafas tapadas, já fervido e arrefecido. Os sumos de frutos devem ter embalagem semelhante. Lembre-se de que a mistura de cheiros absorvidos por certos líquidos pode estragar tudo.

Nunca guarde as conservas, de-

pois de abertas, nas respectivas latas; é preferível metê-las em recipientes de louça ou vidro, para evitar decomposições, sempre perigosas.

Se não lhe chegam estas rápidas instruções, minha Amiga, pergunte, para saber.

Em que casos se indica um regime rico em carnes?

Não é grande o poder calorífico da carne, se a compararmos ás gorduras e aos açucares. Mas, por outro lado, a sua digestibilidade é fácil, esteja a carne quente ou fria, seja branca ou não. A carne diminui o volume hidro-alimentar ingerido. Por isso o regime á base de carne é aconselhado em *certos casos de obesidade*. O papel plástico da carne manifesta-se na reconstituição das proteinas do organismo.

por isso, em *casos de anemia*, em que é necessário reconstituir a hemoglobina, fornecer ferro, por exemplo, a carne está indicada. Não só fornece estes elementos, como também as vitaminas indispensáveis para o tratamento da anemia. Encontra-se, pois, confirmada a recomendação já velha e relha de que se deve comer carnes não brancas, cozinhadas em vinho tinto.

Também nos casos *de cirrose*, marcada por aumento da carga de gordura do fígado, a carne está indicada, pois a carne contém um elemento que desempenha importante papel na eliminação desta gordura.

Também o regime rico em carnes é indicado nos *casos de debilidade crónica*, de convalescença — como seja da tuberculose. Juntemos a estes casos especiais, os corriqueiros da mulher grávida e da criança em período de crescimento.

GANHE 100$00

(Continuação da 2.ª página)

xo, caso fosse ao contrário haveria muitos afogados em tempo de chuva.

Verdadeiramente u n i v e r s i t á r i o. Quase tanto como a máxima de psicologia, que o sr. Alberto Silva, do Porto, nos manda:

NARIZ — Excitador dos nervos, quando lhe cheira a esturro.

Veja lá quando esse nariz pertence a um funcionário de Alfandega! Lá o diz o sr. Francisco Cantiga:

NARIZ — é o órgão que os funcionários da Alfandega metem nas nossas malas.

Chamar-lhe órgão, é fineza!

Pede-nos o sr. Joaquim Eusébio, de Lisboa, que se ponha a concurso a palavra — Amor. Já foi, meu amigo. Por isso contente-se com esta outra palavra, aliás que se relaciona com a que sugere:

UNHAS

As respostas devem estar em MAGAZINE, Rua Luz Soriano, 44 a 48, até ao próximo dia 21 de Março.

NOVA EMBALAGEM!

POR 20$00
VAI ENCHER
4 VEZES
(QUATRO)
O SEU FRASCO
DE

AJI-NO-MOTO

TÃO NECESSARIO COMO O SAL NA COMIDA

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS
MUNOITER
INTERCAMBIO MUNDIAL DE COMÉRCIO, S. A. R. L.
LISBOA * PORTO

AS MONDAS

(Continuação da página central)

rapaz mostrou as suas faces lavadas, fez um adeus quebrado ás mondadeiras, cada uma levantou os ombros, sorrindo ao madrugador, que vinha da vila com um cabaz aviado de hortaliças e peixe fresco.

Tap, tap, tap, para a retaguarda já a seara ficou limpa e curada. As folhas mexem-se ao sabor da aragem matutina. Até ao rés da ribeirinha, contornando uma extrema, a monda tem de ser feita até ao meio-dia. O manageiro assenta a voz no meio do chão, incitando as mulheres:

«Eh! gente. Depressa. Vaamos!...»

Para casamento breve, uma moça só deseja um rapaz pimpão, que tenha bonitos propósitos, maneiras corajosas no trabalho e saiba governar uma casa, com jeito para as encomendas do amor... Venha o Sol e venha a aragem de seda que a Primavera inventa para enfeitar o Mundo!

«Oh! Cizirão! Cizirão!...»

Narinas sorvendo o ar puro da planície, as mondadeiras crescem para as folhas baloiçantes, cheirando a vida vegetal, num afago de pura fantasia feminina. Acodem-lhe á mente as noites do largo, longas e macias, com estrelas a brilhar no varandim do céu.

«Ai, uma cobra!...»

«Menina, que é isso? Tenha lá pena do bicho, que a cobra é amiga das mulheres, o lagarto dos homens. Não tarda muito que não apareça também um tacho cheio de libras de oiro... Então, é que eu quero ver o banzé!»

«Não viu a cobra, tio Ricardino?»

«Não vi nada, nem cobra nem lagarto. Vossemecês querem reinar com a pareceirada e o patrão quer o serviço pronto até ao meio-dia, naquela extrema. E' por isso que paga!»

«Credo, tio Ricardino, non defenda tanto o patrão, que até parece mal!...»

«Eh! gente. Depressa. Vaamos!...»

As mondadeiras repontaram murmurios, molharam os olhos no verde das folhas, que o Ricardino não tinha molezas para lhes arrancar o cacho e mandá-las embora.

O trabalho ao ar livre cria apetites dobrados e dá alegria aos corações. O sacho faz bolhas na palma da mão ás mondadeiras mais novatas, que vão ficando para trás, e o manageiro aconselha para amanhã, sem falta, entraparem os dedos, que de outra forma a jorna acaba, por mando do lavrador resingão.

Uma moça de faces morenas, olhos de obelisco, mostra os dentes brancos e luzidios, pega num malmequer amarelo, como quem arranca da terra uma virtude ambulante, cheira profundamente a flor, circunvaga a vista pela amplidão serena do escampado e cicia, perto de uma companheira de blusa encarnada: «Sabes, Sabina? Logo vou descobrir se o Toino pensa noutra rapariga!...»

Arrecada com mil cuidados da sua mão formosa, a flor ainda viva e rescendente no bolso do avental, tira o chapéu, uf, que calor, o cabelo negro esvoaça ao vento brando. Sacode uma borboleta que lhe veio pousar no colo, uma borboleta multicor e grandona, que treme de vida — e o sacho torna e retorna a beijar a terra, a enterrar-se junto das raízes mais teimosas, e eis que dois, vinte trmoços bravos se destroem na passagem garrida de um flexível e gracioso braço de mulher.

«Oh! Cizirão! Cizirão!...»

Um coro se levanta a pintar o dia, só uma voz ondula, mais enternecida que as outras, numa grata aceitação de um mistério rural.

O Sol deu meia volta no horizonte. Passou por cima de uns chaparros, beijando o chão aflito de um esteval largo e comprido, onde se acoita a perdiz e o seu novo ninho. Desperta a cigarra linguareira, repontam pintassilgos. Agora, o Sol dança nas ramagens de um choupo da ribeira de água cristalina e corredora.

No cimo de uma oliveirinha, um casal de melros brincalhões lança para o espaço estrofes de limpida sonancia, melodias reparadas de sentimento, hinos de paz á Natureza inteira.

Mal o manageiro acena o lenço e assobia ao rafeiro que vem pulando nos silveirais, de língua de fora, contente como o dia maravilhoso, eis que os melros abrem as asas setinosas e ensaiam um voo rápido para o firmamento, escondendo-se na aba de um cabeço, a fartarem-se de amor.

E' quase meio-dia. Crescem as sombras ao rés da ribeira mansa. As moças guardam nos olhos o esforço bendito do seu trabalho, sorriem para a seara pujante — a planície é um quadro de pintura. As moças cheiram os mentratos, o pequenino pão, ainda sem espigas, que brilha ao Sol e ao vento de Março.

Arrefece o entusiasmo da empreitada, os sachos pulam nos ombros das raparigas. Numa corrida, alcançam a berma do carril. A' sombra de três azinheiras espantadas, tiram as tampas dos tarros, vão almoçar.

A. da S.

CRONICA da Rua Humilde

(Continuação da 3.ª página)

ela não leva dinheiro! — disse uma vizinha.

— Não leva dinheiro aos da Rua, mas leva aos de fora — voltou o tipógrafo.

— Esses são tão poucos...

Foi então que se deu o golpe de teatro.

O marido da Mariana, que não dissera ainda uma palavra, dirigiu-se á mulher, timidamente:

— O' Mariana... Que te parece? Não vale a pena a gente, hem?

— Muito bem, assim é que é! — gritou o Marcos estivador, antes que a Mariana respondesse.

E a unanimidade foi tão completa que a Mariana não tugiu nem mugiu. Aceitou primeiro constrangida e depois conformada a solução proposta pelo marido. O Galego achava que: fora melhor axim, que xempre era melhor do que vir xente de fora...

Abri uma garrafa de vinho fino. O primeiro cálice foi para a senhora Mariana que não sabia onde esconder o papel almaço.

MARIO CASTRIM

VERSO E REVERSO DA SEMANA

I

Agora, sim, meus caros, reconheço
que não reconhecendo é que andei mal.
À palmatória dou a mão, jovial.
Reconheço que é rápido o progresso.

Andava cego. E se o perdão mereço,
como um castigo o quero. À capital
realidade simples e brutal
só finalmente me dobrei, possesso.

E não me convenceu o átomo, não
o «Náutilus» ovante, o foguetão
que há-de ir à Lua, a Marte e às estrelas.

Mas sim esta notícia que me diz:
«Foi inaugurado mais um chafariz
no próprio coração da Lísbia, em Chelas...»

II

Noticiam, segundo agora vejo
na página frontal de um matutino:
depois de guerra atómica, o destino
há-de poupar sómente um percevejo.

O bicharoco tal, sendo franzino
não sofre, em radiações, qualquer cotejo.
Só ele viverá, se a Terra o beijo
do átomo aceitar, sujo e felino.

Este sonho macabro quem sonhou?
Que estranho mecanismo o despertou?
Quem da morte promete ao barco a vela?

Junto de mim, na rua, uma criança,
ergue à luz uma flor, alegre e mansa...
Vá façamos a roda à volta dela.

ALFA

Estou a ouvir o Sousa, os musculos do pescoço endurecidos, os lábios trémulos, voltado para um dos directores.

—Vá o senhor recrutar o pessoal. Isto não é um forno de secagem, é um cemitério.

Claro que a resposta foi dura. Onde estará o Sousa? Esperava que nos escrevesse. O Sousa...

—Senhor engenheiro ponha a máscara.

Os homens tossiam, momento a momento. Fundo negro. Em frente uma pincelada de luz intensa — rubro laranja. Os rostos estão cheios de dedadas pretas que o suor vai riscando. De humano quase que só têm o brilho dos olhos.

—Agua na galeria dez!

Skalton já berrou três vezes.

—Às bombas.

Voltei-me para o César.

—Desligue os comutadores do grupo novo.

Mr. Skalton quis descer. Segurei-lhe a gola do casaco.

—Eu vou. O senhor é mais preciso cá em cima.

Fitou-me e deu á boca um jeito que só podia ser de troça.

Entrei no monta-carga. Havia algum tempo que não me servia dele.

—Isto um dia pára no meio do caminho — disse o mineiro que me acompanhava.

Menti-lhe, procurando convencê-lo da segurança de montagem. Muitas vezes usei deste processo para me arrepender momentos depois. «Sim, é uma monstruosidade o que estou a fazer.

De cabeça baixa, absorvido pelo próprio pensamento, só dei pela chegada, ao fundo do poço, quando a paragem rápida da «gaiola» me fez perder o equilíbrio.

Os mineiros estavam encharcados. As roupas grudavam-se-lhe aos corpos e o barro do encosto dos filões fazia com a água uma lama negra que vestia os homens de uma cor indecisa.

Um dos mineiros, cansado de dar á bomba disse entre dentes:

—E' melhor que os gajos lá de cima venham para aqui para saber o gosto do trabalho.

Outro que levantava uma pedra que impedia o escoamento da água, animado pela voz do companheiro, perguntou:

—Quem me dá outras calças, quem me dá outras botas?

O eco destas palavras foi de encontro ás paredes da galeria e voltou até nós. A pedra era pesada demais para que um só homem a deslocasse.

—Não posso mais!

Olhou o capataz num ar de desafio e o capataz procurou chamá-lo á ordem.

—Já lhe disse que não posso mais!

—Que é isso? — perguntei-lhe rispidamente.

Encostou-se a uma das escoras da galeria. Pensava. Deu um balanço a vida. Deixar o trabalho da mina? Ir para onde? As brocas eléctricas tem em toda a parte o mesmo peso e há lençois de água em todas as galerias.

Fui ao telefone. À medida que me afastava dos mineiros, deixavam de distinguir-se as suas pragas do barulho monótono e cançado dos embolos.

—Está? — Liguem ao sr. Skalton.

—Que há rapaz?

—Outra bomba, mande outra bomba para baixo, preciso também de mais homens.

roxas e as mãos frias, de uma frieza chocante. Sorriu, disse algumas palavras que não fui capaz de compreender. Depois, a cabeça, pendeu-lhe para o ombro esquerdo. Respirava a custo.

Lá fora o mesmo choro primário e enervante. Duas mulheres, sentadas a um canto, rezavam. Deu-me vontade de gritar-lhes que se calassem.

Percebi, a certa altura, que o Virgílio me queria falar. Aproximei-me mais. A voz imperceptível, saía-lhe arrastada. Enervei-me. Não o percebia. Apontou-me a lanterna, que estava pendurada na parede e murmurou, numa voz que parecia um sopro da morte, o nome do Sousa. Apertei-lhe a mão com força, senti a necessidade de dar-lhe um pouco do meu calor. Novo sorriso e a cabeça voltou a pender-lhe. Nos olhos dos homens que esperavam já não havia esperança. Sómente espanto.

* * *

O corpo do Virgílio foi a enterrar. Iamos todos com os olhos no chão. Ninguém falava. Só o secretário da mina, quando o corpo deseeu á cova, disse algumas palavras. Uma afronta para os mineiros. Não compreendem outra linguagem que não seja a sua própria linguagem. O Sales calou-se. Sentiu a frieza que o cercava.

Tenho nos ouvidos o bater surdo da terra, ao cair sobre o caixão e, o sorriso do Virgílio, persegue-me por toda a parte.

Um mineiro que morreu... Simples facto a registar na vida da mina. Os «trommers» continuarão a girar, as máquinas nem sequer pararam, nem tão-pouco as «vagonetas» deixaram de correr nos «rails». A outro mineiro serão entregues as suas ferramentas. Que me chamem sentimental, que me chamem o que quiserem... Venham para aqui, assistam ao agonizar lento de um companheiro, ouçam uma mulher gritar a falta que um filho lhe faz, ponham os olhos nesta vida dura que nos faz solidários e depois que falem, se não forem de pedra. Ainda há pouco, ao pegar na lanterna do Virgílio, se me arrazaram os olhos de lágrimas.

Onde estará o Sousa? Não descanso enquanto não o encontrar. A lanterna terá de ser entregue a quem com justiça pertencer, a quem ensinou os mineiros a sonhar com uma vida melhor.

Fim de semana feliz

PARA ONDE VAI AMANHÃ?

Uma vez já me aconteceu dar aqui um conselho infeliz. Foi aquela ocasião em que gabei a excelência dos serões caseiros por influência evidente do nosso muito querido Júlio Dinis. Havia, ao tempo em que escrevi a crónica, um temporal desfeito sobre Lisboa. A chuva tomava todo o ar à sua conta, o céu todo ele uma cisterna sem fundo. Para maior garantia reinava o Inverno. Com todos esses trunfos ao meu dispor, não hesitei um instante sequer na mézinha.

Eis aí a história do meu erro. Erro, porque em vinde sábado soltou-se um destes sols como não há memória [illegible] dos invernos. [illegible] Uma espécie de [illegible] femininos abra[illegible]ndo, [illegible] ardor e entrega da ju[illegible] fatigado [illegible]

Vale[illegible] pa[illegible] o remorso, confiar [illegible] leitores, no seu bom senso que é, segundo o filósofo cartesiano, a coisa distribuida entre ôs mortais com mais equidade. Um passeio que dei á praia nesse domingo — o comboio estava cheio e a praia coalhada de gente — sossegou-me o espírito. Nem sempre os maus conselhos são seguidos, no fim de contas...

Acordei hoje sob o signo de Virgílio: «Audaces fortuna juvat», que todos nós sabemos querer dizer «a sorte favorece os audaciosos».

Reparem só: há três dias que não pára de chover. Parece a resposta á marchinha «Tomara que chova» que aqui há invernos se alojou como uma carraça nas telefonias lusitanas. O boletim meteorológico dá para amanhã continuação do mau tempo. Amanhã dará continuação do mau tempo par depois de amanhã. E assim por diante. Além disso entrámos em Lua nova com chuva, o que não augura nada de bom...

Pois vou jogar a fundo no menos provável. Vou cortar as voltas ao destino e obrigá-lo eu só, como o campino ao touro, a mudar de rumo. Ná, cometer o erro de um mau conselho como o outro é que nunca mais!

Quando esta crónica lerem faltará uma semana á justa para chegar a Primavera. Isto é, para chegar o milagre...

O que tira um pouco o prestigio a este milagre é nós o termos por favas contadas. Suponham que nunca ouviram falar em flores, em árvores cobertas de sonho; e que um dia, ao acordarmos e ao olhar a paisagem ríspida, a viamos de subito transformada em princesa da história... Que gritariamos nós senão: Milagre! Milagre!?

Pois bem, meu caro leitor, é para a novidade desse milagre que venho despertar-te. Como gostaria eu que ouvisse dirigidas aos teus ouvidos as palavras da salvação a Lázaro: *Levanta-te* e caminha...

Tu sabes que vai por esse Mundo uma aversão declarada ás forças desumanas que pretendem lançar o Mundo em catástrofes impiedosas. Evidentemente que ela só terá êxito se todos nós amarmos tanto a vida quenos lancemos em sua defesa porfiada e sem vacilações.

Pois aqui está a raíz do meu conselho para hoje. Agarra em ti e na família toda e vai esperar a Primavera ao caminho. Não importa aonde, a que estação. A um parque, a um jardim, a um monte, a um campo — a qualquer ponto onde um palmo de terra dê campo de aterragem a sementes e a flores.

Vai. Vai e sauda a vida. E diz-lhe em teu nome e no meu, em nome de todos os homens simples, que seja benvinda.

CICERONE

Os problemas da arte dos escritores brasileiros

(Continuação da 1.ª página)

cistas citados chegaram á perfeição de doutrinar com tal subtileza que o leitor comum não desconfia nunca que está sendo doutrinado. A obra é aparentemente gratuita, só aparentemente. Porque o ateu que nela se entranha, não percebe, em geral, que também está empenhado na busca de Deus. E temos aí o escritor, ou melhor, o caçador perfeito, que de um só tiro conseguiu matar dois coelhos: trabalhou em função de uma causa. E atingiu a beleza.

— As suas novelas e o seu romance «Ciranda de Pedra» definem sobretudo comportamentos individuais. Para além desse desvendar dos seres, em pequenos circulos, pensa acaso em dar-nos ainda um grande fresco em que apresente as criaturas de diversos mundos, em suas relações condicionadas pelos factores histórico-económicos, ou seja, com a profundidade de perspectiva do universo épico?

— Creio que não me atirarei em voos para além das fronteiras dos pequenos e incomensuráveis limites psicológicos, quero dizer, inclino-me sempre para os circulos restritos, e nos quais eu possa mergulhar melhor nos interiores de cada um, lenta e caladamente, na penumbra... Os grandes quadros me fatigam. Em todo o caso, não gosto de dizer «desta água não beberei». Pode ser que venha um dia a tentar escrever, por exemplo, a história do café de São Paulo como o nosso Lins do Rego já escreveu o ciclo da cana de açucar no Norte.

— Suas preferências nos domínios literário, musical e plástico?

— Meus ficcionistas? Vejamos: Anatole France, Flaubert, Tolstoi, Dostoievski, Pirandello, Edgard Pöe, Maupassant, Eça de Queirós, Machado de Assis... Musica? Beethoven, Bach, Brahms e apesar de tudo — oh, apesar de tudo! — ainda e sempre Chopin... (Sou uma romantica inveterada, não conte isso a ninguém!) Nas artes plásticas, gosto de Rodin, Goya, Rafael, Gauguin, Van Gogh, Renoir, Modigliani, Chagall... Citando assim, meio ao acaso, naturalmente terei omitido muita gente da qual gosto muito. Mas paciência, corro o perigo implicito nas citações.

— Estará a literatura do nosso tempo destinada a sofrer uma concorrência ou influência desvirtuante da rádio e da televisão?

— Não, não creio nessa propalada concorrência. Quem tiver que ler «Guerra e Paz» ou «Madame Bovary», não irá deixar de fazê-lo por mais atraente que seja um programa de televisão ou rádio. Os leitores serão sempre leitores e os ouvintes, ouvintes... Quem preferir ver uma novela pelo video a ler uma novela de Hemingway, é porque Hemingway já não podia mesmo contar com esse leitor; se ele não ficasse vendo televisão, iria provávelmente ao futebol ou ao cinema, pois para aquele que não tem o hábito e o gosto pela leitura, tudo acaba passando na frente do melhor livro que ele tiver nas mãos. Quanto a influências: creio que a literatura, esta sim, acabará influindo profundamente na televisão, e isto, para satisfação geral, pois assim evidentemente subirá o nivel artistico dos programas. O bom escritor não irá escrever pior só para se adaptar, digamos, ao ambiente intelectual mais modesto de uma rádio. E' claro. O verdadeiro artista não faz concessões. Aqui no Brasil, por exemplo: não se concebe a ideia de nenhum escritor de classe sacrificar sua obra, amputando-a ou «facilitando-a» mais para contentar a um publico mais numeroso e menos exigente. A televisão terá um papel importante, um papel importantissimo na divulgação da literatura, isso sim. Muito livro tem sido comprado devido exclusivamente a certos programas literários de televisão, devido á representação de peças extraídas de romances, devido mesmo á presença do próprio autor em entrevistas; o publico — um publico que em geral não se interessava em absoluto por obras de artes — todo um publico remoto vai entrando num lento mas constante contacto com o mundo dos livros. Vai nascendo uma natural curiosidade pela ficção. E dessa curiosidade ao hábito de ler não vai grande distancia. Ainda outro dia, depois de assistir ao capítulo de uma novela extraida de um romance de Dickens, meu filho, que tem apenas cinco anos, veio pedir-me para ler «essa história». Que história? perguntei. «Essa do Davi... E' tão bonita! Você lê ela prá mim?» Tive um olhar para o «tijolão» na prateleira da minha estante. E não pude deixar de sorrir. E' comprida de, mais, disse-lhe. Um dia você mesmo vai ler isso tudo, se Deus quiser, se Deus quiser. E completo agora: se ele tiver mesmo que der «David Copperfield», nenhum programa de rádio, por mais fascinante que seja, irá substituir a satisfação que ele há-de ter com essa leitura.

— Que romance gostaria de escrever e não escreveu?

— O romance da adolescência. E gostaria de escrevê-lo depressa, que a adolescência não fique longe de mais, tão longe, que os meus olhos já não possam mais alcançá-la. Gostaria de escrevê-lo agora, já! Mas há ainda outras coisas pela frente...

ÚLTIMAS NOVIDADES DE LIVROS DO BRASIL
O PAÍS INATINGÍVEL
por ANDRÉ DHÔTEL
O ENCONTRO MARCADO
por FERNANDO SABINO
leia
Próximamente, prepare-se para a novidade:
A VIDA QUOTIDIANA NO TEMPO DE JOANA D'ARC
por MARCELIN DE FOURNEAUX

VIVEMOS em regime de trabalho intenso. O filão aumentou de grossura e a percentagem de saída atingiu um máximo inesperado. Da administração pedem-nos minério, minério, só minério. Do laboratório queixam-se da rapidez dos processos, afirmam que os residuos vão carregados de metal util. Ninguém está contente com os processos impostos.

Amanhã é dia de embarque. Trabalho demasiado para os homens, trabalho demasiado para as máquinas. Desconfio de uma das engrenagens de um «trommer». Deve partir-se e os motores estão todos a puxar cargas superiores á sua força. Ouço-lhes as descargas. Rápidas demais. Tem o seu quê do coração de um homem intoxicado. Os operários movem-se rápidamente e no fundo das galerias as vagonetas andam num vai-vem frenético. Tremem os vidros das janelas, guincham os cabos dos monta-cargas. Vamos ligar um grupo que estava á experiência. Mr. Skalton percorre as secções e indaga aqui e além do rendimento das máquinas e dos homens. Várias vezes o vi olhar de soslaio para as transmissões.

Aproximei-me e perguntei-lhe porque não tinha trazido o «kodak».

—Para quê?

—Faria um bom instantaneo na altura em que isto desabasse.

—Sempre pessimista, rapaz.

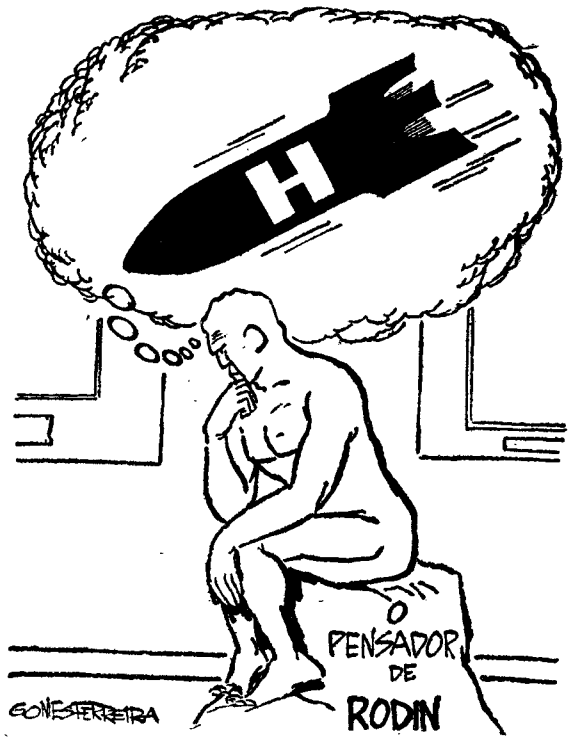
—Engana-se. O que não sei é improvisar. Estou farto disto tudo.

Skalton vai ao telefone. Pergunta para o sub-solo se a grossura do filão se mantém. Faz nova ligação. Berra.

Electricista! Leve os condutores até ao fundo da galeria oito. As brocas eléctricas não podem parar.

Perco o azedume, sinto-me contagiado. Não, sentimo-nos todos contagiados: os mineiros que vão deixando atrás de si os blocos negros da pedra do filão, o Mota porque os classificadores dão conta de si. Belas máquinas. Há cerca de um ano que as suas pás se movem sem cansaço, sem a mais pequena avaria.

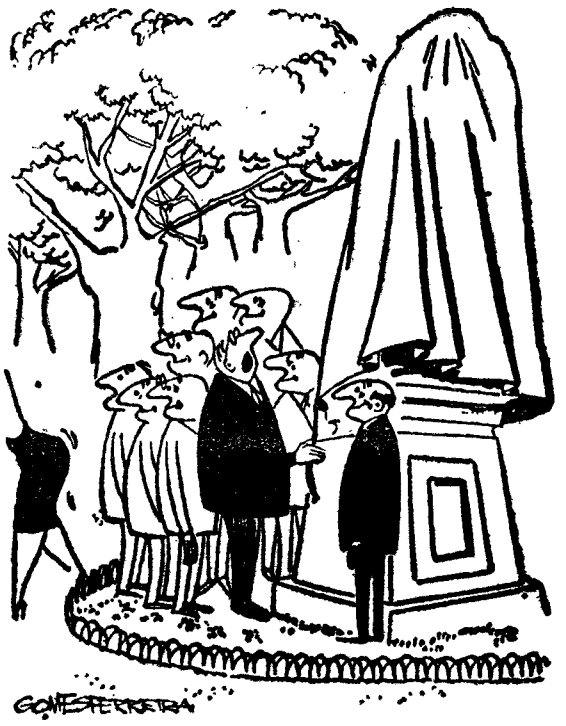
O forno de secagem está a render mal. A' chaminé falta-lhe tiragem, á oficina falta-lhe ventilação. Sempre julguei, na questão da secagem que o Sousa defendia uma instalação impraticável. Ele tinha razão. Isto não é um forno, é uma ratoeira.



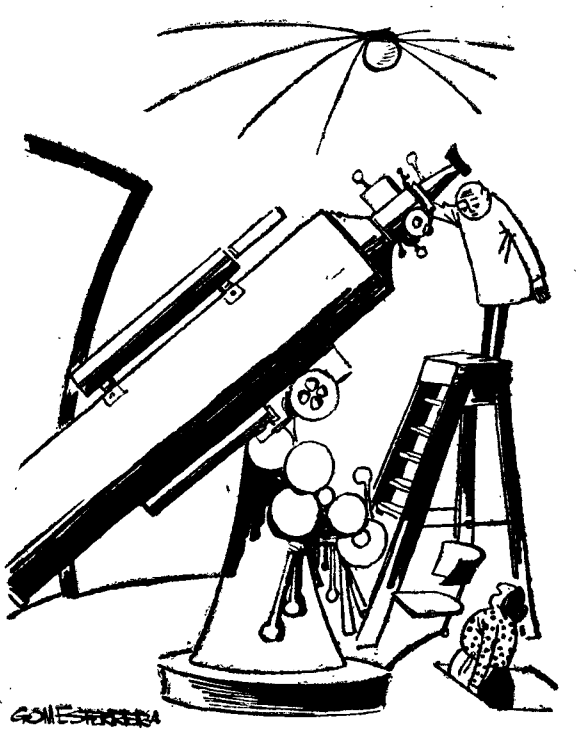
SEM PALAVRAS

— Apre, que tu és teimoso !... Já te disse que o bife é de porco, não é de vaca !...

— Vês ?!... Eu bem te dizia para não o deixares ler esses livros de ficção científica !...

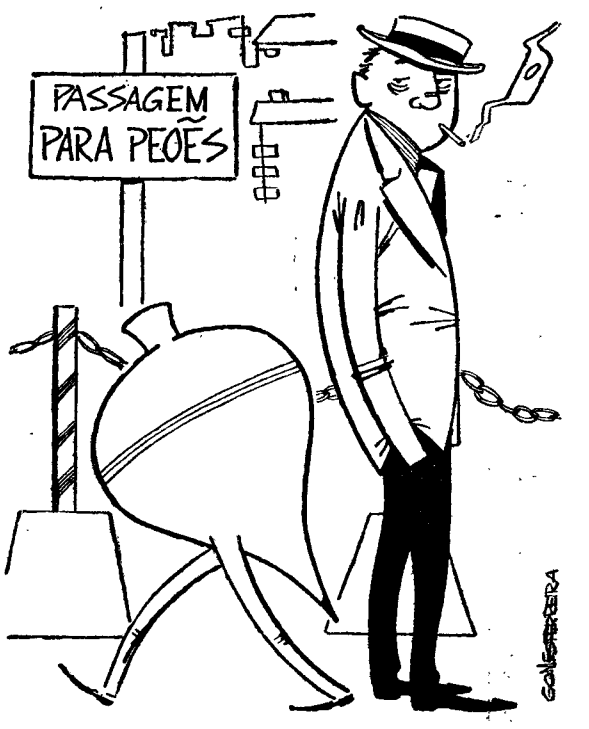


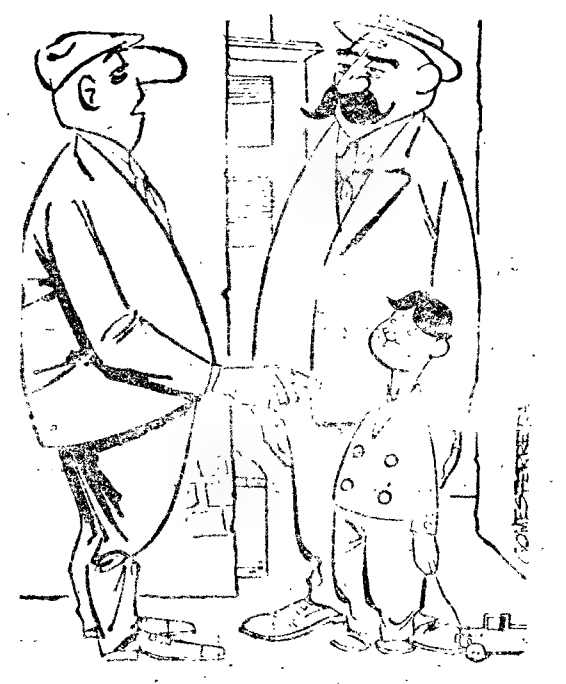
— ... E neste momento solene...



— Não, ainda não, vem lá o padeiro !...

— Maria, viste onde é que eu pus a pastilha elástica ?...





— É o teu filho ?...

MANEIRAS DE PENSAR—2

A necessidade de auxílio técnico e científico aos *médicos rurais*

e os serviços de urgência dos grandes centros

pelo dr. Acácio Alberto de Abreu Faria

Com as normas actuais, os cursos médicos auxiliares para post-graduados deveriam ter obrigatòriamente, como complemento necessário, lógico e indispensável, a sua projecção imediata, a nível regional ou outro, conforme as circunstancias, pelo auxilio técnico e científico que, directamente e «in loco», nos fosse prestado por profissionais médicos, especializados ou não, ajudando-nos sempre a estudar e a procurar a melhor maneira, sem tolas e dispendiosas improvizações nossas, de escolher os meios de pôr em prática, compatíveis, normas de auxílio, actualização ou de aperfeiçoamento, que nos foram ensinadas.

De muitas maneiras se poderá atingir esta finalidade prática, mas analisemos, primeiramente, algumas facetas de tão aliciante problema.

E' evidente que, pelo menos no sistema actual de aperfeiçoamento, os médicos têm de deslocar-se para os grandes centros ou para os centros melhor dotados, a fim de frequentarem esses cursos.

Mas, repare-se bem: com a deslocação de cada médico, não fica sempre para trás um perfeito sentido de integração deste, na vida e no meio em que trabalhava?

Não fica, também, para trás, com a nossa clínica diária, a ajuda duma responsabilidade, duma certeza e dum interesse inigualável, no verdadeiro sentido, que são, para cada um de nós, os nossos doentes, o nosso doente!?

Fazer as malas para ir frequentar um curso, não equivalerá, tantas vezes, a uma fuga ao trabalho insano que nos é exigido no cumprimento dos nossos deveres quotidianos!?

E se o regresso, o desfazer das malas, não trouxeram mais um motivo justificado, prático ou deontológico, a projectar-se, como sinal de verdadeiro aproveitamento, na vida das instituições locais e na sua própria, profissional, valeu a pena a canseira de tantos, o dispêndio do Estado ou de certos organismos, e, quantas vezes, o nosso próprio sacrifício!?

E os horários, e a dispersão dos assuntos e dos lugares!

Numa fuga constante contra o tempo, lá vamos nós, dum lado para o outro, quase sem nos ficar tempo para ler, meditar e estudar, e nalgumas prelecções, com receio de importunar, sem tempo para perguntar ou argumentar!

E' certo que, mesmo assim, ainda há prelectores e prelecções que nos enchem de satisfação pelo alto sentido prático de afeiçoamento àquele nível de que nós tanto necessitamos, sendo, a um tempo: brilhantes, pela clareza dos seus conceitos e das suas deduções; práticos, por visarem, essencialmente, um sentido utilitário ao nosso nível, e, largamente compreensíveis porque, além do mais, integram a matéria versada num conceito geral e actualizado da matéria em causa!

Mas, estes e estas, não são dos mais frequentes.

Assim, a permanência dos médicos sempre ou quase sempre no mesmo lugar de trabalho durante toda a duração do curso, com instalações próprias para trabalhar, estudar e meditar, comer e dormir, fariam a maior importancia ao êxito destes cursos.

*

Claro está que, o médico rural, é um principiante no verdadeiro sentido de actualização de normas e de princípios que, doutra maneira, não teria ocasião de aprender; mas não é um principiante que, acabado de sair dos bancos da escola, não tenha já dado as suas provas e a quem são, diàriamente, na sua vida profissional, pedidas contas pela sua actuação na multimoda e absorvente prática da clínica rural!

For isso, estes clínicos rurais, não podem, em minha pobre opinião, tomar-se nem ensinar-se como estudantes rasos e acabados de sair dum curso superior!

Ora, é isto que, me parece, não tem sido suficientemente valorizado quando se trata de actualizar o médico rural, sendo este elemento tão importante que, sem ele, será difícil que um verdadeiro sentido de actualização possa ser, eficazmente, encarado e tratado.

Mas isto, não é apontado pelo facto do médico rural ser muito ou pouco competente, entenda-se bem; mas, simplesmente, pelo facto de, tendo passado já alguns anos na prática da medicina rural e tendo apenas a guiá-lo a muita «experiência» e uma «intuição»; bem mais do que aquilo que lê e medita, se ter tornado, sem desprezar as regras fundamentais da medicina ecuménica e mercê do hábito, da rotina e do ostracismo a que tem sido votado, num «conhecedor activo», profissional de acção e eminentemente prático!

E se fôssemos capazes de afeiçoar esta maneira de ser, pelo menos, nos que já têm tantos anos de trabalho, ao sistema de actualização que se propõem ministrar-lhes? Seria asneira? Suponho que não! Ora, vejamos.

O Serviço de Urgência dum grande centro, com todas as suas dependências e serviços auxiliares — admissão ordinária e urgente de doentes, grande, média e pequena cirurgia de urgência com tudo quanto de inesperado e variado que chega ao «balcão», quer do foro geral quer do foro das especialidades, salas de S. O. S., laboratório, anestesia, reanimação, transfusões, radiologia, serviço social e administrativo, enfermarias do banco, etc., — com instalações próprias para residir, preleccionar e estudar, não seria o lugar ideal para, por si e em relação obrigatória com outros nucleos essenciais do ensino médico, satisfazer os requisitos fundamentais, em condições bem determinadas, de prover, como nucleo axial, contínuamente á actualização do médico rural!?

*

Com que saudades evoco os tempos em que frequentei a cadeira de Bacteriologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, ou, como Interno, o Serviço de Urgência do Banco do Hospital de São José!

Foram, sem duvida, as duas «frequências» que, pelo seu interesse prático e construtivo, nunca mais deixaram de estar presentes na minha lembrança, tão grande foi o alcance de que ambas se revestiram para mim!

E' verdade que, a Bacteriologia, foi regida e orientada por personalidades que, ao ensino universitário, dedicaram o melhor do seu esforço e da sua preclara visão e inteligência, como os saudosos profs. drs. Aníbal de Bettencourt e Pereira da Silva; e, no Serviço de Urgência dos Hospitais Civis de Lisboa, passaram directores como o prof. dr. José Gentil, que, depois dum dia de trabalho de cada equipa, chamava e reunia, em amena conversa e na presença de todos, cada um dos seus componentes, a fim de se fazer, ali, a crítica compreensiva e justa de quanto tinham feito ou visto nesse dia de trabalho.

Já não sou desse tempo, mas creio, sinceramente, que muito se poderia fazer a esse respeito nas bases que aponto; é que, o Banco dos Hospitais Civis de Lisboa, verdadeira escola de equipa e de elevado sentido de educação profissional mercê da competência dos que aí trabalham, da quantidade e qualidade dos seus serviços técnicos e científicos, poderia servir, admiràvelmente, para nós, de nucleo axial e polarizador do maior sentido prático de actualização de novos e velhos.

Tudo quanto a cirurgia ou a medicina de urgência dum grande centro trazem até nós, durante um certo tempo e num ritmo indescriminado, pertence ou não a todos os capítulos da medicina; e, em cada capítulo, tem ou não o interesse constante duma actuação rápida, prática e imediata ajudando-nos sempre a, por nós, próprios, termos de tomar, em pouco tempo decisões sérias que, dando-nos inteira responsabilidade, nos estimulam e ajudam a prosseguir, embora a sós e dentro das maiores privações e dificuldades!

Não será este um dos Serviços que, por excelência, ajude a marcar em todos nós que no nosso labor diário temos de tomar contacto com todos os problemas médicos e cirurgicos de urgência, sejam eles quais forem, mais do que uma conduta técnica ou clínica, mas uma atitude espiritual digna quando informada pela firmeza duma ética e deontológica profissionais.

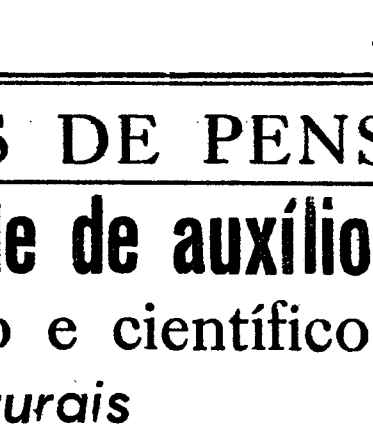
E, não vincaria em cada um de nós, durante essas semanas de trabalho diário, permanente e obrigatório, estudando, aprendendo e meditando no próprio local, além do mais, a importancia extraordinária e o relevo que, em cada centro pequeno ou grande, próximo ou longínquo, ocupam todas as situações de urgência na nossa actividade médica diária, mostrando-nos como, em toda a parte, podem e devem ser encaradas as medidas de urgência imediata, cuja falta empobrece hoje, escandalosamente, a possibilidade de decisões rápidas, oportunas e inadiáveis, que tantas vidas ajudariam a salvar!

Procurar actualizar os conhecimentos médico-sanitários de alguém que exerça a medicina nos campos, segundo as normas e o sentido actual, sem, complementar e paralelamente, na medida do possível, dar actualização técnico-científica e, até, deontológica ao que, de essencial, nos foi ensinado, ou seja, sem se estudar e ajudar a implantar em cada meio, as condições necessárias e indispensáveis á evidenciação e aplicação de preceitos técnicos ou de normas de actualização aprendidas, é, não só, não reconhecer o fim ultimo e máximo dessa actualização, mas, ainda e também, ajudar a empobrecer o meio por que se empobrece o médico no triste sentimento da pobreza de meios, levando-o á descrença e ao desanimo!

Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 1534



HORIZONTAIS: 1—Confirmar. 2—Um dos antigos poetas latinos. Macaca. 3—Preposição. Nome de homem. 4—Contraía casamento. Pássaro fissirrostro. 5—Pertences. Terceiro. O sono das crianças. 6—Molusco acéfalo. 7—Abreviatura, nas receitas médicas de quanto baste. Antes de Cristo. 8—Símbolo químico do ouro. Santo. Artigo definido. 9—Substancia filamentosa produzida pelo sirgo. Cabra mocha. 10—Nome de homem. Elevado. 11—Partes. Monarca.

VERTICAIS: 1—Pronome reflexo. Atmosfera. Pegas. 2—Nádegas. Permanece. 3—Ninhos. Rio da Russia. Oferecei. 4—Ingeris alimentos. Saudáveis. 5—Abreviatura de item. 6—Deixar de mencionar. Califa que mandou incendiar a biblioteca de Alexandria. 7—Moço. Em partes iguais. Olá! 8—Electródio positivo. Artista lírico italiano que teve grande aura no tempo de D. João V e D. José. 9—Batráquio. Preposição e artigo (pl.) Ilesos.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

Solução do probiema n.º 1533

HORIZONTAIS: 1—Hora. GADO. 2—Eco. Reu. 3—Ralho. 4—DE. Rio. Ti. 5—Ando. Rara. 6—Tolhera. 7—Urna. BICO. 8—NÃO. FAZ. 9—Ti. Pia. Só. 10—Sacra. 11—Sor. O. Ave.

VERTICAIS: 1—Herda. Untos. 2—Oc. Entrai. 3—Ror. DONO. Sr. 4—Arola. Pá. 5—Ali. RICO. 6—Horeb. Ar. 7—Aro. Arif. Aa. 8—De. Traças. 9—Ouvia. Ozone.

Provérbio: GADO DE BICO NÃO FAZ O DONO RICO.

Mosaicos de Ravena

A propósito do magnifico calendário que, para 1957, a benemerente Casa Olivetti, de Ivrea, distribuira, como brinde, á sua clientela, ilustrado com maravilhosas reproduções a cores, de tópicos de alguns dos mais afamados mosaicos das velhas igrejas de Ravena — escrínio sem par da arte paleo-cristã —, tivera eu ensejo de referir á minha constante devoção, desde há mais de trinta anos, pelos mosaicos de Ravena a que o acaso um dia me levara através das páginas do breviário de Gerspach. Recolhendo pacientemente desde então quantas notícias, informes e estampas têm vindo a surgir ao meu alcance, foi o assunto constituindo uma das minhas *especialidades* culturais desportivas, nesta nossa futebolica terra em que não sei se alguém se encontrará que tenha sido atacado da mesma vesania...

...Como mero diletante, os meus esforços, dispersos e casualissimos, têm-se porém coordenado, indo sempre corroborando-se e completando-se, por forma tal que, se já tivesse tido a fortuna de ir á velhissima cidade ravenata, creio bem que andaria por lá quase com a mesma familiaridade com que ando aqui pelo meu burgo natal, e apreciaria com mais consciência e compreensão aquilo em que meus olhos se demorariam, do que o faz o turista que passa os olhos sobre o que se lhe depara... (é sempre o: *tu não me procurarias se não me tivesses encontrado...*).

Quando em 1947 se me apresentara o ensejo de ir á Suiça, na caravana das Jornadas Médicas, o meu verdadeiro dito — além de Schelling em Ragaz e ainda o Nietzsche em Sils Maria, era a Itália: Ravena sobretudo e, para lá de Veneza, ao fundo da laguna, aquela solitária ilha de Torcello que fica letra morta para o vulgo turístico, mas onde se encontram vis-a-vis, numa pequena igreja, dois dos mais espantosos mosaicos que haverá em todo o Mundo... Porém uma estupidissima greve ferroviária francesa, interposta, e de dia a dia cada vez mais avolumada pela Imprensa aldrabona, forçou-me a desistir, acabando o fecho do meu itinerário de retorno num voo por sobre a França, em avioneta da Swissair que me depôs em Barcelona na feira internacional onde peregrinei umas horas sem interesse...

Por *Les Nouvelles Littéraires* venho casualmente a saber da exposição de Mosaicos de Ravena, em Paris, na Primavera de 1951. Na impossibilidade de a visitar, lembrei-me de perguntar ao velho mestre e sempre queridissimo amigo prof. dr. Reynaldo dos Santos se a exposição, itinerante ao que parecia, pela Europa, circularia por Lisboa; e não me esqueço da sua pronta resposta: que era mais fácil eu ir lá do que ela vir cá!... Assim, e pelo obséquio solicitado ao amigo dr. Pierre Hourcade, tive de me contentar com o excelente catálogo de que fiz uma peça de estudo, que, muito valiosa positivamente, esquadrinhei, a incorporar os seus actualissimos dados de toda a ordem na já *bola de neve* da minha erudição de diletante...

Longissimo estava porém agora de esperar que a Lisboa viessem os musivos painéis, réplicas perfeitissimas das obras-primas ravenatas. Foi assim, de chofre, que por pessoa de familia a notícia me chegou, e por um amigo, conhecedor da minha devoção, me é oferecido o catálogo logo a seguir á inauguração em 25 do corrente... Parece que a tal respeito o silêncio da Imprensa lisboeta tem sido quase sepulcral... E ao que me disseram, apenas a Rádio a anunciou, e a Televisão deu umas imagens do acto inaugural...

A julgar pelo catálogo desta exposição de *Mosaicos bizantinos de Ravena*, pelo Instituto Italiano de Cultura em Portugal no Secretariado Nacional da Informação —, conforme leio no exemplar que tenho presente — vejo que se trata, afinal, da mesma exposição (que felizmente cá acabou por vir, mais fácilmente do que eu lá fora...) E felizmente também que não perdi com a demora, pelo contrário, pois que os 58 painéis de Paris se encontram agora elevados a nada menos de 73, substancialmente os mesmos, com ligeira eliminação de alguns de menor interesse, mas enriquecimento por muitos outros de maior valia —, segundo o estudo comparativo que já fiz com o catálogo parisiense.

Vejo também que é o mesmo dr. Giuseppe Bovini, inspector superintendente dos monumentos de Ravena, quem doutamente nos instrui acerca dos painéis apresentados e da arte musiva ravenata em particular. E, por isto mesmo, é que nunca poderia eu considerar da sua responsabilidade — (e comprovadamente pela discriminação indispensável que naturalmente faz, com perfeito conhecimento de causa) —, o titulo que alguém, subordinado (de cá ou de lá...), em todo o caso lamentàvelmente *insipiente*, pôs no douto catálogo (sem falar já de outras pechas como: *testa*, por duas vezes a querer dizer *cabeça...*).

E' felizmente a Exposição um panorama bem representativo da arte musiva de Ravena na sua sequência histórica: o período fundamental romano-ravenata, o período estrogotico ariano, o período bizantino derradeiro.

Por outras palavras e mais explicitamente: começa o mosaico em Ravena como uma modalidade regional do mosaico romano tradicional; toma depois função e carácter próprios: ravenata puro no Império ainda indiviso, e ainda no Império já barbarizado com Teodorico e seus descendentes; e só finalmente, sob o domínio bizantino, o carácter passa a ser outro. Todavia, dir-se-á, a influência de Bizancio, ei-la já infiltrada, mesmo soberana, desde antes da vinda dos Barbaros, conforme o mausoleu de Galla o comprovaria á maravilha...

Ora precisamente *that is the question*... E outra peça do processo, mais decisiva porventura, tê-la-iamos na basílica ostrogótica ariana do Salvador, catolicizada em Basílica de S. Martinho, e assim bizantinizada, abrigando agora as reliquias de Santo Apolinário, sob o nome de *Igreja de Santo Apolinário, o Novo*.

Se os mosaicos de S. Vital são especificamente bizantinos, quão longe de qualquer bizantinismo estariam os da basílica ursiana dos séculos IV-V, cuja influência teria sido, porventura, soberana até ao século XVIII da sua desastrada destruição. E terão carácter bizantino os dos século XII de que nos dão ideia os dois painéis, expostos agora e que Paris não viu em 1951?

Tenciono ir ver a Exposição por estes dias, mais próximos, á cautela —, pois não me consta ainda até hoje, 28, pela grande Imprensa, preocupada decerto com coisas mais instantes e graves, quando se encerrará. Assim, *vedremo e dopo parleremo*.

Em qualquer caso, atrevo-me a sugerir á Televisão que, para quem não pode ir a Lisboa, fosse dando em dias sucessivos, com as devidas notas instrutivas, todos os 73 painéis. Seria esta uma meritória obra cultural que decisivamente a redimiria de todos os pecadilhos e, por si só, teria bastado a justificar entre nós a sua existência...

FRANCISCO FERNANDES LOPES

POLICLINICA DA RUA DO OURO ENTRADA RUA DO CARMO, 98-2.º

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — Às 18 horas.
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, ossos e articulações — Às 18 horas.
Dr. Miguel de Magalhães — Rins e vias urinárias — Às 13 horas.
Dr. Romão Loft — Doenças nervosas. electroterapia — Às 14 horas.
Dr. António Ferrão — Doenças nos olhos — Às 14 horas.
Dr. Fernando Vasconcelos Dias — Estomago, fígado, intestinos e doenças ano-rectais — Às 18 horas.
Dr. Mário Jacquet — Fisioterapia — Às 16 horas.
Dr. Casimiro Affonso — Doenças das senhoras e operações — Às 15 horas.
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — Às 18 horas.
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — Às 10 horas.
Dr. Luis Malheiro — Pele e sifilis — Às 3.as, 5.as e sábados, das 14 ás 16 e 30 h.
Prof. Dr. Alcu Saldanha — Raios X — Às 16 horas.
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — Às 16 horas.

LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO

O estranho feitiço da mão do macaco

NARRATIVA
de
William Wymark Jacobs

Na pequena sala onde crepitava o fogo na lareira, pois, lá fora, a noite estava fria e humida, pai e filho jogavam o xadrez, ao mesmo tempo que uma senhora idosa, de cabelos prateados, trabalhava plácidamente no seu *tricot*.

—Não podia imaginar que ele aparecesse esta noite! — disse o senhor White.

—Pois aí vem! — exclamou o filho, Herbert, enquanto o ruído dos passos aumentava em direcção á porta.

O velho ergueu-se, com hospitaleira solicitude, dirigiu-se para a entrada e voltou cõm um homem alto e corpulento.

—O sargento-ajudante Morris! — disse —, apresentando-o á mulher e ao filho.

O recém-chegado estendeu-lhes a mão e, puxando da cadeira que lhe ofereceram junto do fogo, ficou a observar com visível satisfação os movimentos do senhor White, que preparava alguns *highballs*.

Á terceira dose, já com os olhos brilhantes, começou a falar; e á medida que ia narrando aventuras, guerras, epidemias e evocando povos estranhos, o pequeno conjunto familiar tomava crescente interesse pelo viajante de terras longínquas.

—Que é que você ia começando a contar, outro dia, sobre a mão de um macaco? — perguntou-lhe o senhor White.

—Não era nada! — respondeu o soldado, esquivando-se —. Uma coisa á toa... nada que valha a pena ouvir...

—Mão de macaco? — indagou, cheia de curiosidade, a senhora White.

—Bem! será aquilo a que a senhora poderia talvez chamar magia — volveu logo o homem.

Os três ouvintes inclinaram-se, interessados, para ele, que ia remexendo nos bolsos do casaco.

—Podem ver! — acrescentou, tirando uma coisa da algibeira—: E' apenas uma pequena mão de macaco, que foi mumificada!...

A senhora White recuou com aspecto de assombro, mas o filho examinou a coisa atentamente.

—E para que serve isto? — inquiriu o senhor White.

—Foi enfeitiçada por um velho faquir da India — explicou o sargento-ajudante —. Ele queria provar que a fatalidade domina a nossa vida e aqueles que procuram modificar o próprio destino acabam por se arrepender. Enfeitiçou a mão do macaco para que três pessoas diferentes pudessem realizar, cada uma por sua vez, três desejos!

Tão estranha era a sua maneira de falar, que o sorriso se esvaiu nos lábios dos ouvintes.

—Por que não formula, então, três desejos? — interrogou Herbert White.

O militar encarou-o com o jeito peculiar ao homem experiente que defronta a insensata ousadia da mocidade:

—Já formulei! — disse tranquilamente, mas empalidecendo-lhe, de subito, o rosto.

—E os três desejos foram realmente satisfeitos?—quis saber a senhora White.

—Foram! — respondeu o soldado, com os fortes dentes a baterem no copo.

—E alguma outra pessoa formulou, também, os três desejos?—insistiu a senhora.

—O primeiro realizou os três desejos! — foi a resposta—. Não sei em que consistiram os dois primeiros pedidos, mas o terceiro era para morrer... Por isso é que o talismã veio parar ás minhas mãos!

Havia tal emoção na gravidade da sua voz, que caiu sobre o grupo um silêncio esmagador.

—Se já viu satisfeitos os três desejos, Morris, o amuleto não lhe serve para mais nada! — observou o velho, ao fim de alguns momentos — Por que o guarda ainda?

O visitante meneou a cabeça e disse, falando vagarosamente:

—Talvez por capricho! Tive, realmente, a ideia de vencê-lo, mas penso que o não farei. Já causou muitas desgraças!

De repente, atirou a mão do macaco para o fogo. O senhor White, soltando uma exclamação, baixou-se para a lareira e salvou o amuleto.

—E' melhor deixar que se queime!... — interveio o militar.

—Se não o quer, Morris — disse o velho—, eu fico com ele!

—Eu não o quero! — afirmou o amigo, com rudeza—. Mas depois não se queixe de mim pelo que venha a acontecer!...

O senhor White examinou o estranho objecto e consultou-o:

—Como é que se faz?

—Levante-a com a mão direita e manifeste o desejo em voz alta — indicou o sargento-ajudante—. Mas volto a preveni-lo das consequências!...

*

Quando a porta se fechou, á saída do visitante, o senhor White tirou do bolso a mão do macaco e olhou-a com ar de duvida.

—Nem sei mesmo o que eu gostaria de pedir!—comentou pausadamente.

—Se liquidasses as dívidas da casa, ficarias muito feliz, pois não ficarias? — insinuou Herbert, pondo a mão no ombro do pai—. Peça, pois, duzentas libras, e com esse dinheiro fica o problema resolvido!

Sorrindo contrafeito da sua própria credulidade, o senhor White ergueu o talismã:

—Desejo duzentas libras! — disse claramente, mas logo soltou um grito de arrepiar.

A mulher e o filho correram para ele, que bradou:

—A mão moveu-se!... Assim que formulei o desejo, senti que se torcia como uma cobra!...

Sentaram-se ao pé da lareira, enquanto os dois homens acabavam de fumar os seus cachimbos. Lá fora, o vento uivava mais enfurecido e o velho estremeceu ao ouvir bater uma porta no andar de cima. Os três mergulharam num silêncio estranho, opressivo, que só foi interrompido quando o casal se levantou para se recolher.

—Faço votos para que encontres o dinheiro, lá em cima, dentro de um grande saco, no meio da cama — troçou Herbert, ao dar as boas-noites — e alguma coisa horrorosa a olhar para ti, do alto do guarda-roupa!...

*

Na manhã seguinte, á mesa do pequeno almoço, doirada pelo luminoso Sol de Inverno, todos se riram dos temores da véspera. A mão do macaco, suja e enrugada, atirada sobre a prateleira que encimava o fogão, não inspirava nenhuma fé nas suas virtudes.

—Que ideia a nossa de dar ouvidos a tamanho absurdo!—comentou a senhora White—. Como poderão ser atendidos tais desejos nesta época em que vivemos?!

—Segundo diz Morris — interveio o marido—, as coisas acontecem com tal naturalidade que a gente pode atribuí-las a simples coincidência!

—Por favor não avance no dinheiro, antes que eu esteja de volta...—disse Herbert, levantando-se da mesa.

A mãe riu e acompanhou-o até á porta. Contudo, ainda naquele dia, quando, mais tarde, o casal estava á mesa para almoçar, a atenção da senhora White foi atraída pelos misteriosos movimentos de um homem, que, lá fora, espreitava para a casa, meio vacilante e como indeciso se devia entrar ou não. Ligando, mentalmente, a presença do desconhecido ás duzentas libras, notou que ele estava bem vestido e trazia um chapéu novo em folha. Três vezes o forasteiro parou diante do portão sem entrar. Depois, numa subita resolução, levando a mão ao fecho, abriu-o e encaminhou-se para a entrada da casa.

Parecia inquieto e olhava furtivamente a sala.

—Pediram-me que os procurasse — explicou, por fim, curvando-se para tirar das calças um fiapo de algodão—. Venho da parte de Maw & Meggins.

A velha ficou em angustioso sobressalto.

—Aconteceu alguma coisa?—perguntou, ofegante—. Sucedeu alguma coisa ao Herbert? Está ferido?

O visitante confirmou com um aceno de cabeça. Depois, disse calmamente:

—Foi apanhado por uma das máquinas!...

Tossiu, dirigiu-se, vagaroso, para a janela e acrescentou, com os olhos no chão:

—Incumbiram-me de apresentar-lhes, em nome da firma, sinceros pesames, pela grande perda!...

Ninguém falou. O semblante da senhora White estava lívido, tinha os olhos esgaseados, quase não se lhe ouvia a respiração. No rosto do marido estampava-se o terror.

—Devo acrescentar que Maw & Meggins não têm responsabilidade alguma no desastre — prosseguiu o homem—. Mas, em atenção aos serviços prestados pelo rapaz, desejam oferecer-lhes certa importancia, a título de compensação.

O senhor White ergueu-se, lançando um olhar aterrorizado sobre o visitante, e os seus lábios ressequidos articularam a pergunta: — «Quanto?»

—Duzentas libras!—foi a resposta.

Sem se aperceber dos gritos da mulher, o velho teve um sorriso amargo, estendeu as mãos, como um cego, e caiu, inerte, no soalho.

*

Os velhotes deixaram o filho sepultado no cemitério, a duas milhas de distancia, e voltaram para casa, abismada na sombra e no silêncio.

Uma semana depois, levantando-se, repentinamente, de noite, o velho estendeu a mão e verificou que estava sòzinho. Da janela vinham os sons de um choro contido. Suspendeu o corpo no leito e ficou a escutar.

—Vem para a cama — disse com ternura—. Aí estás a esfriar!...

—Está mais frio para o meu filho! — respondeu a mulher e continuou a chorar.

O som dos soluços ia morrendo nos ouvidos do velho. A cama estava quente e os olhos pesavam-lhe de sono. Dormitou durante algum tempo, depois caiu em profundo sono, até que um subito e violento grito o acordou de repente.

—A mão do macaco! — gritou a mulher, exaltada—. A mão do macaco!

Ele levantou-se, alarmado.

—Onde? O que há?

—Eu quero-a!—exigiu ela—. Não a destruiste pois não?

—Está na sala de visitas!—disse ele, meio pasmado.

Ela ria e gritava ao mesmo tempo.

—Só agora é que me lembrei — volveu com histérico nervosismo — dos dois outros desejos... Só formulámos um!...

—E não chega? — perguntou ele, abruptamente.

—Não!—gritou ela, triunfante—: havemos de ter mais um! Vai lá a baixo apanhá-la *e pede que o nosso filho torne a viver!*...

O velho sentou-se na cama, com o corpo descoberto, a tiritar:

—Meu Deus! você está louca! — exclamou, horrorizado. Depois, riscou um fósforo e acendeu a vela.

—Vai buscá-la! — repetiu a mulher, ofegante—. Vai buscá-la depressa e formula o desejo! O nosso primeiro desejo foi atendido; por que não há-de acontecer o mesmo com o segundo?

— Coincidência! — gaguejou o velho.

— Vai buscá-la e faz o teu pedido! — gritou ela, empurrando-o para a porta.

O velho desceu no escuro e, tacteando, encontrou o caminho para a lareira. Lá estava o talismã no seu lugar. Apossou-se dele um medo horrível de que o desejo ainda não declarado colocasse á sua frente o filho mutilado, antes de poder sair da sala.

Quando voltou ao quarto, as feições da mulher pareceram-lhe alteradas e, tomado de pavor, entrevia olhares desvairados. Teve medo dela.

— Pede — gritou-lhe a mulher.

— E' uma loucura e uma fraqueza — titubeou o velho.

— Exprime o teu desejo! — insistiu ela.

O marido, erguendo a mão:

— Desejo que o meu filho torne a viver!...

O talismã caiu no soalho, e o velho olhou-o arrepiado. Então, a tremer, mergulhou na poltrona, enquanto a mulher se dirigia á janela, para abrir as persianas. O velho continuou sentado, cheio de calafrios, olhando vagamente para a figura da mulher que espreitava através da janela. O coto da vela, continuando a arder, embora já tivesse desaparecido no castiçal, projectava sombras estranhas e vacilantes nas paredes e no tecto, até que se apagou. Com um indizível sentimento de alívio pelo malogro do talismã, arrastou-se para a cama; e, poucos minutos depois, a velha deitava-se ao seu lado.

Nenhum deles falava, mas ambos escutavam, inquietos, o tic-tac do relógio. A escada rangeu e, na opressiva escuridão, ficarám em angustioso sobressalto. Ouviram, então, bater á porta da frente.

— *Que é isto?* — gritou a mulher, precipitando-se da cama.

Bateram outra vez, e o eco alarmante ressoou pela casa silenciosa.

— E' Herbert! — exclamou ela —. *E' Herbert!*

Correu para a porta do quarto, mas o marido estava á sua frente e, agarrando-a por um braço, segurou-a com firmeza:

— Que é que vais fazer? — murmurou ele, rudemente.

— E' o meu filho! é o Herbert! — gritou ela, debatendo-se —. Esqueci-me que o cemitério fica a três quilómetros. Tenho de abrir a porta!

— Por amor de Deus, não o deixe entrar! — implorou o velho.

— Estás com medo do teu próprio filho?! — vociferou a mulher, debatendo-se—. Solta-me!... Já lá vou, Herbert! já vou!...

Ouviu-se bater, de novo, e ainda outra vez.

A velhinha, num movimento brusco, conseguiu libertar-se, correu pelo quarto e lançou-se pela escada. O marido ouviu ranger a tranca na porta, girar a lingueta da fechadura e a voz da mulher, tensa e ofegante:

— O ferrolho de cima... Não posso alcançá-lo!...

Entretanto, no quarto, o velho, curvado, apalpava nervosamente o soalho, á procura da mão do macaco —. Se ao menos pudesse encontrá-la antes que aquele que estava lá fora conseguisse entrar! — Uma verdadeira rajada de pancadas na porta repercutiu por toda a casa, e ele sentiu a mulher arrastar uma cadeira para chegar ao fecho. Escutou ainda o lento ranger do ferrolho já a recuar, no próprio momento em que ele encontrava a mão do macaco. Formulou, então, frenéticamente, o seu terceiro e ultimo desejo.

Pararam, repentinamente, de bater, antes mesmo que o seu eco terminasse dentro da casa. Ele ouviu a porta abrir-se. Um vento gelado enfiou pela escada. Em baixo, um profundo e imenso suspiro de desapontamento deu-lhe coragem para se aproximar da mulher e prosseguir, depois, até o portão diante da casa.

Em frente, do outro lado, o candeeiro da iluminação dardejava os seus lampejos sobre a estrada deserta.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

AVISO

Concurso para a adjudicação da exploração da Cantina da estação de Abrantes

CONDIÇÕES

1.ª — Até ás 16 horas do dia 31 de Março de 1959 esta Companhia aceita propostas para a exploração da citada Cantina, pelo período de cinco anos, prorrogável sucessivamente por períodos de um ano.

A base de licitação é de 2 000$00 por ano. A cobrança da importancia anual da adjudicação será feita, adiantadamente, por trimestres.

2.ª — Não se aceitam propostas subscritas por mais de um indivíduo ou por mais de uma firma.

3.ª — Os concorrentes efectuarão em qualquer estação desta Companhia o depósito de 200$00.

Não será restituído o depósito do concorrente a quem for feita a adjudicação e que dela desista.

4.ª — Todas as propostas serão feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial e do Tráfego da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, Largo dos Caminhos de Ferro, em Lisboa, acrescentando-se áquele endereço, no invólucro, o seguinte:

«Proposta para a exploração da Cantina da estação de ABRANTES»

5.ª — Serão consideradas nulas as propostas que não tenham em conta as condições anteriores e que não indicarem expressamente a importancia oferecida á Companhia pela concessão durante cada ano.

6.ª — A Companhia reserva-se o direito de proceder a licitação verbal entre todos ou apenas entre alguns dos concorrentes.

7.ª — A Companhia reserva-se, também, o direito de rejeitar todas as propostas, se assim o julgar conveniente.

8.ª — A adjudicação será feita a quem maiores garantias der á Companhia, independentemente da anuidade oferecida.

Para este efeito, a Companhia reserva-se o direito de exigir dos concorrentes a comprovação da sua idoneidade para gerir e manter a exploração em concurso, quer mediante a apresentação de documentos, quer por qualquer outra forma que a Companhia julgue conveniente

9.ª — A adjudicação dará lugar ao estabelecimento de um contrato entre a Companhia e o concessionário, em conformidade com a minuta que os interessados poderão consultar na estação de ABRANTES ou no Serviço Comercial e do Tráfego da Companhia, em Lisboa(Largo dos Caminhos de Ferro).

Lisboa. 3 de Março de 1959

O CHEFE DO SERVIÇO COMERCIAL E DO TRÁFEGO

Carlos de Albuquerque

CRÓNICA DE PARIS

Estamos a caminho da idade de oiro

por ARMANDO MARTINS JANEIRO

PARIS — *Março* — Talvez o sinal mais fecundo de esperança destes dias conturbados em que vivemos seja as ultimamente frequentes surpresas que, de subito, os jornais nos anunciam quanto ás grandes realizações da Ciência. E', na verdade, extraordinário que os progressos científicos sejam de tanta magnitude e tão numerosos desde há uns dois lustros apenas. Esta atmosfera de confiança que começa a renascer no engenho do homem e na sua sabedoria faz-nos entrever que, em breve, ultrapassaremos o mundo dos sonhos mais ousados dos nossos sos avós. Um simples exemplo: — qual será o nosso sentimento, daqui a alguns anos, quando na noite solitária contemplarmos o Céu azul estrelado pensando que, nesse momento, grupos de homens, manobrando misseis, atravessam os espaços ou nos observam estacionados em outro planeta?

A maior parte dos sábios é de opinião de que o homem poderá ir á Lua daqui a dez ou quinze anos. Segundo o astrónomo dr. Levitt, no ano dois mil haverá uma estação interplanetária, a 1.700 quilómetros. «Poderemos criar uma civilização na Lua, onde, dispondo da energia proveniente da fusão nuclear ou do Sol, será possível utilizar certas rochas, por exemplo os silicatos de magnésio, dos quais por electrolise, se extrairá a água. Esta água poderemos decompô-la em hidrogénio e oxigénio e criar uma atmosfera. Poderemos assim criar gigantescas cidades, fazer brotar colheitas e criar rebanhos».

Os laboratórios russos e americanos continuam a preparar novos misseis para outras experiências intersiderais, e a selecção do primeiro homem viajante dos espaços está a ser feita cuidadosamente.

A Ciência, que criou meios de destruição capazes de aniquilar a Humanidade inteira, está em via de ultrapassar as posibilidades da guerra. Já se vislumbra talvez o momento em que a guerra, o mais velho flagelo que aflige a Humanidade, passará ao campo das impossibilidades. No momento em que o homem possa deslocar-se livremente nos espaços siderais e estacionar em outros planetas, haverá uma tal revolução nas suas condições de vida e de mentalidade que a guerra será então, provavelmente, inconcebível.

Outra realização de extraordinárias consequências foi essa dos cientistas britanicos que conseguiram, no laboratório, atingir a temperatura de cinco milhões de graus. Esta temperatura, próxima da temperatura á superfície do Sol, que é de seis milhões, foi conseguida no tubo de ensaio zeta. A fusão termonuclear que, até aqui, tem servido apenas para nos apavorar á ideia do poder de destruição das bombas, promete um dia ainda longinquo — vinte anos calcula sir John Crockroft—, a utilização de fontes inesgotáveis de energia. Para permitir a exploração comercial a temperatura tem de ser muito mais alta, da ordem dos 50 ou 100 milhões de graus. Mas no dia em que se lá chegar, terminarão sobre a Terra as necessidades, a luta pelas matérias-primas e pela riqueza findará, o problema do aumento da população deixará de inquietar-nos e não se falará mais na geografia da fome, pois as torrentes de energia tiradas da água dos oceanos serão ilimitadas. Um sábio russo escreveu que a utilização pacífica da energia termonuclear suprimiria simplesmente os problemas políticos. Estes prognósticos dos sábios prometem transformar a Terra deste lugar de lutas, suspeitas e de angustias num paraiso onde a abundancia fará florescer, definitivamente o amor e a paz.

*

Este reino da felicidade perfeita está certamente longe, e os grandes progressos ameaçam com o reverso negativo dos inconvenientes e perturbações inevitáveis em especial no entretempo que levará a adaptação a condições inteiramente novas. O presidente da Federação Internacional de Astronáutica, sr. A. G. Halley, chamou já a atenção para os problemas jurídicos postos pela circulação dos satélites e astronaves no espaço. Qual o limite superior de um território nacional dentro do qual deva considerar-se que um satélite não poderá passar? Uma comissão constituída dentro daquela federação está a estudar este assunto para propor as suas conclusões á Organização das Nações Unidas, a qual começou já a discutir a utilização pacífica do espaço cósmico.

Organismos internacionais da meteorologia chamam já a atenção para o problema, que pode surgir em breve, de assegurar que, quando as condições atmosféricas puderem ser controladas, o sejam para benefício de todos. Se um país obtivesse poder exclusivo, ainda que por algum tempo apenas, sobre o vento, a chuva, a tempestade, a luz solar, que desastrosas consequências isso não poderia trazer para o resto da Humanidade?

As recentes observações russas de erupções vulcanicas na Lua, a provarem-se verdadeiras, derrubarão toda uma nutrida tradição científica, a qual assevera que a Lua é um planeta morto há milhões de anos. O professor, de reputação mundial, Melvin Calvin, afirma a existência de seres vivos nos cem milhões de planetas que existem no Universo e iniciaram o seu giro em condições semelhantes ás da Terra.

O progresso, não só altera radicalmente as condições da nossa existência, mas procura também desvendar os horizontes do futuro. Para ler os sinais do porvir foi inventada uma nova ciência, a *prospectiva*. O director do Centro Internacional de Prospectiva, o sr. Gaston Berger, que é director do ensino superior em França, define como objectivo desta ciência o «estudo das causas que aceleram a evolução do Mundo moderno e a previsão das situações que dela derivam». Tentando completar a História, procura nos factos do passado, não a sua explicação, mas, o que é mais importante, o anuncio do que é susceptível de acontecer no futuro.

Estamos no limiar de uma nova era do Mundo. «Devemos preparar-nos — afirmaram os dois jovens sábios chineses que no ano passado, obtiveram o Prémio Nobel — para a revelação, no futuro, de um fenómeno que reponha em causa todas as chamadas leis naturais».

Estamos no limiar de uma nova idade do Mundo; diante de nós, mais longe ou mais perto, abrem-se os caminhos da mais extraordinária aventura que nem os sonhos dos nossos avós mais audazes ousariam vislumbrar.

UM ESPECTÁCULO

COM O ORFEÃO UNIVERSITARIO DO PORTO

No Pavilhão dos Desportos, e sob a regência do maestro Afonso Valente, exibe-se hoje, á noite, o Orfeão Universitário do Porto. O programa foi organizado com composições de Mendelssohn, Rossini, D. João IV, António Joyce e Herminio do Nascimento, seguindo-se na terceira parte fados e guitarradas, bailados regionais, numeros de orquestra e de graça académica. Prevê-se grande enchente no Pavilhão dos Desportos para este animado sarau, havendo bilhetes á venda até ás 17 horas de amanhã na sucursal do «Diário de Notícias» no Rossio, na Agência de bilhetes, nos Restauradores e na Rua de Santo Amaro, á Estrela, 47. A partir das 18 horas, haverá bilhetes á venda no Pavilhão dos Desportos.

CONGRESSO

Internacional

de Obras de Protecção às Raparigas

Na sequência das reuniões que vem realizando regularmente, desde a sua fundação, em 1897, a Associação Católica Internacional para Obras de Protecção ás Raparigas vai promover em Lisboa, de 21 a 24 de Maio próximo, o 14.º Congresso Internacional. Os congressos anteriores realizaram-se, respectivamente, em Roma (1948), em Paris (1952) e no México (1956). No programa estabelecido para a reunião em Lisboa inclui-se uma peregrinação a Fátima em 25 e 26 de Maio.

IMPRESSÕES DE VIAGEM

Bruges — a cidade encantada

por GRACIETTE BRANCO

Entrar em Bruges ás três da madrugada, é o mesmo que penetrar, mais profundamente, nas trevas adormecidas e misteriosas do sonho.

É continuar de sonho para sonho...

Bruges vive encantada! Lembra-nos aquela atmosfera irreal, que existia sempre em redor dos palácios de fadas dos contos de crianças, onde o mistério e o estranho encantamento se caracterizavam em perfis de duendes e fantasmagorias de lenda...

Caminha-se pelas velhas e estreitas ruas de Bruges, em silêncio, devagar, com receio de despertar a morte que dorme, docemente, em cada canto — não como ameaça ou perigo — mas como natural, doce e amoroso regaço, onde a cidade deseja ir afogar as suas penas e saudades...

Mesmo que passem crianças a rir, mesmo que automóveis cruzem as ruas, mesmo que passe gente seguindo o seu caminho e tratando dos seus afazeres, não existe um sentido de vida real na feição da cidade, nem a alegria abre livremente as suas asas, no voo simbólico da vida...

Dir-se-ia que a cidade é um esboço do que há-de vir a ser ou — mais acertadamente — um filme retrospectivo daquilo que já foi...

Não existe *presente*, não se sente a vibração da realidade e o nosso próprio sentido de observação se sente deprimido e enleado, na teia invisível do mistério que nos cerca.

Desde que o mar fugiu da cidade e as suas águas se afastaram extinguindo o porto florescente — Bruges caiu na tristeza dos longos silêncios e das dolorosas solidões, sem alegria ou optimismo para desejar vencer a sua desolação!...

Os antigos mastros dos belos navios que cruzavam o porto, são hoje fantasmas de saudade, acenando adeuses definitivos nos horizontes pálidos da memória.

O conformismo e a abstracção em que a cidade se encerrou, fugindo a qualquer intensa centelha de alegria, longe de a tornarem fria, banal ou desprovida de interesse, antes serviram para lhe dar um cunho de misteriosa ebeleza... A sua melancolia, a sua imobilidade, o nevoeiro de saudade que envolve todos os seus aspectos, dão-lhe um forte poder de atracção, tão notávelmente característico, que é hoje o seu maior estandarte de turismo.

Os visitantes desejam colher a sua atmosfera de poesia, entrar na alma de Bruges e escutar os seus soluços e as suas estrofes, embrenhando-se no seu estranho encantamento...

As grandes capitais do Mundo oferecem, mais ou menos, aspectos semelhantes. A vida ardente, os multiplos factores de progresso, a alegria, o ruido, o bulicio, o dinamismo, são a expressão aliciante de Paris, Madrid, Londres, Nova York, Bruxelas, Berlim, etc.

Porém, o banho lustral de poesia, os mágicos efluvios do sonho, do não-ser, do quase «au-delá» — também agradam ás almas saturadas do prazer temporal...

No refugio dos silêncios espirituais de Bruges, as almas espraiam-se na tranquilidade das belezas eternas, onde pairam mistérios que abrem as portas a pensamentos profundos e conduzem as meditações a planos de expressão subjectiva.

Sabe bem, por vezes, sentir — em plena vida — o abraço da morte e compreender que ela existe a nosso lado, caminha connosco, não como inimiga perversa, mas como verdade inevitável que convém não esquecer...

Os longos, belos e tristes canais de Bruges, quando reflectem, silenciosamente, as estrelas ou o rosto pálido do luar, dão bem a ideia da morte — mas da morte redentora, tranquila, bela e quase meiga!

Os sinos cantam, docemente, espelhando pela cidade, as suas lágrimas e as suas orações...

As beguinárias, os mosteiros, as igrejas, as águas dormentes, os canais silenciosos, a poesia envolvendo os ruidos e falando em cada pedra, em cada folha, em cada sombra, fazem de Bruges, não uma cidade de fisionomia normal, mas uma alma, uma grande alma que se desprendeu de um corpo e ali ficou, ligada á morte e transmitindo-nos as impressões remotas de uma vida vivida há milénios e apenas existindo por fenómeno de miragem...

Talvez se pressinta que uma corrente de certas mocidades irrequietas tenta criar uma feição diferente á cidade adormecida...

Despertá-la da letárgia, implantar nela um novo sentido de vida e movimento, quebrar as cadeias de uma tradição antiga...

Porém, a própria fisionomia de Bruges e os multiplos pormenores de êxtase e encantamento que constituem a sua atmosfera íntima, reagem contra tais intenções.

E ainda bem! Perder-se-ia, assim, o seu maior atractivo.

O sentido de lenda e o misticismo das horas de Bruges, são as férias da alma, cansada da triste peregrinação por um mundo grosseiro e insensível...

Não! Não senti depressão nem tristeza ao realizar este forte desejo de penetrar no mistério de Bruges! Apenas, após a minha partida, acrescentei uma sílaba á poesia e ao sereno lirismo da sua paisagem, pois deixei lá, perdidos em qualquer sombra, um sentimento inexprimível, um desejo confuso de humildade e ternura, o silencioso clamor de todas as minhas ansiedades, como se a alma se me abrisse numa suplica ardente e definitiva...

DIETÉTICA · NUTRIÇÃO · GASTROTÉCNICA · CULINÁRIA

Está distribuido mais um número do ALIMENTAR

para receber regularmente o ALIMENTAR

Sumario

- QUE FAZER PARA NÃO SER OBESO?
- A ALIMENTAÇÃO E AS CIVILIZAÇÕES ESTARÃO RELACIONADAS?
- CULINÁRIA.
- MESA REDONDA.
- DUAS PALAVRAS SOBRE... SOBREMESA.
- PARA MANTER A JUVENTUDE E A BELEZA.
- AS ERVILHAS
- O PEIXE É UM ALIMENTO COMPLETO.
- TABELA ALIMENTAR.
- INQUÉRITOS ALIMENTARES.
- AS MEDIDAS IDEAIS.

Recorte e envie este cupão, colado num simples postal

A REVISTA "ALIMENTAR"
Duque de Loulé, 1-6º e
Lisboa 1 · Telef. 50542

Queira considerar-me assinante de ALIMENTAR *na seguinte modalidade:*

1 semestre - 12.50
2 semestres - 22.50

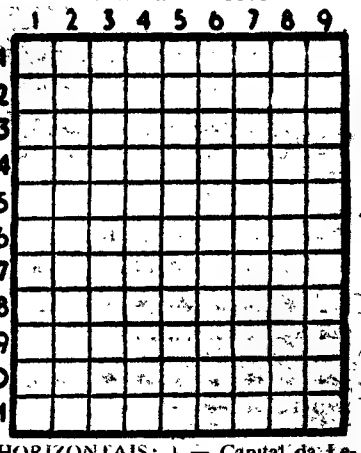
Nome _____
Morada _____

UMA INICIATIVA SIP

Palavras cruzadas

(NOVA MODALIDADE)

Problema n.º 3605



HORIZONTAIS: 1 — Capital da Letónia. Desbaste. 2 — Agora. Forma proclítica e apoçopada de Vale. 3 — Cardeal que depois foi o papa Pio X. 4 — Aqui. Animal doméstico. Símbolo químico do cobalto. 5 — Equipa. Caixa forrada para roupas. 6 — Estava afastado. 7 — Antiga capital da Normandia. Move os remos. 8 — Comparecias. Ribeira que ligada á Raia, formam um rio. 9 — Reis. Ena! Graceja. 10 — Criadores. 11 — Nome de um astro. Gemidos.

VERTICAIS: 1 — Cava. Escarneceras. 2 — Frequentar. Escarpadas. 3 — Fluído aeriforme. Dás mios. O mais. 4 — Eventualidade. Artigo definido (ant.º). 5 — Data. Rio de Portugal. 6 — Cidade perto da antiga Nabancia. Preposição e artigo. 7 — Origem. Pássaros. Apelido. 8 — Entrega. Grito. 9 — Rio que concorre para a formação do Alcobaça. Canções.

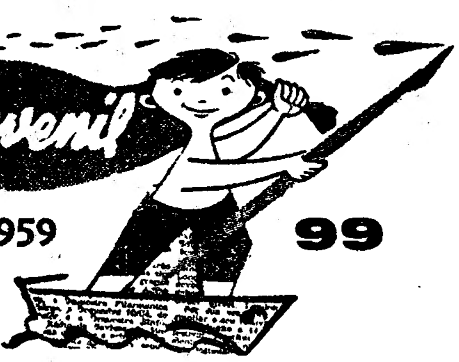
Solução do problema N.º 3604

HORIZONTAIS: 1 — Capitólio. 2 — Egas. Ramo. 3 — Rio. Doi. 4 — Real. Esta. 5 — As. Ain. Ar. 6 — Árias. 7 — Ru. Em. 8 — Tu. Ura. Ás. 9 — Imos. Vago. 10 — Rata. Élia. 11 — Asas. Sias.

VERTICAIS: 1 — Cê. Rás. Tira. 2 — Agres. Rumas. 3 — Paiã. Au. Ota. 4 — Isolar. Usas. 5 — II. 6 — Ordena. Aves. 7 — Laos. Se. Ali. 8 — Imita. Magia. 9 — Oó. Aru. Soas.

PULLOVERS
para homem e senhora
Echarpes de lã Mohair
TORRE EIFFEL
104 - Rua do Carmo - 106

Diario de Lisbóa



14-3-959 99

Textos
Augusto da Costa Dias, Mário Castrim e Manuel Salgueiros
Ilustrações
Tóssan e Figueiredo Sobral

Toda a correspondência deve ser dirigida para a Rua Luz Soriano, 44 a 48 — LISBOA

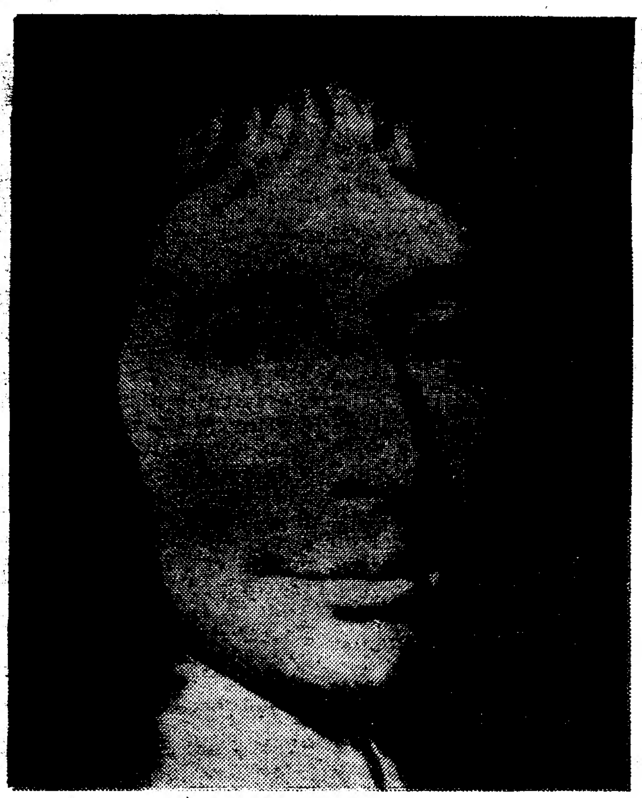
CONCURSO
GIGANTES DA HUMANIDADE

Todos os jovens que passaram pelo terceiro ano do liceu tiveram de decorar este princípio da Física clássica:

«Qualquer pressão exercida na superficie livre de um líquido é trasmitida integralmente em todas as direcções».

Mas que aprenderam eles sobre o grande Génio, o grande carácter, a generosissima consciência do autor daquelas palavras? Talvez nada. E no entanto ele é uma verdadeira glória do espírito juvenil. Nasceu em Clermont em 1623. Aos 17 anos imprime a sua primeira obra: Essai pour les Coniques. *Cinco anos depois, (em 1645) publica* Lette dédicatoire á Mgr. le Chancelier sur le sujet de-la nouvelle machine (arithmétique) inventée par le sieur...... *No ano seguinte, de colaboração com o matemático Pedro Petit e seu próprio pai, repetem a experiência de Torricelli sobre o vácuo provocado num tubo pela descida de uma coluna de mercurio. Em 1647 publica* Expériences nouvelles touchant le Vide *e redige* Préface pour un Traité du Vide. *Em 1648 escreve em latim a* Géneration des Sections Coniques *e publica o* Récit de la Grande Experience de l'Equilibre des Liqueurs. *Em 1652 apresenta a sua Máquina Aritmética e escreve uma carta á rainha da Suécia sobre o assunto.*

Nesta altura da sua vida aparece nos circulos da sociedade, dis-



trai-se, gosta de mostrar o seu imenso valor, quer chamar a atenção sobre ele.

Em 1653 escreve os dois tratados De l'Equilibre des Liqueurs *e* De la Pesanteur de la Masse d'air, *a que, no ano seguinte, se juntam o* Traité du Triangle Arithmétique. *Este «ano seguinte» (1654) representa uma grande época na vida do jovem sábio: aborrece-se do mundanismo, converte-se e passa a viver retirado.*

Na sua profunda vida religiosa — cheia de ardor, de pureza, de generosidade — entra em célebres polémicas a que se devem a sua célebre obra Provinciales. *Em 1656 escreve* Apologie de la Réligion Chrétienne *e volta, em 1657, a publicar obra científica:* Éléments de Géméotrie. *Nesse mesmo ano escreve outro livro religioso: os* Écrits sur la Grâce. *De 1658 data a sua* Première Lettre circulaire relative à la cycloíde. *Está esgotado; adoece profundamente no ano seguinte e morre em 1662, apenas com 39 anos e deixando para publicar uma obra imensa, na qual se incluem os seus célebres* Pensamentos. *Que juventude mais gloriosa!*

As respostas devem ser enviadas até ao próximo dia 21, acompanhadas dos habituais elementos: data de nascimento, nome completo, morada, numero de ficheiro (caso o tenham) e menção dos artigos que mais apreciaram no Juvenil desta semana.

Além dos prémios do costume, haverá um prémio especial para o melhor trabalho sobre o gigante da Humanidade desta semana.

ATENÇÃO

VER EM DOIS MINUTOS DE INTERVALO, PALAVRAS CRUZADAS EM FRANCÊS E INGLÊS

Manhã de Primavera

por Teresa da Encarnação
(16 anos)

Nesta manhã de Primavera
chilreiam os passarinhos
nesta doce hora de quimera,
passam sorrindo felizes
enamorados parzinhos...

Em tudo há sonho... fantasia,
minh'alma jubilosa
é arrastada pela magia
desta manhã de Primavera,
suave e radiosa.

Manhã perfumada
mocidade em flor,
manhã qu' exala
perfume d'amor,

quimeras e... dor !

NOTAS DE LEITURA
A REVOLUÇÃO DA ARTE MODERNA

Quando se debateu (debateram os nossos jovens leitores) nestas colunas o problema «Arte Antiga — Arte Moderna» eu tive vontade de publicar aqui o prefácio da bela obra de Hans Sedlmayr — «A Revolução da Arte Moderna». Hoje que me ocupo do livro, vou aproveitar o ensejo para oferecer uma parte de tal prefácio aos nossos leitores; desta maneira verão a utilidade da obra e aqueles que confessaram não ter elementos para contribuir com uma achazinha para a fogueira da discussão serão estimulados a ler o livro por inteiro.

Diz Sedlmayr:

Com a expressão «Arte Moderna» — mesmo que seja usada no sentido de elogio ou de refutação — chama-se a atenção para o facto de que em qualquer momento do «nosso tempo» surgiu na arte, e graças a ele, algo «completamente novo», algo que diferencia esta «arte moderna», e apenas ela, de toda a «arte antiga». Esta novidade, mais sentida na sua essência que realmente conhecida, tem sido apaixonadamente exaltada e da mesma forma combatida, compreendida e mal entendida, não sendo precisamente os partidários da arte moderna os que melhor a compreendem. «Uma obra que exprime o monstruoso é melhor compreendida por aqueles a quem o horrível corre nas veias, ainda que contra ele se enfureçam, do que por aqueles que não fazem outra coisa senão lamentar o desencanto da produção artística... Aqueles a quem o monstruoso impressiona não falam do «frissen nouveau» (em francês no original alemão), nem aclamam ou felicitam o artista pela sua originalidade». Mas, por outro lado, uma obra que não deseja outra coisa senão a «satisfação das necessidades estéticas» é melhor compreendida por aqueles que a saboreiam sob o ponto de vista puramente estético, que por aqueles que, espontaneamente, lhe atribuem um «profundo significado» de cujo peso quereriam precisamente libertar-se. Desta enorme confusão de posições nunca pode, pois, surgir a claridade. Entre os dois grupos em luta continuam latentes, no fundo, as seguintes perguntas: em que consiste realmente esta arte que a si mesma se chamou moderna? O que é que a diferencia da outra arte do nosso tempo que não é moderna? Tem, pois, sentido falar «da» arte moderna quando nela são possíveis contradições do tipo da pintura «abstracta» e do Surrealismo?

Sem duvida alguma estas perguntas são muito mais importantes, muito mais básicas e, por isso, muito mais interessantes do que estoutra: que considera este ou aquele artista, crítico ou historiador de arte, como arte moderna? unicamente depois de aquelas perguntas terem sido respondidas devidamente será possível dizer-se, com fundamento, o que há contra ou a favor da arte moderna, desta ou daquela das suas escolas, desta ou daquela das suas características».

... ...

Muitas directrizes da arte já passada foram declaradas «como modernas». O artífice da primeira catedral gótica distingue na sua obra a «opus antiquum» da «opus modernum». Mas o Rococó foi denominado pelos seus contemporaneos com o qualificativo de «style moderne». Aquilo a que os Alemães costumavam chamar «Jugendstil» designou-se em Inglaterra, por volta de 1890, com a expressão «modern style».

O espaço não dá para uma citação mais folgada; suspendendo-a no entanto aqui, julgo ter chamado a atenção dos jovens leitores para a complexidade da resposta que se der a muitas das perguntas por eles levantadas na série de artigos que escreveram para o «Juvenil» sobre estes problemas.

O livro de Sedlmayr levanta problemas, desacama o comodismo, obriga a pensar, fornece elementos de estudo: eis um conjunto de motivos para o recomendarmos.

A. C. D.

«A REVOLUÇÃO DA ARTE MODERNA», por Hans Sedlmayr, Colecção Enciclopédia LBL, Livros do Brasil, Ld.ª.

PROBLEMAS DOS JOVENS

Como nascem os Teddy-boys

Suponho que uma das questões a tratar, antes de mais, quando nos interessamos pelos «teddy boys», é a sua personalidade, a sua maneira de ser. Vejam se não tenho razão: nos «teddy boys» há que distinguir entre chefes e subditos; aqueles são inteligentes; estes, uns mentecaptos na maioria dos casos. Mas que importa a minha distinção? Importa muito. Nos primeiros e em todos aqueles que se servem da razão e da inteligência para agir — deve haver um problema de educação, quer dizer uma educação errada, uma infancia a que faltou alguma coisa.

Claro que acredito que nem todo o indivíduo está disposto, melhor direi apto a pertencer a algum desses grupos juvenis, donde concluo que o «teddy boy» não é apenas o produto do meio. Mas é-o em grande parte: e em tal caso há que procurar remédio para o erro de educação. Muitos jovens que eu conheço seriam desse género se uma boa, uma sólida educação os não tivesse afastado da vagabundagem do espírito. Uma educação certa — digo bem, certa — um meio familiar e social estimulante produzem seres uteis á Humanidade.

Analisando os diferentes meios donde podem sair e saem os infelizes «teddy boys» também se conseguiria melhorar as condições de educação das crianças desses mesmos meios. Eis um exemplo que julgo ser o mais flagrante, pelo menos em Portugal: o casal rico e pouco culto em que o pai trabalha todo o dia em negócios rendosos e a mãe se paveneia em passeios e vai aos chás, deixando os filhos entregues ao pessoal. Mais um pormenor para fechar a conta: o pessoal varia constantemente — hoje uma criada, amanhã outra.

Pois bem: que ideias incutem estes pais aos filhos ácerca do pessoal?

Das poucas vezes que estarão com eles, incutem-lhes um espírito de superioridade de classe. Esta ideia de superioridade social desenvolve-se depois na criança, mas já em relação a toda a gente das classes mais baixas, que são as de menores rendimentos. E nessa classe mais baixa, a criança começa a incluir os professores, por exemplo. Isto tem como consequência que deixam de acatar opiniões e conselhos — quem vai ligar ao que diz gente de espécie inferior? Creio que é deste meio que sai a maior parte dos «teddy boys» — muitas vezes por necessidade de preencher com qualquer coisa a vida vazia que levam em casa.

Qual a solução?

Creio bem que uma solução completa e radical deste problema equivaleria a uma modificação também completa e radical da estrutura da sociedade. A sociedade é uma coisa que vem evoluindo desde o aparecimento de Adão e Eva e que, evidentemente, não se remexe e recompõe de um dia para o outro. Quais então as medidas a tomar para que vão diminuindo o numero desses «teddy boys» e não aumentando, como sucede até nos países mais civilizados, como a Suécia? Talvez uma organização bem elaborada de protecção aos jovens — que lhes proporcione convívio honesto, generosidade de relações, confiança no semelhante, certeza de que se vive para alguma coisa.

Tudo isto digo eu porque penso o seguinte: que nos «teddy boys» como nos «gangsters» e outros casos tristes há de comum esta verdade fria: muita solidão.

Não penso muito mais sobre o assunto (porque não sei) a não ser também o seguinte: que ele será, terá de ser, mais tarde, um dos problemas por que sinto obrigação de me ocupar.

por MARGARIDA LIELLICH LOSA (15 anos)

(AMIGO N.º 67)

VISTOS PELOS JOVENS

AVENTURAS DO DETECTIVE PARARRAIOS

O Mistério da bengala de bambu (XV)

POR

MANUEL SALGUEIRO

— Estamos perdidos! — gritou Basílio vendo surgir, a pouca distancia já, as massas afuseladas dos tubarões.

— De facto, o perigo é grande, mas acredito na minha boa estrela — retorquiu Pararraios —. E além disso, tenho a certeza de que, se tombarmos na luta contra o crime, outros virão tomar o nosso lugar.

Faziam esforços sobre-humanos para se manterem à superfície batidos pelas vagas que se lançavam para o céu como se pretendessem assaltá-lo. E de subito algo aconteceu tão nítido que o próprio Basílio Sopito deu conta.

— Meu amo, a estas horas já os tubarões deviam estar a chamar-nos um figo, e no entanto...

A explicação demorou pouco. A cerca de cinquenta metros levantava-se uma enorme ilha escura, em forma de tubarão.

— Será um pesadelo?—perguntou Sopito.

— Qual! Um submarino, um submarino é que é!

Era, na verdade, um submarino. De bordo partiam descargas mortíferas que dispersaram os indesejáveis tubarões. Algum tempo depois os dois amigos encontravam-se a bordo de um salva-vidas que os levou ao submarino.

O capitão era um «gentleman» inglês, Peter Heel. Em duas palavras se apresentou. Antigo oficial da Marinha de Sua Majestade, prestava agora os seus serviços á W. O. E. C. (Whale Oil Explorer Company), ou seja, Companhia Exploradora do Oleo de Baleia.

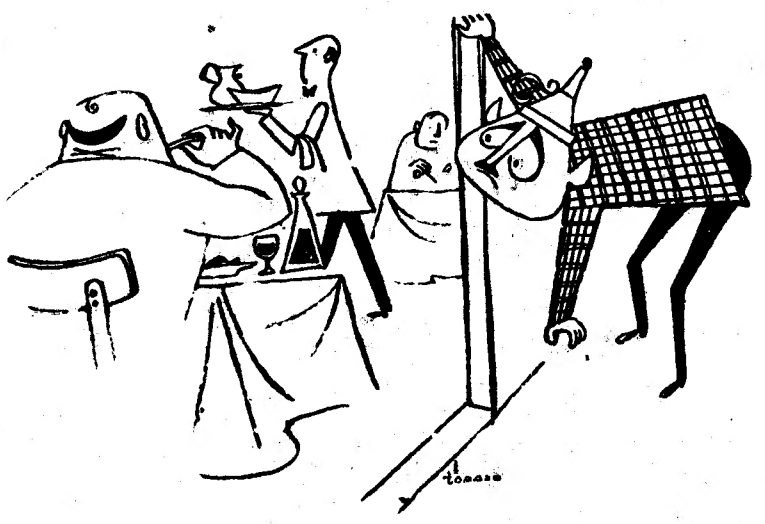
— Andamos em pesquisas—acrescentou. — Dirigimo-nos, neste momento, para as cercanias dos Açores, e se os senhores quiserem assistir á pesca e á caça da baleia...

— Que dizes, Basílio? — perguntou Pararraios.

— Isso! Só nos faltava essa...

Em todo o caso, Pararraios não aceitou.

— E' pena — retorquio o capitão.



— A pesca da baleia proporciona-nos emoções fortes.

— Cada qual tem a sua missão... — foi a resposta do detective.

Em duas palavras, pôs o capitão ao corrente dos factos.

— Conte comigo — respondeu firmemente o barbudo capitão de baleias. — O «Flor de Lótus» deve fazer escala por S. Miguel. Chegaremos lá primeiro do que ele.

De facto, ultrapassaram-no por estibordo trinta horas depois. Chegaram a Ponta Delgada ao cair de uma serena tarde de Fevereiro...

— Adeus! — disse com uma secura que mal dissimulava a emoção o capitão Peter Heel. — Se um dia precisar de mim, escreva a Peter Heel, Liverpool...

Os dois amigos aguardaram ansiosamente a chegada do «Flor de Lótus» que se verificou ás sete horas.

— O Japonês desembarcará? — perguntou Basílio.

— Sim, com certeza — ripostou o detective. — Julga-se em segurança.

BASILIO FALHA O GOLPE

A estas horas, imagina-nos sulcando os mares na barriga dos tubarões...

Basílio Sopito ia dizer alguma coisa mas o detective apertou-lhe o pulso:

— Silêncio! Ali vai ele... Temos de o seguir. Com prudência... Vês-lhe a bengalinha, vês como a volta e revolta, provocadoramente? Ah, mas ele ignora quem nós somos!...

Seguiram-lhe no encalço. Atravessaram as ruelas velhissimas do cais, cosendo-se á parede de cada vez que Sum Wi se voltava para trás. Viram que o Japonês entrava numa casa.

— Um restaurante! — exclamou Basílio. — Não teve má ideia, o bicho nipão!

Aproximaram-se, espreitaram á porta. Viram-no conferenciar com o criado, pendurar a bengalinha no cabide, afastar-se para o lavatório... Entetanto, o criado pusera o jantar na mesa. Pararraios não tirava os olhos da *bengala de bambu*, de que dependia o destino do Mundo.

— Basílio! — gritou. — Vai tu, que despertas menos suspeitas, e sê rápido. Não falhes o golpe!

Longos minutos se escoaram. O coração de Pararraios batia desordenadamente. Por fim, Sopito apareceu.

— Basílio, então? — exclamou o detective! — Falhaste o golpe?

— Qual falhei! Comi-lhe o jantar todo...

— E a bengala, patife? Esqueceste-te dela, miserável? Agora que a tinhamos á mão, uma ocasião que certamente não se repetirá mais?

Os olhos do detective fuzilavam de justa ira. Vendo, porém, a aflição do Basílio acalmou-se e pôs-lhe a mão na cabeçorra pelada:

— Trocaste o essencial pelo acessório, crime que muitos cometem. Deixa. O caminho do homem é uma continua ascensão e por isso se torna difícil. Terás muitas ocasiões de te resgatares.

— E ainda por cima o bife era mais duro que sola! — lamentava-se o ajudante.

— Para que tu vejas como se faz vou eu lá dentro. E mesmo nas barbas dele, a bengalinha cai-me no papo...

Entrou. De subito, Basílio escutou lá dentro uma algazarra medonha...

(Continua)

Gente nossa

Em terra de figuras
era tão farta, tão rica,
tudo morre, tudo passa,
—mas o saloio, esse, fica.

É solerte e cabeçudo
e, caminhando na estrada,
parece que ignora tudo
porém não lhe escapa nada.

Os conceitos que ele mete
quando, às boas, conversamos!
Se o saloio usa barrete
somos nós que o enfiamos...

«Adeus pai dos burros!» diz
o gracioso peralvilho
logo o saloio feliz
lhe responde «Adeus meu filho!»

De burrico ou de galera
seja a noite má ou boa
seja Inverno ou Primavera,
ei-lo segue para Lisboa...

Leva o burro carregado
de tanta alface fresquinha
que o lisboeta alcunhado
passou a ser «alfacinha»...

Inda com terra nos pés,
só coisas boas nos dás.
Não és saloio; tu és
o mensageiro da Paz.

Para ter direito aos prémios do nosso concurso da semana, basta responder, em carta, ou postal, á seguinte pergunta:

Qual a província portuguesa a que pertence a gravura que hoje publicamos?

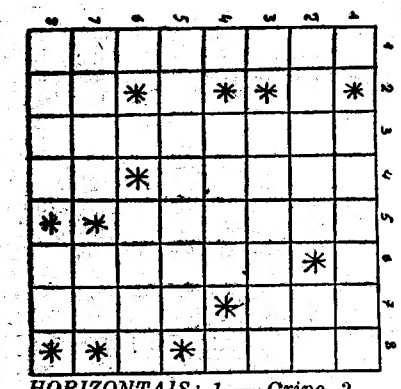
As respostas devem estar na Redacção até ao próximo sábado, 21 de Março.

Publica-se para ti, aos sábados! O Diário de Lisboa Juvenil

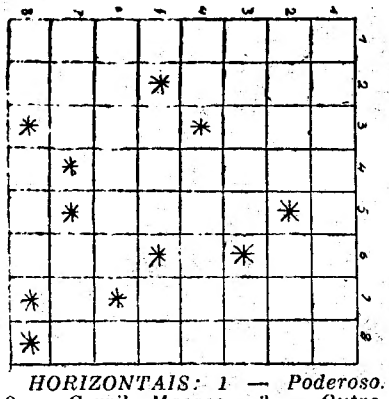
2 MINUTOS DE INTERVALO

PALAVRAS CRUZADAS

Francês



Inglês



HORIZONTAIS: 1 — Gripe. 2 — Ir. Ano. 3 — Marfim. 4 — Sentido. 5 — Sessão. 6 — Ímpeto. 7 — Aedo. Vogais de «égide». 8 — Gastar. República francesa.

VERTICAIS: 1 — Barco. 2 — És. 3 — Escorregadela. 4 — Sonhos. Terminação dos verbos da primeira conjugação. 5 — Ironia. 6 — Isolar. 7 — Por. Ingénuo. 6 — Consoante e as vogais de «enervado».

HORIZONTAIS: 1 — Poderoso. 2 — Carril. Macaco. 3 — Outro. Tanto. 4 — As duas primeiras letras de «falange». Raposa. 5 — Homens. Representação fonética de «chá». 6 — Seis letras de «em forma redonda». 7 — Rebocador. Numeral. 8 — Duas letras de teu. Tradução portuguesa de «my».

VERTICAIS: 1 — Propriedade. 2 — Juramento. Nosso. 3 — Inteligência. Caneca. 4 — Onze. 5 — Descascar. 6 — Quarta nota musical. Pronome pessoal, sujeito. 7 — Sossobrar. 8 — Leonino.

SOLUÇÕES

Francês

HORIZONTAIS: 1 — Gripe. 2 — Ir. Ano. 3 — Marfim. 4 — Sentido. 5 — Sessão. 6 — Ímpeto. 7 — Aedo. 8 — Gastar. República.

VERTICAIS: 1 — Barco. 2 — És. 3 — Escorregadela. 4 — Sonhos. 5 — Ironia. 6 — Isolar. 7 — Por. Ingénuo. 8 — Enee.

Inglês

HORIZONTAIS: 1 — Gripe. 2 — Rail. Ape. 3 — Other. So. 4 — Ph. Vixen. 5 — Men. Ti. 6 — Roundy. 7 — Tug. One. 8 — Yr. Meu.

VERTICAIS: 1 — Property. 2 — Oath. Our. 3 — Wit. Reng. 4 — Elevem. 5 — Kind. 6 — Pa. You. 7 — Upset. 8 — Leonine.

O SATÉLITE

A Terra dirige-se ao oftalmologista:

— Acuda-me, doutor! — diz ela.

— Mas o que foi? — pergunta o médico.

— Doi-me muito esta vista. Entrou-me um satélite na órbita!

A LUA...

O Periquito vive intensamente os feitos científicos do nosso tempo. Certa noite, ao olhar interessado para a Lua, pergunta ao pai:

— Sempre gostava de saber quem lançou primeiro a Lua. Foram os Americanos ou os Russos?

CONCURSO DA SEMANA

SOLUÇÕES DOS CONCURSOS DO SUPLEMENTO N.º 96: I — «GENTE NOSSA»: AVEIRO. II — «GIGANTES DA HUMANIDADE»: CLAUDE DEBUSSY.

Vencedores

1. — Amigo n.º 1.555 — Maria Luisa Sousa Araujo (Porto).
2. — Amigo n.º — Maria José Palla e Carmo (Algés).
3. — Amigo n.º 963 — Alice Vassalo Pereira (Lisboa).
4. — Amigo n.º 1.499 — Anibal José Laia Paulista (Lisboa).
5. — Amigo n.º 1.561 — Susana Barroso Lopes (Queluz).
6. — Amigo n.º 978 — José Francisco Borges (Lisboa).
7. — Amigo n.º 1.512 — António Veiga Esteves (Porto).
8. — Amigo n.º 962 — Maria Alzira Simeão Seixo (Moita do Ribatejo).
9. — Amigo n.º 1.562 — João Pedro Moreira (Estremoz).
10. — Amigo n.º 884 — José Maria David Vieira (Coimbra).
11. — Amigo n. 1.472 — Maria Margarida Melo (Lisboa).
12. — Amigo n.º 1.539 — Heitor Fernando da Silva (Porto).
13. — Amigo n.º 1.547 — Carlos Manuel Almeida (Coimbra).
14. — Amigo n.º 1.556 — José Fernando de Almeida Reis Mendes (Mem Martins).

Prémios

1 e 2: «SCARAMOUCHE», por Rafael Sabatini — Portugália Editora.
3. — «O VELHO E O MAR», por Hemingway — Livros do Brasil, Ld.ª.
4 e 5: «UM SEIXO SOLITÁRIO», por John Hersey — Livros do Brasil, Ld.ª.
6. — «VUZZ...», por P. A. Hourey — Livros do Brasil, Ld.ª.
7.—«HISTÓRIA DE DOIS MUNDOS», por John MacDonald — Livros do Brasil, Ld.ª.
8. — «FERMINA MARQUEZ», por V. Larbaud — Livros do Brasil, Ld.ª.
9 e 10: «A ASIA A CAMINHO DA EUROPA», por Frank Altheim — Livros do Brasil, Ld.ª.
11 a 15: «O PAÍS INATINGÍVEL», por André Dhôtel — Livros do Brasil, Ld.ª.

PRÉMIO ESPECIAL PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE DEBUSSY

15. — Amigo n.º 1.545 — M. P. Campos (Lisboa).

15. — «O PAÍS INATINGÍVEL», por André Dhôtel e «O PODER E A GLÓRIA», por Grhaam Greene— Livros do Brasil, Ld.ª.

Noticiário dos concursos

Só no próximo dia 21 do corrente mês é que poderemos dar finalmente — finalmente! — os resultados concursos:

«QUAL É COISA QUAL É ELA?»

«Augusto Gil»

Esta demora deveu-se á quantidade de concorrentes a este ultimo concurso. Muito nos apraz registar o facto e desejar que esta iniciativa da Portugália Editora tenha servido para radicar entre os jovens o gosto pela Poesia, de que Augusto Gil foi uma grande figura, e pelos nossos maiores escritores.

Até, portanto, á próxima semana! Continuamos hoje a publicar os nomes dos concorrentes ao nosso concurso anual.

«PORTUGAL E A JUVENTUDE»

Amigo n.º 182 — António Maurício Esteves (Figueira da Foz): «Riquezas da nossa terra».

Amigo n.º 169 — Joel Eduardo Neves Hasse Ferreira (Lisboa): «Minho belo» — sobre a paisagem da província, os costumes e o folclore da população.

Amigo n.º 197 — Gastão Alexandre Pessoa Guerreiro (Faro): «O Presépio».

Amigo n.º 1.547 — Carlos Manuel de Almeida (Coimbra): «Coimbra lendária».

Amiga n.º 365 — Maria Guilhermina Claro Lobato (Barreiro): «Férias».

Amigo n.º 1.436 — Armando Pereira da Silva (Aveiro): «Um mundo desconhecido».

Como habitualmente, os editores portugueses, compreendendo o alcance das nossas iniciativas e o interesse que o livro representa para a juventude, não deixaram de colaborar connosco.

Hoje temos o prazer de registar a adesão de algumas casas editoras ao Concurso «Portugal e a Juventude», para o qual oferecem dezenas de excelentes livros.

Editorial Arcádia, á qual devemos vários volumes das seguintes obras:

1 — «As mais belas histórias sobre animais» — selecção e tradução de Raquel Queirós, prefácio de José Osório de Oliveira, desenhos de José de Lemos.

2 — «As mais belas histórias de Natal» — selecção de Miguel Urbano Rodrigues, prefácio de Aquilino Ribeiro, desenhos de Carlos Ribeiro.

3 — «Antologia do conto moderno» — selecção e prefácio de João Gaspar Simões, ilustrações de Lons Dourdil.

4 — «Os muros do desespero», por Hervé Bazin, volume n.º 4 da colecção «Encontro».

5 — «O que é a Física» por Rómulo de Carvalho, com textos de Henri Poincaré, Pierre Duhem, Jacques Picard, Louis de Broglie e Jean-Louis Destouches.

6 — «A vida nos outros mundos», por Herbert Spencer Jones.

7 — «O segredo de Luca» — romance de Ignazio Silone.

A Livraria Editora Augusto Sá da Costa oferece uma série de volumes da sua célebre Colecção de Clássicos — a mais importante colecção que, no género, se publica em Portugal.

E ficamos por hoje, por aqui...

O «Diário do Lisboa Juvenil» publica-se para ti, aos sábados!

ANIMAIS, ESSES DESCONHECIDOS

Equilíbrio natural

por MARIA HELENA DA COSTA DIAS

E' cada passo podemos verificar que a Natureza se rege segundo um ciclo vital — água, sol, flora, fauna. Tudo nela se ajusta, se completa, se equilibra. E', na verdade, um equilíbrio instavel; qualquer perturbação, por pequena que seja, provoca um desmoronamento total. A paisagem nasce de condições especiais do clima ou da natureza do solo; na existência de insectos polinizadores, das plantas, etc.

Pela necessidade de destruir os mosquitos propagadores da Malária, procedeu-se, na Sardenha, a uma limpeza com insecticidas; não só desapareceram os indesejáveis mosquitos como as abelhas da região. Pois tanto bastou para que naquele ano, as oliveiras se mantivessem estéreis. Quando, ás vezes, pensamos na inutilidade da existência de certos seres, nem por sombras sonhamos que ele tem uma importancia capital no equilibrio de que falei.

Assim, o enorme e pesadão hipopótamo que vemos inutil, no Jardim Zoológico tem também, um papel a desempenhar nos rios ou lagos das regiões em que vivem. E' verdade, é tão importante a sua tarefa que já se lhes chamou «mecenas da pisciculturaa». A' primeira vista nada parece ligar o gordo hipopótamo aos peixinhos das regiões africanas; só á primeira vista, porém; na verdade, nesses rios ou lagos que recebem pouca água dos seus tributários, cada ser vivo desempenha uma tarefa regularizadora. O hipopótamo fertiliza o fundo da água, o que favorece a formação de «fitoplanton»; este, por seu turno, serve de alimento a certos peixes indígenas, largamente explorados pelos habitantes e até por empresas piscicolas. São uma fonte de proteinas de que se abastecem os naturais daquelas regiões.

Mas há mais, amiguinhos: Na Jamaica verificou-se que os ratos devastàvam as plantações de cana açucareira de um modo que se estava a tornar deveras assustador. Introduziu-se na região devastada, o Mangusto, animal cujo estômago é um verdadeiro cemitério de todos os animais que lhe passam ao alcance. No fim de dez anos, os ratos tinham, práticamente, desaparecido. Julgam, acaso, que o problema se resolveu? Não, precisamente porque o Mangusto é tão voraz, a fauna quase que desapareceu da ilha; e então, como é natural, a própria existência do Mangusto entrou em declíneo. Os ratos trataram de passar a arborícolas, isto é a fazer vida nas árvores; e uma vez em segurança, entrou de proliferar, de uma forma catastrófica, pois pode atingir, em três anos, a bonita cifra de 257.762 descendentes de cada casal. Ora imaginem o que se produzirá nas colheitas, sabendo-se que cada 100 ratos, por dia, podem comer 15 quilos de trigo!!

O crocodilo que toda a gente detesta, por um legítimo sentimento, foi já reconhecido como benfeitor. Destroi moluscos, insectos, crustáceos e peixes doentes, evitando assim muitas epidemias graves. O mesmo se verifica na Europa Ocidental, em relação á epidemia da Myxomatose que, diminui ou desaparece, quando pululam os lobos, que, rápidamente eliminam os animais doentes.

Será necessário dizer mais alguma coisa sobre a utilidade de certos animais que as lendas amaldiçoaram? Creio que não.

Os Cavaleiros da Távola Redonda

Fique três dias!

por TROTE

O ver arriar-se a ponte levadiça àquela hora nocturna, Galvão mesmo sem querer, reteve o cavalo. Não devia desconfiar de tal hospitalidade? Quem eram os do castelo? Porque abriam assim as suas portas a um desconhecido? Não teve, porém, tempo para discorrer sobre o assunto: do outro lado da ponte levadiça, um cavaleiro gigantesco acompanhado duma donzela lindíssima dizia:

— Benvindo sejais, cavaleiro Galvão! Obrigado por terdes vindo a nossa casa!

O jovem esporeou o cavalo e num ápice se encontrou dentro do pátio do castelo. Mas vinha corado de vergonha. Tanto elogio para um pobre cavaleiro como ele, santo Deus! Desmontando, logo se ajoelhou aos pés da donzela. Não fazia isto apenas para prestar homenagem á castelã, mas também para esconder o seu pudor.

— Cavaleiro, disse a rapariga — e como a sua voz era linda! — Que honra é para nós a vossa visita!

— Mas conheceis-me? — espantou-se o jovem. — Decerto que vos enganais, senhora minha; eu não sou quem supondes: meu nome é obscuro; nada valho.

A rapariga riu-se. Virando-se para o cavaleiro gigantesco disse:

— Vede, pai, como é verdade que os Cavaleiros da Távola Redonda aprenderam e praticam o sublime dom da modéstia! Mas olhai, Galvão de Chamalote, que a virtude em demasia é defeito!... Por demais sabemos nós que todos os povos vos levantaram um altar no coração em louvor do bem que lhes tendes oferecido. Só os tiranos, os soberbos vos odeiam. Já não há camponês ou artesão — sei-o bem — que, ao sentir-se oprimido e mal tratado não suspire por vós, desta maneira: ah! se aqui estivesse o cavaleiro Galvão de Chamalote!

— Senhora — murmurou o jovem com as faces em fogo — que troçais de mim!

— Não! garantiu o dono do castelo — minha filha fala verdade. De todo o lado nos chegam notícias vossas e é com imensa honra que o tecto que vos abriga é o mesmo que o nosso.

E abraçou o moço.

Depois passaram-se belos dias para Galvão, entre festas, recitais de poesia, torneios e bailados. No entanto uma preocupação o perseguia: estava próximo o dia de Ano Novo: e o cavaleiro verde? e a Capela Verde?

Já só faltavam três dias quando o jovem se chegou a Godofredo, o fidalgo do castelo, e deu-lhe conta dos seus receios:

— Senhor, há meses que procuro um local onde terei de me encontrar sem falta, em dia certo. Por toda a parte tenho pedido informações: em vão! Não me sabereis vós dizer onde mora o Cavaleiro Verde? Concertei encontrar-me com ele na Capela Verde no dia de Ano Novo e não poderei faltar.

— E não faltareis, disso estou mais que certo — afirmou o cavaleiro com um largo sorriso. — A Capela Verde dista daqui uma légua, quanto muito. Partindo daqui no próprio dia de Ano Novo, chegareis lá bem cedo, a tempo, oh! e a tempo de almoçardes!... Por isso vos peço que fiqueis aqui mais três dias.

— Pois ficarei! — declarou o moço com grande alegria. Em verdade o coração já lhe estava preso ao castelo. Nunca em dias de sua vida encontrara donzela mais formosa que Lisalota. Que olhos! Que expressão! Que bondade! Que virtude!

— Já que aceitais o meu convite — continuou Godofredo — quero convosco fazer um divertido contrato: como acabais de fazer uma grande viagem não ireis á caça; ora eu dar-vos-ei tudo quanto caçar e vós, em troca, oferecer-me-eis tudo quanto vos derem no castelo? Aceitais?

Galvão riu-se muito do estranho jogo, mas aceitou pois era um dever de cortesia.

No dia seguinte enquanto Godofredo partia para a caça e por lá passava todo o santo dia, o jovem distraia-se no castelo na companhia de Leonor, a dona da casa, Lisalota, sua filha, e demais donas e donzelas. Ora ao descer da noite chegou Godofredo e com ele dezenas de escudeiros carregadinhos de boa caça.

— Tudo isto vos pertence, cavaleiro da Távola Redonda — bradou o recém vindo — e vós que tendes para me oferecer?

Galvão corou até á raiz dos cabelos; hesitou; teve vontade de mentir: mas logo sentiu que tal não era possível. Então erguendo lealmente os braços apertou o castelão num abraço e deu-lhe um beijo em cada face.

Esvoaçou por toda a sala uma revoada de risos. Só Lisalota baixou os olhos e ficou mais vermelhinha que uma romã.

— E quem vos deu tal favor?

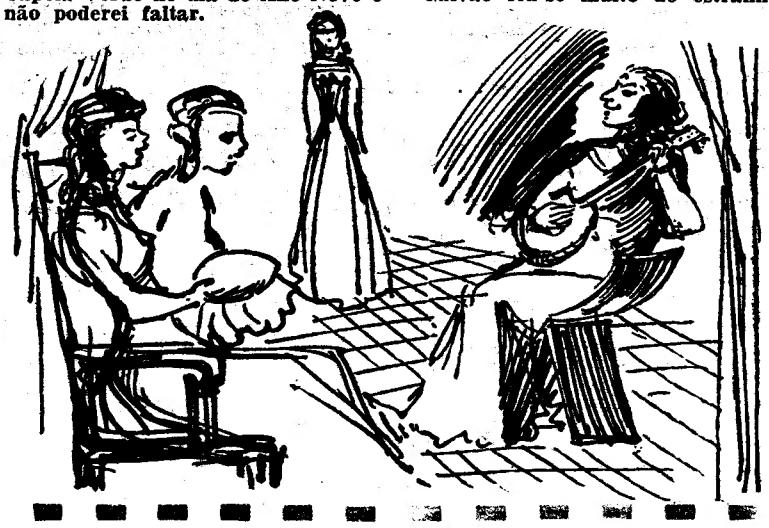
— Eu combinei que teria de vos contar também isso?

— Não, é verdade.

— Então não quereis saber o que não vos pertence...

Aquela noite terminou com belas festas. No dia seguinte, repetiu-se a cena e Galvão deu mais um beijo que na véspera e o cavaleiro não quis saber quem os tinha dado ao jovem. Mas no terceiro dia, os beijos já eram quatro. E mesmo assim Galvão não cumpriu o contrato, pois Lisalota oferecera-lhe um cinto mágico que salvava de todos os perigos quem o trouxesse consigo. Embora nunca tivesse faltado a uma promessa, o jovem não resistiu desta vez: pensava no terrível dia seguinte em que se defrontaria com o cavaleiro verde e teria de oferecer o pescoço ao machado impiedoso.

Oprimido por faltar, pela primeira vez na vida, aos seus compromissos, Galvão foi-se deitar. Teve sonhos, pesadelos e quando parecia estar certo da morte, vinha Lisalota e salvava-o...



(Próximo episódio: **A Vingança do Cavaleiro Verde**)

Diário de bordo

Amigo 1.547 — Carlos Manuel de Almeida (Coimbra): Manda a idade, sem a qual não te poderemos premiar.

Amigo 1.564 — Aníbal Manuel (Porto): Manda a idade, pela razão exposta acima. Só depois dessa indicação, poderemos atender o teu pedido.

Amigo 1.539 — Heitor Fernando Silva (Porto): Podes responder a ambos os concursos no mesmo postal.

Amigo 1.548 — José Manuel Monteiro (Lisboa): Vé a resposta anterior.

Amigo 856 — Francisco José Fernandes (Lisboa): Recebemos os trabalhos. O livro segue por estes dias. Como vai o «canto»?

Amigo 671 — Marília Quintela (Lisboa): Não, não havia ninguém no teu lugar. Sentimo-nos sempre contentes, quando vocês voltam, depois de uma ausência, sobretudo quando afirmam nunca ter esquecido o Juvenil. Assim, quando estamos longe, sentimo-los perto de nós; e o carinho e confiança dos nossos Amigos, são a melhor recompensa que o Juvenil poderia desejar do seu trabalho. Trabalho para vós, de resto. Vamos atender o teu pedido, o mais depressa possível.

Amigo 1.546 — Rosa Alice Beja Lopes (Coimbra): Vamos atender o teu pedido, no entanto com uma certa demora, pois não temos ainda correspondentes na Alemanha. Mas temos em Inglaterra; não quererás algum, uma vez que queres escrever em inglês? Aguardo a resposta.

Amigo 357 — Fernando Tavares Rodrigues (Porto): O artigo é deveras interessante, mas não podemos transcrevê-lo. Os artigos dos nossos Amigos sobre o assunto são aos montes. Falta-nos, sim, espaço para os publicar; não podemos tirar ainda desse pouco espaço para transcrições, não achas? Espero ansiosamente notícias da nossa comum Amiguinha que irás visitar nas férias. Ela preocupa-me sempre muito. Vou escrever-lhe directamente. Bem o merece, e bem hajas pela tua amizade, decerto preciosa.

Amigo 222 — Jorge Mário Horta (Lisboa): Obrigado pelas moradas. Já têm destino.

Amigo 1.344 — Maria Amélia Vítor (Lisboa): Vou escrever-te directamente.

Amigo 1.364 — Maria José Fonseca (Lisboa): Aqui tens o teu numero. Não o esqueças.

Amigo 1.142 — Fernando Leyra (Lisboa): Podes responder de duas maneiras. Ou dizer apenas o nome da figura publicada; ou fazer uma biografia acerca dela, com o tamanho que lhe quiseres dar — e assim ficas habilitado a prémio especial.

Amigo 945 — Maria Helena (Queluz): Sim, recebi o livro. E breve saem os resultados.

Amigo 1.499 — Aníbal Paulista (Lisboa): Nunca maças (que palavra tão feia, dirigida a um Amigo!). Vou arranjar-te uma jovem inglesa, estudante, está bem? Quanto á tua crítica, ela é bem pertinente, mas vocês têm de ter paciência. Os mais pequenos também gostam do Juvenil, e nós temos de pensar neles, embora lamentando que o papel não chegue para os pormos inteiramente separados de vocês. «Roubar» tempo, Amigo? Outra palavra que deve ser banida do vocabulário da gente honesta. O meu tempo é, em grande parte, vosso. Dispõe dele como entenderes. Nunca são demais as vossas notíeias. Creio que nunca me mostrei enfadado, com as vossas cartas; e, por vezes, as respostas demoram um pouco, é sempre pelo mesmo motivo, que bastante deploramos: falta de espaço no jornal.

Amigo 1.271 — António Ponce (Lisboa): Recebemos o trabalho. Agora espera um pouco.

Amigo 182 — António Maurício Esteves (Figueira): Recebemos o trabalho. Tu és dos «firmes» e muito te estimamos. As tuas palavras são sempre tão repassadas de amizade sincera e de compreensão que me é grato escrever-te. Fá-lo-ei dentro de dias. Ainda bem que gostaste do livro. Toda essa colecção é muito util para os estudantes. Gostaria que a pudesses ir adquirindo, a pouco e pouco. Se tens dificuldade nisso, e se quiseres, posso mandar-tos pelo correio. Os outros vão em breve, com a prometida carta. Com certeza que os livros se extraviaram, o que nunca aconteceu, até hoje. Tem paciência e espera que eu possa tirar o caso a limpo, sim?

Amigo 1.490 — Silvino Vieira Neto — Recebi o teu bilhetinho. O livro ainda não seguiu, nem nos foi entregue. Espero que dentro de dias, o assunto esteja resolvido; então, lá irá ter a tua casa.

TROTE

SE QUISERES...

Se quiseres colorir fotografias ou fazer pintura com tintas de aguarela, nós aconselhamos-te

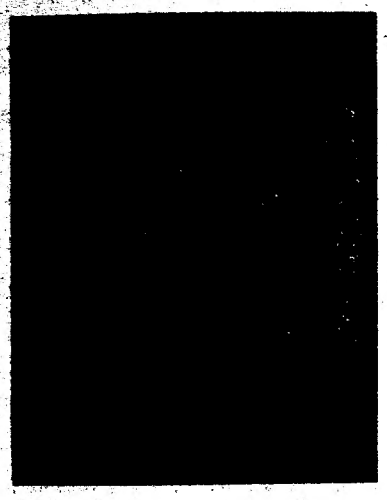
CORES «OLCAR»

Pedidos a

OLIVEIRA CARMO

Av. Rovisco Pais, 32, 3.º, Dto.
LISBOA

A VIDA AVENTUROSA DAS PALAVRAS



Os que se interessam, por pouco que seja, por questões de História portuguesa, sabem que inumeros documentos referentes a ela estão na *Torre do Tombo*.

Aconteceu que a torre levou algum tombo, algum trambolhão?

Eu pensava que sim, aqui há uns anos, pois desconhecia o significado da palavra *Tombo*. E de facto levou não um, mas vários e o maior de todos foi o terramoto de 1755, em 1 de Novembro.

Mas não é por isso que se chama *Torre do Tombo*.

Conta-nos Fernão Lopes na *crónica de D. Pedro I* que as economias reais eram transformadas em oiro e prata «para se pôr no castelo de Lisboa, em uma torre que para isso fora feita, que chamavam a *Torre Alvarrã*».

A torre alvarrã era, pois, um autêntico cofre forte, e por isso também lhe chamavam a *Torre de Haver*.

Por ser muito bem construida quis o rei D. Fernando que ela guardasse não só o tesouro metálico, mas também a riqueza da documentação que serve de base ao conhecimento dos factos e que, portanto, também constitui um tesouro.

E a torre passou também a ser conhecida pela designação de *Torre do Tombo*, porque *Tombo* quer dizer *Arquivo*, coforme se vê no dicionário de Morais: *Tombo — inventário autêntico dos bens e terras de alguém com suas confrontações, rendas, direitos, encargos, demarcações, etc. Torre do Tombo: a casa em que se conservam os livros, registos ou originais das leis, escrituras publicas, contratos, tratados com as nações estrangeiras, etc.*

Temos a concluir, que *Torre do Tombo* significa *Torre do Arquivo*.

Outro problema é determinar de onde nasceu este significado, a palavra *tombo*.

Adolfo Coelho afirma que *tombo* vem de tomo (volume). Cortesão e Figueiredo dizem que vem de *tumulo*, que em latim significa montículo porque os primeiros tumulos eram montículos de pedra e terras. Agostinho de Campos recorda-nos que em Trás-os-Montes o povo dá ás *mamoas* (montículos de origem pré-histórica) o nome de *tombeirinhos*. Tombo surgiria portanto, a dar a ideia de juntar, de amontoar.

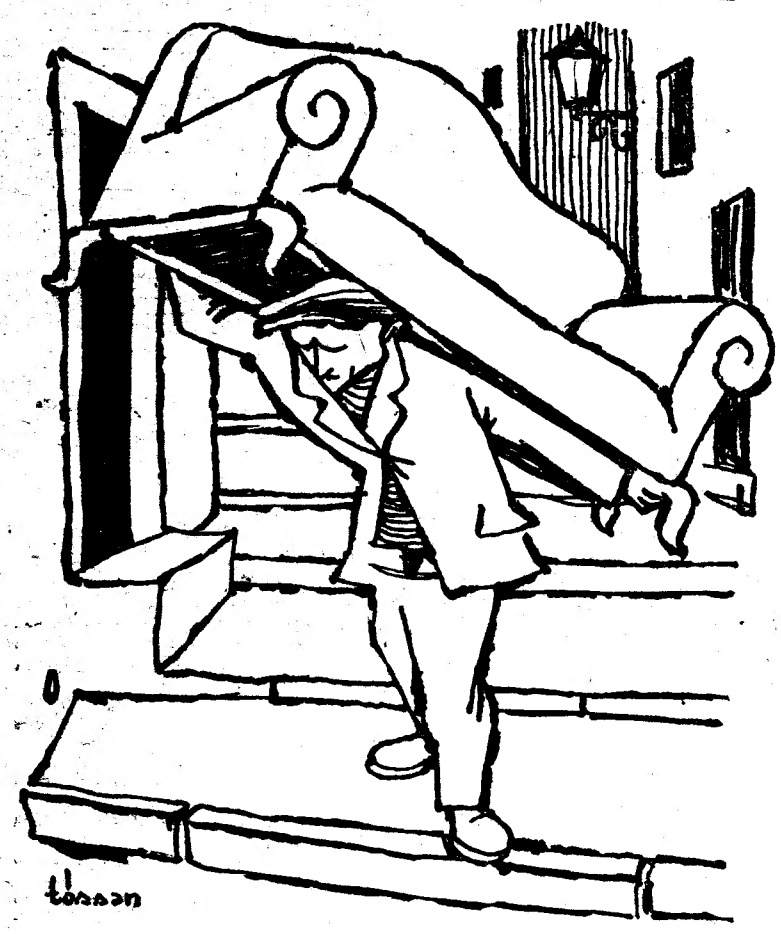
Agostinho de Campos lembra também que o povo emprega as palavras *monte* com o sentido de *herança*.

Tumulu teria dado *tombro*, como *cumulu* deu *combro*.

O verbo *tombar* (com o sentido de cair) não se sabe de onde vem, é uma espécie de filho de pai incónito. Uns dizem que teve origem no germanico tûmôn, que no alemão moderno deu taumeln. Outros dizem que é de origem onomatopaica (tumba! indicativo da queda de um objecto).

E assim a *Torre do Tombo* nos obriga a andarmos por aqui aos tombos...

Por
Natália da Fonseca



FLASH

A PERNA DO SOFA'

Tudo tem fim, no Mundo. Tudo, até as Escadinhas do Duque.

Não vou dizer onde ficam, toda a gente sabe. A descer são muito suaves, a subir muito rudes.

Escadas, e está tudo dito.

Um dia destes, um lindo dia de Primavera — ainda não — e por isso mais gostoso ainda.

Parti do alto, assobiando como quem vai ao encontro de uma aventura jovial.

Alegre como uma caixa de lápis de cor nas mãos de uma criança.

Ao mesmo tempo com uma desgraça dentro de mim de não ser pintor, para dar os ângulos, as perspectivas, ao casario que tem por rei o Castelo de S. Jorge.

Na vida há ainda muitos motivos de tristeza, sem duvida menos do que ontem. E se recuarmos este ontem um bocadinho, a diferença deixa-nos abismado!

Aí está porque eu ia assobiando que nem um melro. Além do mais, encontrara um amigo, comprara um livro, escrevera um verso! Manhã em cheio, estão a perceber.

Eis que á minha frente, na ponta do assobio galhofeiro, vejo o homem carregando o sofá. Soterrado nele. Se o Mundo fosse como devia ser, de duas uma: ou aquele homem não existia carregando aquele sofá, ou todos nós correriamos a ajudá-lo, a dividir por todos a dificuldade.

Pois não, senhor.

Na vida que levamos é cada qual á sua e pronto. Como o povo diz «a vida custa a todos». Se não vamos a reagir contra isto, os homens transformam-se em compartimentos estanques e, um por cada vez, serão dominados e vencidos.

Vai-se este pensamento insinuando em mim, soiapando o assobio alegre, quando sobrevem o desastre: o carregador não viu o estore da pastelaria, deu nele um pinhão com o sofá que atroou este Mundo e o outro. Ele e o móvel giraram descompassadamente, á esmola de um equilíbrio que não aconteceu. Dançaram a toda a largura do patamar, o pé resvalou num degrau, foram de roldão, qual por baixo, qual por cima. Tudo em menos de um segundo, ah!, as grandes catástrofes tão rápidas!

Corremos todos a levantar o pobre. O olho esquerdo posto abaixo, a camisa rasgada, o cotovelo em chaga viva. E um fiozinho de sangue escorrendo ao canto da boca...

—Isto não tem importancia — dizia ele. — Não tem importancia. O pior é que hei-de pagar o sofá ao freguês, isso é que vai ser.

Estúpido que a vida possa arder por motivos como este de ter pagar a perna torta do sofá. Que a saúde não importe, que o sangue, a dor não importem, comparados com a perna augusta do sofá. Absurdo.

O assobio deixou-me só.

Conhecimento da História

Como várias vezes temos dito, muitas são as ocasiões em que jovens nos pedem para lhes indicarmos livros sobre História. Como o normal é pedirem-me indicações de obras em português — nós temos sempre de lhes indicar a melhor colecção que se publica entre nós, no género.

Refiro-me a «A VIDA QUOTIDIANA», de que já saíram os seguintes volumes:

1 — *A VIDA QUOTIDIANA DOS ASTECAS NAS VÉSPERAS DA CONQUISTA ESPANHOLA — por Jacques Soustelle*
2 — *A VIDA QUOTIDIANA NO EGIPTO NO TEMPO DOS RAMSÉS — por Pierre Montet*
3 — *A VIDA QUOTIDIANA NO TEMPO DE HOMERO — por Emile Mireaux*
4 — *A VIDA QUOTIDIANA NO TEMPO DOS ÚLTIMOS INCAS — por Louis Baudin*
5 — *A VIDA QUOTIDIANA EM ROMA NO APOGEU DO IMPÉRIO — por Jerôme Carcopino*

Dentro de breves dias sairá a VIDA QUOTIDIANA NO TEMPO DE JOANA D'ARC, por Marcelin Defourneaux, em tradução da nossa colaboradora Maria Helena da Costa Dias.

Edições de Livros do Brasil, Lda.

PARA VINGAR O SEU MELHOR AMIGO...

Para vingar o seu melhor amigo, morto traiçoeiramente pelo Marquês de La Tour — nobre cruel e orgulhoso — André vê-se impelido a seguir uma carreira muito diferente da que imaginara para si. Em breve se tornou um verdadeiro paladino do povo.

Forçado, uma vez, a esconder-se, vai para um teatro ambulante de artistas amadores. A sua inteligência e cultura dão-lhe aí um lugar de relevo como autor e actor. No palco encarna a figura de «Scaramouche» e dá a esta figura um alto significado social.

Entretanto arranja emprego numa sala de armas onde se torna exímio espadachim. Vence em vários duelos os partidários do Marquês, tornando-se um herói verdadeiramente popular. Depois de extraordinárias aventuras, que têm como fundo histórico a Revolução Francesa, «Scaramouche» consegue descobrir o grande segredo da sua vida.

Eis em breves linhas o enredo de «SCARAMOUCHE», belíssimo romance de Rafael Sebatini, que a Portugália Editora acaba de lançar, em tradução da nossa colaboradora Maria Helena da Costa Dias e com capa e desenhos de Figueiredo Sobral, também nosso colaborador.

E' um romance de excepcional interesse, que recomendamos a todos os leitores.

QUE CULPA TENHO EU?

por AGOSTINHO DE BRITO MACEDO

Os Marcianos, segundo afirmavam os jornais do dia anterior, chegavam ao meio-dia. Eram nove horas e eu, numa grande velocidade, engoli o café e dirigi-me a casa do meu amigo Castro. O Castro é um paspalhão. Calculem a minha cara, quando surgiu a Olímpia, a maior criada que eu vi até hoje. Devia de pesar aí uns 100 quilos. Era uma enormidade, tanto de altura, como de largura. Pois, a Olímpia disse-me com a maior das calmas:

— O sr. Castro ainda está deitado.

Enfiei pela casa dentro, corri ao quarto do meu amigo, abri a porta e fiquei na frente do Castro. Estava deitandiho na cama, mergulhado num sono tão profundo, que eu receei que ele se afogasse. A Olímpia e eu, abanámo-lo até ele acordar.

— Toda a gente sabe que quando há assim casos destes, eu quero levantar-me cedo. — disse o Castro, em pijama, empurrando-nos para a parto do quarto — Agora rua, que eu quero vestir-me.

Saímos para o corredor. A Olímpia, que já estava acostumada com aquelas cenas, caminhou cantando uma canção, que tinha estado em voga, uns trinta anos atrás.

Como devia ser bonita, daí a pouco, a chegada dos nossos amigos de Marte. Os vivas, gritados por um mar de cabeças, com uma boca cada uma. No aeroporto, lenços acenando e depois o desfile. O desfile das tropas de Marte. Devia ser colossal. Iam descer a Avenida da Liberdade, com as suas armas modernas.

De subito, a porta do quarto do meu amigo, abriu-se e ele surgiu,

A CHEGADA DOS MARCIANOS

— Calma, calma. Já estou acordado. Mas, que é que se passa? Não se pode dormir?... Aconteceu alguma coisa?

— Claro que aconteceu — respondi, tentando ficar o mais calmo possível—então o meu amigo, não se lembra de ontem termos combinado, eu vir aqui ter, ás nove horas, para irmos esperar os Marcianos.

— Que horas são?

— São nove e meia.

— Nove e meia? — berrou o Castro horrorizado.

— Porque é que não me acordaste? — perguntou á pobre Olímpia.

— O senhor não disse nada... Como é que eu havia de saber que tinha de o acordar?

já vestuo, correndo na direcção da cozinha...

Chegámos á rua. Vá lá. Ainda havia pouco movimento. Mesmo assim já estava muita gente com cadeirinhas esperando, na Avenida. Eram quase dez horas.

— O melhor é chamar um taxi, — sugeriu o Castro, e eu concordei.

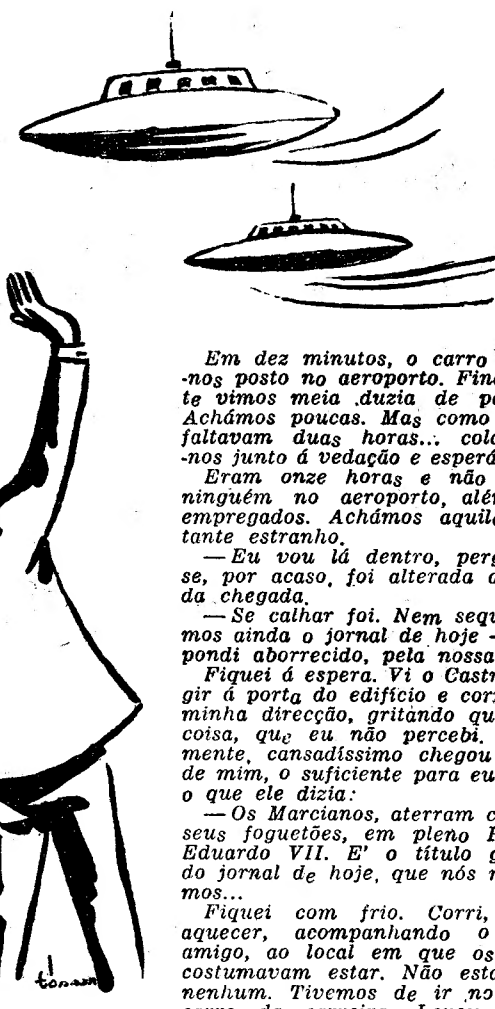
— Para onde desejam ir?

— Para o aeroporto... O mais depressa que possa — disse eu.

O automóvel, atingiu uma velocidade satisfatória.

— Já reparaste, que há pouca gente por aqui? Tão poucos carros — disse-me ao ouvido o meu amigo.

— Ainda é cedo — respondi — ainda faltam duas horas.



Em dez minutos, o carro tinha-nos posto no aeroporto. Finalmente vimos meia duzia de pessoas. Achámos poucas. Mas como ainda faltavam duas horas... colocámo-nos junto á vedação e esperámos...

Eram onze horas e não havia ninguém no aeroporto, além dos empregados. Achámos aquilo bastante estranho.

— Eu vou lá dentro, perguntar se, por acaso, foi alterada a hora da chegada.

— Se calhar foi. Nem sequer lemos ainda o jornal de hoje — respondi aborrecido, pela nossa falta.

Fiquei á espera. Vi o Castro surgir á porta do edifício e correr na minha direcção, gritando qualquer coisa, que eu não percebi. Finalmente, cansadíssimo chegou perto de mim, o suficiente para eu ouvir o que ele dizia:

— Os Marcianos, aterram com os seus foguetões, em pleno Parque Eduardo VII. E' o título grande do jornal de hoje, que nós não lemos...

Fiquei com frio. Corri, para aquecer, acompanhando o meu amigo, ao local em que os taxis costumavam estar. Não estava lá nenhum. Tivemos de ir no autocarro da carreira. Levou quase uma hora. Quando chegámos á Praça do Chile, apanhámos um taxi, que teve de ficar a mais de cinco quilómetros de distancia do local por onde devia passar o cortejo. Tentámos furar através da multidão e finalmente, na Avenida da Liberdade, atrás de não sei quantos milhares de pessoas, estávamos prontos para assitir á passagem do cortejo. Claro que não viamos nada. Só cabeças e braços acenando. Os Marcianos deviam de estar desfilando lá na frente da 1.ª fila.

— Também que interesse temos nós em ver os Marcianos, se amanhã vamos ver as fotografias deles nos jornais? — disse eu, para o Castro, com o meu ar mais amigável e bem disposto, rindo já do que nos tinha acontecido.

E ele só respondeu:

— Deves-me vinte escudos de taxis...

Sujeito sem humor, o meu amigo Castro...